Diário de Lisboa

CONCURSO 58 ANOS

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Abril 1979
Terça-feira
24

ANO 59.º
N.º 19 939
10$00

O 25 de Abril comemora-se na rua

Vasco Lourenço Martins Guerreiro Franco Charais e Pezarat Correia

Respondem ao Questionário "DL"

As comemorações do 25 de Abril têm, este ano, um carácter acentuadamente popular. Inúmeras iniciativas populares e das forças democráticas multiplicam, numa grande afirmação democrática e de consciência antifascista as comemorações oficiais. É um bom sinal que o povo se associe às comemorações do 25 de Abril, se considere com elas identificado, e recorde a Revolução como aquilo que foi: a festa da Liberdade reencontrada.

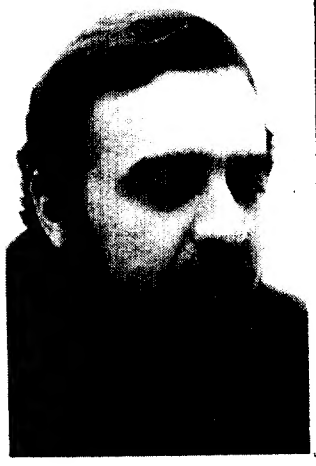
Porque o 25 de Abril – a cinco anos de distância não será necessário recordá-lo – não pode ser reduzido a um pronunciamento militar frio, preparado no segredo das salas de oficiais. O acto militar foi potencializado pela adesão popular entusiástica. Foi a **rua** que deu força aos militares e dissuadiu os fascistas. Foi **na rua** que a Revolução, sem combate, se ganhou.

O povo desceu à rua, inundou as ruas e praças, e reconheceu-se nos seus filhos e irmãos fardados. E essa força imensa, converteu em vontade popular soberana a decisão dos militares patriotas: derrubar a ditadura fascista, instaurar a Democracia. Os votos, em eleições livres, confirmaram apenas a vontade popular proclamada nas ruas: construir, em Liberdade, um País novo, um Portugal liber-

Continua na pág. 3

MANUEL ALEGRE:
Há que saber quem está por detrás desta crise

Pág. 9



ALVARO CUNHAL:
Porque são necessárias as eleições intercalares

Pág. 12

Faz amanhã cinco anos: no momento em que a foto foi obtida, Caetano ainda não saíra do Quartel do Carmo...

HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

A falta de uma política clara e coerente sobre o problema do fornecimento de papel e o natural relevo que hoje damos às comemorações do 25 de Abril forçam-nos a publicar o «Exclusivo» apenas com quatro páginas. Dois temas se destacam no suplemento de hoje: a queda do governo de Amin e a «paz americana» no Médio Oriente.

DIZ A CGTP-IN APÓS ENCONTRO EM S. BENTO

"Demissão do Primeiro-Ministro seria um acto de patriotismo"

«Pensamos que um acto de patriotismo saudável do senhor Primeiro-Ministro seria demitir-se» – afirmou esta manhã aos jornalistas José Luís Judas, do Secretariado da CGTP-IN depois de uma longa entrevista com o Primeiro-Ministro o prof. Mota Pinto.

Os representantes da CGTP foram chamados a S. Bento para discutir com o Governo alguns aspectos relativos à próxima proposta do Plano a apresentar à Assembleia da República, nomeadamente sobre o tecto salarial dos 18%.

Sem que tenham tomado conhecimento de nenhumas propostas concretas do Governo sobre a questão, os dirigentes sindicais manifestaram-se contra qualquer limitação à liberdade de contratação que, além de violar convenções da OIT sobre o tema, desvirtuaria, contra os trabalhadores, as repetidas manifestações de intenção do Governo, no sentido de defender uma economia livre.

Essa liberdade de contratação seria importante para corrigir a política governamental relativamente ao nível de vida.

Segundo afirmou José Luís Judas, depois da rejeição do decreto-lei do Governo dos 18% pela Assembleia da República, os trabalhadores são absolutamente livres para negociar, uma vez que o anterior diploma caducou em 31 de Dezembro do ano passado.

«Diário de Lisboa»

Amanhã, feriado nacional, comemorativo do 25 de Abril, não se publica o nosso jornal, estando encerrados todos os serviços.

Voltamos ao contacto com o público leitor do «Diário de Lisboa» na próxima quinta-feira, em que será integrado o suplemento «Mesa-Redonda», que se publica habitualmente às quartas-feiras.

CONCURSO DL

Hoje 19.º cupão

E CADERNO ESPECIAL 1939

A Reforma e os Reformistas mais a Contra-Reforma

Manuela de Azevedo
(jornalista do «DN»)

Longa, penosa, confusa e às vezes até sombria è a história da Igreja. Mesmo sem pormenorizar causas do seu errantismo missionário, nem crises de espiritualidade que frequentemente perturbaram a sua paz no interior da crença e no exterior das sociedades, duas identidades seriam de apontar-lhe, a física e a espiritual. No que respeita ao mundo material, lembrar-se-á que, abandonando o sonho de criar uma pátria «jus solis» na Europa, terá sido o Brasil a sua última esperança imperialista. O Tratado de Latrão, porém, sem lhe diminuir o reino de Deus, reduzir-lhe-ia o predomínio físico a um pequeno enclave na cidade de Roma. Esse haver de contentar-se com tão pouco no reino da terra ter-lhe-ia sempre impulsionado o alargamento do reino do Ceú, embora nem sempre lhe fosse fácil o governo das almas.

Mesmo sem falar do cisma de 1054 que gerou a primeira funda divisão no seu seio, mesmo sem falar do grande cisma do Ocidente nem dos movimentos heréticos fortemente combatidos (as primeiras perseguições na península seriam incumbidas a S. Frei Gil, de Amarante ou Santarém) mesmo sem falar de outras cisões, a partir do próprio corpo dos seus ministros recorda-se a Europa do século XVI dividida em duas, por causas religiosas.

Era a Reforma preconizada pelo cauto Erasmo, divulgada pelo truculento Lutero e aproveitada pelo astuto Calvino. O progresso científico e social renascentista não aceitara o mercadejar das almas e o perdão de pecados a troco de indulgências. Por muito desequilibradas que estivessem as finanças da Igreja e faltasse o dinheiro para concluir a sumptuosidade da basílica de S. Pedro, Leão X era contestado e, com ele, a sua política económico-financeira. Assim haviam nascido os reformistas, aqueles que, sob a máscara da pureza de princípios e do regresso às raizes da Igreja se aproveitavam da miseria e da ignorância do povo, para o levar a crer que a verdade, a esperança, a felicidade e a conquista do reino do Céu estariam com eles, na oportunidade do oportunismo.

Esta memória pouco mais do que uma sinalização toponímica no percurso histórico vem a propósito de uma palavra, actual, também ela envolvida de uma mísitca ou de um mito que é o reformismo. Todos os luteranos ou erasmistas, uns dissidentes outros excomungados, dos vários cismas (e com várias cismas), dizendo-se contrários à polémica partidária (leia-se religiosa) tentam fazer crer aos cegos e desesperançados num reformismo que se espera seja só até vésperas de eleições um movimento de opinião, de quantos sentem o desencanto de pagar com austeridade o direito à fruição dos bens celestes. Esse movimento, já muito bem criado à sombra da Ante-Reforma de facto, Salazar era antipartidos e usava a repressão, por achar que o povo não estava preparado para a Democracia, o que jamais o levaria a ensinar-lhe tais práticas...) viceja e medra agora à sombra de um Erasmo que, falando ou silenciando, serve o mesmo reformismo.

Com o seu beneplácito ou não (saber-se-á antes que cheguemos às eleições) o erasmismo reformista é o ovo de um pinto que mal nascido, um corpo de novo partido, ávido e truculento da avidez que no dizer de um dos seus próceres caídos do «poleiro», se chama a ambição dos políticos no comando da capoeira, ainda que por seis meses apenas. Seis meses de ministério, preconizados pelo luterano dr. Medeiros Ferreira, que em dois anos e meio de ministro não teve tempo de chocar o ovo posto por Erasmo, não é já condenação de um reformista?

Tendo nas mãos todos os órgãos da comunicação social, onde todos os dias sobe o tom da sua censura, a pregação reformista é por agora mansa, sistemática e cismática, fazendo o contraponto às vozes da Assembleia da República. A Assembleia da República que, na defesa dos direitos do povo, sofreu aos olhos deste, desmoralizado pelo reformismo direitista, o sério desgaste da sua própria razão de ser feita de partidos. Seria então de perguntar se a fragilidade da opção democrática resistirá ao desgaste da propaganda reformista e ao aceno de uma melhoria de vida que nenhum partido, nenhum Lutero, Calvino ou Erasmo poderá dar-lhe nestes anos mais próximos...

O que perturba, porém, nesta estranha monocotilédone, neste aleijão, neste hibridismo aberrante e degeneresccnte do unionismo antidemocrático, nesta união nacional de mau cariz, é chamarem-se reformistas da Democracia e serem antidemocráticos, e atacarem a Democracia nas suas vigorosas práticas universalmente consagradas, e dizerem-se democratas, e contarem, enfim, com a força militar direitista para violar o Direito.

Será então importante não esquecer que muitos dos reformistas trazem uma longa e algumas vezes macabra experiência de militantes de ortodoxias tanto das direitas como certas esquerdas? Sendo assim, se entenderá que se proponham ser reformistas dos instrumentos mais democráticos da Democracia: o pluralismo ideológico, os partidos e a Constituição que os consagra, o sufrágio directo a institucionalização de um socialismo, para começar humanista, contra vendedores de indulgências que só o capital pode comprar. É certo que neste confuso tabuleiro de xadrez estão em jogo interesses centralizadores e unitários, como aqueles que estiveram em presença, logo em seguida ao 28 de Maio. E são os antimilitaristas de ontem, os reformistas de hoje que se acolhem à sombra das forças militares mais conservadoras.

Uma manipulação da opinião pública, bem orquestrada em jornais, rádio e televisão, se vai desenvolvendo sob a capa do pluralismo democrático. A última palavra do Governo, que já abusivamente se auto-reclama de reformista, certo como está de ser Executivo consentido mas não desejado, é uma espécie de «e também penso que é preciso destruir Cartago». Mas nem qualquer arauto do reformismo, porque não é amado – as massas não tomam a sério heróis de palmo e meio – ignora não ser Catão, o censor, visto que alguns desses fazem impostos mas não sabem contar os seus recenseados, nem os partidos gozam da luxúria cartaginesa, a pontos de serem perigo para a Democracia.

Talvez seja de principiar a pensar na necessidade de fazer eleições antes que os narcóticos do reformismo e do falso independentismo se insinuem na alma do povo e o adormeçam. Há que advertir o povo dos perigos que ascende um reformismo e sem independentismo, que se baseia à partida, em inadaptados, em ambiciosos, em fogos-fátuos, naqueles enfatuados que, ao serem despojados de cadeiras de presidência (se é que não são simplesmente despeitados porque nas mesmas não foram sentados) agora se opõem aos partidos, preferindo à Democracia a plutocracia, preferindo à autonomia a autocracia fardada.

O protesto sem voz com que neste momento o povo vai aceitando os novos furos no cinto da austeridade (por contraste com atitudes anteriores) é já começo de rendição às forças que se desenham nos vários parâmetros do reformismo e do apartidarismo. O reformismo que já se ouve na boca de jovens e adultos sociais-democratas, desforra de Mota Pinto, incondicional adversário político de Sá Carneiro desde os tempos de Aveiro, ainda que por pudor ou como Pôncio Pilatos não se veja obrigado a bater no peito um «não sou culpado» nem um «non possumus»...

E, entretanto, as forças da extrema-direita, em apoio aos reformistas, vão inchando um balão de pretensa solvência e de pretenso revolucionarismo. Já se atrevem as vozes do poder a falar em clima pré-insurreccional para os lados do Alentejo.

Em que evidência, pois, precisam de se apoiar os da contra-reforma, que não seja avançar? Avançar, enquanto for possível para as eleições, se preciso. Ou, pelo menos, para uma pré-campanha eleitoral que não permita o acordar dos lobos nem o adormecimento dos mansos rebanhos que são todos aqueles que toleraram quarenta e oito anos de vexame à sua condição de homens livres...

A publicação deste artigo de Manuela de Azevedo, que por ela nos foi solicitada, reafirma a vocação do «DL» ser um território livre, nesta hora em que alguma imprensa é novamente a voz de quem manda.

ANO 18.º DOMINGO, 3 DE DEZEMBRO DE 1939 N.º 6418

Diario de Lisbôa

DIRECTOR JOAQUIM MANSO

A GUERRA NA EUROPA

Combate-se na orla da floresta de Warndt

onde os alemães conseguiram ocupar uma posição francesa, que pouco depois tiveram de abandonar

A posição da Italia

A SUECIA

19

CONCURSO

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

COM OS OLHOS NAS CRIANÇAS

Feira Popular abre amanhã

Este ano dedicada fundamentalmente à criança, a Feira Popular de Lisboa abrirá amanhã, a partir das 19 horas, as suas portas, no local habitual, ou seja no recinto de Entrecampos, onde até 1962 esteve instalado o Mercado Geral de Gado.

A porta principal encontra-se decorada com motivos alusivos ao Ano Internacional da Criança, havendo preparadas exposições de desenhos feitos por alunos de várias escolas primárias.

Durante o período de funcionamento da Feira estão previstas visitas guiadas e distribuições de livros às crianças.

Como já é tradicional, o produto da Feira reverte para a Colónia Balnear Infantil de «O Século», que tem no certame a sua única fonte de rendimento.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Imprensa de Maputo critica Igreja Católica moçambicana

A Imprensa moçambicana começou a publicar uma série de artigos de crítica à atitude histórica da Igreja Católica naquele país.

No primeiro dos artigos saídos no jornal «Notícias», de Maputo, afirma-se que, durante o período histórico anterior à independência, «nem uma única vez ouvimos a voz dessa mesma igreja – como instituição – levantar-se a favor do povo oprimido. Dela apenas conhece o povo e o mundo o activismo colaboracionista ou o silêncio cúmplice».

Declara-se ainda que, dos padres e bispos que levantaram as vozes contra «a guerra de agressão colonialista», todos eram estrangeiros, incluindo alguns portugueses, «nenhum deles era moçambicano».

O articulista diz constatar que «nenhum dos actuais prelados e padres moçambicanos teve a coragem destes raros estrangeiros de se manifestar contra o colonialismo e a sua barbárie contra o povo», e que apenas se começaram a manifestar após a independência, para denunciarem o Estado e a Frelimo.

Recorde-se que a Igreja Católica em Moçambique se tem queixado de grande falta de liberdade de acção.

"Voz do Povo" sai amanhã

O semanário «Voz do Povo», apesar da ocupação das suas instalações por militantes do PCP (R), irá retomar, já na próxima terça-feira, a sua edição normal, estando, entretanto, já preparado para amanhã um número especial dedicado ao 25 de Abril, segundo revelou esta manhã ao «DL» o seu director, João Espada. Esse número, para além da inclusão de vários depoimentos relativos à situação do jornal, contará ainda com a colaboração de nomes como os de Mário Dionísio, António Arnaut, Maria Belo, José Manuel Nunes e José Mário Branco.

Neste momento a Redacção da «Voz do Povo» funciona provisoriamente entre as 18 e as 19 horas, na Livaria Opinião, na Rua Nova da Trindade.

TERMINOU O I CONGRESSO BERTRAND

Produção livreira: só 4% é exportada

PORTO, 24 – Com um debate sobre «a problemática do livro na sociedade contemporânea: o autor, o editor, o tipógrafo, o distribuidor e o leitor», colóquio este presidido pelo secretário de Estado do Comércio Externo, eng. Correia Guedes, terminou, no Clube Residencial da Boavista, o 1.º Congresso Nacional Bertrand, que ali decorreu desde o dia 17, conforme ontem noticiámos.

Na oportunidade, Correia Guedes informou que em 1976 ter-se-iam publicado em Portugal 11 milhões de livros, 4 por cento dos quais se destinaram à exportaçao, sendo 70 por cento adquiridos por Angola e Moçambique. Servindo-se de estatísticas da UNESCO, relativas também àquele ano, o secretário de Estado indicou os países com maior número de títulos por milhão de habitantes: Jugoslávia, 790; Espanha,686; USA, 386; URSS, 320; Índia, 24. No que, respeita a novos títulos, apontou: Espanha, 24.000; Brasil, 12.271; Polónia, 10.500; Checoslováquia, 10.000; e Portugal, 7300.

Este congresso foi considerado um êxito pelos organizadores, tendo sido mais participados pelo público os debates dos dias 19 e 20, respectivamente «Dia do Ensaio» e «Dia do Romance».

FIARTIL: artesanato português para estrangeiro comprar

Para coordenar as iniciativas turísticas da Costa do Sol, Sintra, Mafra e Lisboa, representantes daquelas áreas e órgãos reuniram-se no Palácio da Mitra, como habitualmente o fazem todos os meses. Vários assuntos foram abordados, e um deles, a realização da Fiartil (Feira Internacional de Artesanato do Estoril), a levar a efeito naquela localidade, de 29 de Junho a 2 de Setembro, para a qual o representante da Junta de Turismo da Costa do Sol solicitou a participação dos órgãos locais presentes, em especial a Câmara de Lisboa.

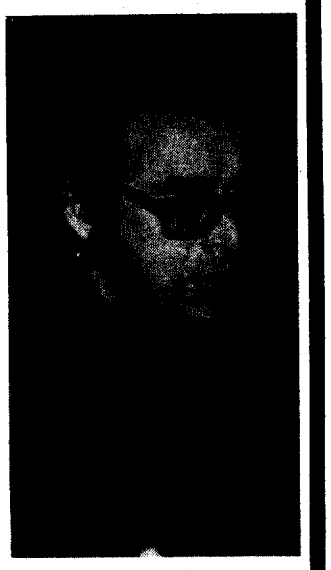
O presidente da Câmara Municipal de Cascais comunicou aos presentes a intenção de promover naquela vila (Praça de Touros) os «Jogos Sem Fronteiras», em 5 de Setembro próximo, aproveitando a oportunidade para a promoção turística da zona – dada a presença de sete estações de TV estrangeiras que farão a cobertura do acontecimento para os países participantes.

Na reunião foram ainda abordados diversos aspectos relacionados com a programação do II Congresso Local e Regional em que se vai procurar imprimir um carácter mais técnico, abrindo sectores de análise em relaçõ ao futuro decorrente da nova situação a criar com a aplicação integral da Lei das Finanças Locais.

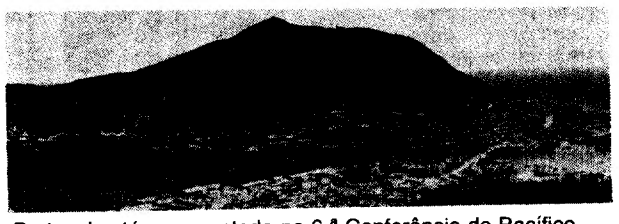
PASSAGENS
AVIÃO · COMBOIO · BARCO · PULLMAN
Preços das companhias
— consulte-nos —
agência abreu
LISBOA — Av. da Liberdade, 180 • Telef. 371341

ponto a ponto

A União Interparlamentar decidiu unanimemente que os parlamentares dos países membros devem pressionar os respectivos governos para acelerar o processo de desanuviamento e garantir um desarmamento efectivo e controlado. A revelação foi feita pelo deputado Rudolfo Crespo, chefe da delegação portuguesa, que ontem regressou de Praga, onde participou na reunião da Primavera daquela organização internacional. A reunião congregou deputados de 73 países, que decidiram ainda condenar o regime de «apartheid» e não reconhecer as eleições na Namíbia.



Está a decorrer desde ontem no Santuário e Fátima, sob a presidência do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, a primeira reunião ordinária deste ano da Conferência Episcopal Portuguesa. No decorrer dos trabalhos da Assembleia Plenária do Episcopado, os bispos debaterão, entre vários assuntos, o estudo das directrizes básicas para a formação sacerdotal e o regime de aprovação e publicação dos catecismos e demais têxtos destinados à educação cristã.



Portugal está representado na 6.ª Conferência do Pacífico da Reabilitation International a decorrer em Seul até ao dia 27 do corrente mês, pela dra. Alice Folgado, secretário nacional adjunto do Secretariado Nacional de Reabilitação. Da agenda de trabalhos desta reunião que decorre num país onde, por exemplo, de aviões velhos se fabricam próteses para deficientes, a demonstrar o maior aproveitamento dos recursos existentes, constam temas como a prevenção da deficiência, e o desenvolvimento de èsquemas de integração social e profissional.

A quinta UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento) e o protocolo da Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA) foram discutidos entre os ministros do Comércio de Portugal e da Espanha. O ministro espanhol, Garcia Diez, declarou à Imprensa, que no próximo mês de Maio o protocolo (anexo do acordo EFTA-Espanha e que regula as relações comerciais deste país em Portugal) deverá estar concluido. Afirmou ainda que espera firmar no mês de Maio um «convénio turístico com Portugal», mediante o qual será possível a colaboração dos dois países na construção conjunta de hotéis e na comercialização simultânea da oferta turística.

Representantes dos partidos políticos que na Assembleia da República aprovaram a Constituição participam hoje na Sociedade Portuguesa de Autores numa sessão sobre «A Constituição, a liberdade de expressão e o direito de autor». A sessão em que também fala o presidente da SPA, Luís Francisco Rebelo, comemora o 5.º aniversário da queda do fascismo «que tão duramente limitou a actividade criadora dos autores portugueses» e o 3.º da entrada em vigor da Constituição que expressamente consagra a protecção legal dos direitos de autor.

O 25 de Abril comemora-se na rua

Continuação da pág. 1

tado e libertador, um Portugal Democrático.

Não pretendemos ignorar que no conjunto das comemorações do quinto aniversário do 25 de Abril, se inclui a sessão solene da Assembleia da República, sessão onde os partidos políticos pronunciarão os seus respectivos juízos sobre o histórico acontecimento, sessão que contará com a presença e a palavra do Presidente da República,

Mas os jogos estratégicos nesta hora de crise e o juízo dos homens a antecipar o da História, contarão menos, inevitavelmente, que a participação popular, em pequenas aldeias, nas vilas perdidas no mundo rural, nos bairros proletários, nas ruas das grandes cidades. O povo tem, também, uma palavra a dizer. E não a dirá só pela voz dos seus representantes eleitos. Di-la nas ruas.

Diz essa palavra para criticar o mau governo e quanta actuação contra Abril, das cadeiras do Poder contra a vontade popular e os interesses nacionais, ao longo destes anos tiveram possibilidade de ser realizados. Mas não esquece, na queixa e no protesto que as dificuldades materiais suscitam, que as largas conquistas de Abril, apresentam muitos aspectos positivos. A festa do 25 de Abril, mesmo nas comemorações populares mais simples, revela um conteúdo político mais denso e mais forte, do que algumas comemorações oficiais.

Nas comemorações populares não está em causa um posicionamento táctico com vista a desenvolvimentos políticos futuros, mas a forte vontade de defender Abril, a compreensão revolucionária e patriótica do significado político da Revolução Portuguesa do 25 de Abril de 1974.

Dos três objectivos fundamentais que a Revolução libertadora se propunha – democratizar, descolonizar, desenvolver – é razoável reconhecer que o terceiro, o desenvolvimento económico não foi atingido. Estamos em plena **crise.** Mas a **crise** – que sob muitos ângulos não é só portuguesa – é mais grave devido a circunstancialismos concretos. Um deles derivará da própria circunstância da **democratização** não ter ido tão longe quanto era possível e não ter sido tão radical quanto era necessário.

Realmente, a nossa Revolução, em virtude das dificuldades previsíveis e das contradições inerentes, a um processo social transformador, gerou da parte das forças externas ao curso democrático e no seu próprio seio, a força de atrito e de contestação a que cabe a designação de contra-revolucionária. Não foi essa uma originalidade nossa. Esse é um fenómeno típico de todas as Revoluções.

Mas, já será uma originalidade da Revolução de Abril, procurar-se defender da contra-revolução – que toma as faces de resistência dos burocratas, de reconstituição das forças do passado, e vai da sabotagem à subversão organizada e terrorista – abrindo-se à penetração dos adversários, com eles pactuando, negociando concessões. E, a pouco e pouco, e nem sempre na consecução de um desígnio expresso, se concedeu campo de manobra e posição de ataque aos adversários de Abril, a pretexto de defesa da «ordem», garantia do «pluralismo», mais perfeito entendimento dos valores democráticos.

Mas não há Democracia sem o povo, nem «ordem democrática» se o povo nela se não considerar livre e a considerar uma imposição exterior, aos seus interesses contrária e opressiva. Nem existe «pluralismo» que imponha uma surdina à voz da Revolução, que negue a palavra aos militares de Abril em nome dos «valores da hierarquia», e

conteste o clamor que das ruas sobe em nome das «competências», do parecer dos «conselheiros», das opiniões dos «tecnocratas».

Esta Democracia de Abril – de que a Constituição da República é lei e projecto, regra e meta – assenta na participação popular e no acesso dos trabalhadores à gestão, não só das empresas, como da **res publica.**

Hoje comemorar o 25 de Abril, é défender a Constituição, não como um texto sagrado, dogmático, mas como um pacto nacional que não poderá ser modificado contra a vontade dos Portugueses.

Hoje comemorar o 25 de Abril é valorizar a unidade dos democratas civis e dos militares democratas, e é honrar os «capitães de Abril» que se mantiveram fiéis à decisão revolucionária e patriótica de libertar Portugal.

Hoje, comemorar o 25 de Abri é confiar no povo trabalhador, confiar nas forças do Trabalho e da Cultura, confiar nos Portugueses e lançarmo-nos a uma nova tarefa de descobrimento: descobrir Portugal em Portugal. É lançarmo-nos a novas batalhas de conquista: conquistar novo espaço político, na convergência das forças democráticas, para os defensores de Abril, para a Revolução de Abril.

Esse espaço político democrático tem a sua sede histórica na rua.

DL

OS GANGSTERS DA REPRESSÃO

CARLOS MINC BAUMFELD *

A tortura e a violência policial no Brasil são factos conhecidos do público português, assim como da opinião pública internacional. O que talvez seja pouco conhecido é a prática de contrabando, corrupção e venda de «protecção», ao melhor estilo dos gangsters de Chicago, a que se dedicavam os oficiais responsáveis dos serviços de segurança, seguros do seu poder absoluto e da sua impunidade. No entanto, veio recentemente ao conhecimento público, um processo de contrabando, que era secreto desde 1974, envolvendo vários oficiais da repressão, o que constitui apenas parte visível do icebergue, mas fornece pistas para uma história que algum dia há-de ser escrita: «Os subterrâneos da Repressão».

A QUADRILHA DA POLÍCIA DO EXÉRCITO (PE)

Desde os princípios de 1969, era prática corrente das equipas especiais de combate à guerrilha urbana, como o DOI-CODI (do Exército), o CENIMAR (da Marinha) e o CISA (da Aeronáutica), apropriarem-se do dinheiro e dos objectos que encontravam em poder daqueles que nesta época resistiam contra a ditadura militar. No entanto, dando-se conta do seu poder de «intocáveis», e valendo-se da total falta de controlo que a sociedade civil tinha de suas actividades, vários dos oficiais responsáveis pela repressão e tortura, organizaram verdadeiras quadrilhas, que operavam com armamento do Exército, e que passaram a cobrar «protecção» das redes de tráfico de drogas, das redes de prostituição e dos grupos de contrabandistas.

Uma das práticas mais correntes do grupo de policiais e militares que constituiam a «Quadrilha da Polícia do Exército da Vila Militar», era o golpe conhecido como «arrepio», como foi denunciado pelo promotor Manes Leitão. O «arrepio» era uma operação preparada com base em informações obtidas de elementos do Exército infiltrados nos gangs dos contrabandistas, ou ainda obtidas através da prisão e tortura de algum dos contrabandistas de um gang; a partir destas informações, a «Quadrilha da P.E. da Vila» aparecia no local da operação de contrabando, ou nos depósitos da «muamba» (mercadoria), com forte aparato bélico, apossavam-se das mercadorias desembarcadas ilegalmente e as retinham até que os contrabandistas concordassem em pagar pela «protecção» da operação. A partir deste primeiro pagamento, os militares, valendo-se de carros e armamento do Exército, davam cobertura ao desembarque e ao transporte de novas mercadorias, protegendo desta forma os contrabandistas, não só da fiscalização oficial, como da acção de outros gangs rivais.

A «QUEDA» DA QUADRILHA DA P.E.

Desde 1971 que o gang da P.E. desenvolvia estas operações ilícitas, paralelas às operações «lícitas e oficiais» de tortura dos presos políticos. O assunto foi descoberto por acaso, na noite de 21 de Novembro de 1973, por dois policiais que surpreenderam a operação e que se recusaram a entrar no «negócio», porque lhes ofereceram pouco. Foi aberto um inquérito policial-militar, que encontrou seu maior obstáculo quando se descobriu que os acusados eram militares responsáveis pela repressão aos opositores da ditadura (segundo a revista **Isto É,** de 28/3/1979).

O processo envolve 14 militares, entre os quais, os capitães Luiz Fernandes de Brito, Aílton Joaquim e Aílton Guimarães Jorge, que foram condecorados com a medalha do Pacificador, pelos serviços prestados nos organismos de repressão. São acusados ainda, o subtenente Wallace Maggessi, o segundo-sargento Walter Rangel, os terceiros-sargentos José Oliveira e Paulo de Andrade, e ainda oficiais reformados, 8 policiais civis e alguns comerciantes. (nota: o autor deste artigo foi torturado em 1969 pela equipa da P.E. dirigida pelo então primeiro-tenente Aílton Joaquim, constituída pelos sargentos Maggessi, Oliveira e Andrade).

No entanto, alguns jornalistas brasileiros, como Aton Fon Filho, começam a investigar e a escrever sobre os subterrâneos da repressão (revista **Veja,** de Fevereiro), dando nome aos bois, ou seja, apontando os responsáveis pelas torturas e fotografando locais clandestinos de actuação da repressão política em colaboração com o «Esquadrão da Morte». Esta corajosa reportagem originou um processo movido pelo actual ministro do Exército, Bettelheim, contra a revista «Veja» e o repórter Aton.

Ainda em relação ao processo do Gang da P.E., que como dissemos é apenas uma pequena amostra, que veio à tona por descuido, vale a pena lembrar em que consistiu a defesa destes torturadores/contrabandistas no tribunal: por ironia da história, eles pediram sua absolvição, alegando que todas as suas confissões foram obtidas sob tortura física, aplicadas no mesmo local e da mesma forma que eles próprios haviam aplicado aos presos políticos (sic) e que portanto estavam inocentes...

* economista e colaborador do D.L.

ENSINO

Institucionalizada legalmente a Universidade Popular do Porto

Está já legalmente institucionalizada a Universidade Popular do Porto constituída dentro do espírito do 25 de Abril e da Constituição, com o objectivo de retomar e adaptar às condições históricas «a exemplar tradição das universidades populares lançadas pela Renascença portuguesa nos alvores da 1.ª República» e à qual esteve ligado Bento de Jesus Caraça.

Com efeito está já legalizado o título, foi feita a escritura e, para além de um núcleo de 40 entidades individuais e colectivas, existe também um funcionalismo mínimo a trabalhar. Quanto às instalações soubemos, junto de um dos animadores da iniciativa, que está bem encaminhado o contrato de uma casa para o efeito.

Situando-se num plano completamente diferente do das actuais Universidades portuguesas, a UPP surge como uma cooperativa empenhada em promover a animação e a formação cultural dos sectores populares. Porquê? Uma das razões, diz a Comissão Organizadora, situa-se no facto de apenas 5% dos estudantes universitários actuais serem provenientes das classes trabalhadoras.

Apoiada por diversas personalidades, dentre as quais se destacam Ruy Luís Gomes, Óscar Lopes, José Morgado, Armando Castro, Emílio Peres, Deniz Jacinto e Oliveira Dias, a UPP estenderá os seus serviços a entidades colectivas como Sindicatos, Associações Populares de carácter cultural ou recreativo, segundo linhas de acção que serão acordadas com elas.

Em face do avanço actual no ano lectivo, as actividades da UPP até ao próximo Verão limitar-se-ão a uma série de sessões voltadas para os objectivos do Ano Internacional da Criança, o que será possível graças ao concurso de especialistas nos domínios da Pediatria, da Higiene, da Educação e Assitência, para crianças de diversos grupos etários, tendo em vista, os problemas decorrentes das suas condições sociais e ainda de deficiências de origens diversas.

Entretanto, estão em fase de sondagem e de organização actividades como a prestação de serviços de apoio a trabalhadores que pretendam ingressar em níveis complementares ou superiores de Ensino, a realização de sessões ou intervenções relacionadas com a educação sanitária, física, artística, literária ou científica, o debate e esclarecimento de problemas de interesse geral ou de grande actualidade, a informação e discussão sobre questões que afectam as classes trabalhadoras, incluindo a gestão de cooperativas ou de organismos de poder ou de intervenção local, cursos de reciclagem ou actualização profissional. Prevê-se a possibilidade de concessões de diplomas, desde que tenham importância profissional e validade legalizada.

EM BELAS

Arrancaram cartazes de Abril e agrediram comunistas

A raiva ao 25 de Abril levou um grupo de marginais a arrancar, pela calada da noite, cartazes comemorativos do Dia da Liberdade, colocados na Avenida da Marinha, em Belas. Os jovens enraivecidos foram interpelados por militantes do PCP, procurando estes recuperar os cartazes. Aconteceu então, segundo a nota imediatamente divulgada pela Comissão de Freguesia de Belas daquele partido, que um dos elementos do grupo da arruaça, Pedro Silveira, agrediu à facada o militante comunista João Araújo, que teve de ser transportado de urgência para o Hospital de S. José.

«É de realçar – continua a nota do PCP – que «entre os meninos nazis se encontravam alguns estudantes do liceu de Queluz, bem conhecidos pela sua prática anticomunista, assim como alguns dos arruaceiros responsáveis pelos incidentes havidos há algum tempo nos Bombeiros Voluntários de Belas. Esta atitude não pode ser desligada da ofensiva mais geral das forças reaccionárias e fascistas, contra o 25 de Abril, a liberdade e a democracia.»

PUB.

SINDICATO DOS PROFESSORES
Zona da Grande Lisboa

25 DE ABRIL
DIA DA LIBERDADE

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa no 5.º aniversário da Revolução dos Cravos, saúda os capitães de Abril, que naquela madrugada de esperança colocaram as suas armas ao serviço da Liberdade do Povo português; saúda todos os trabalhadores que, em difíceis condições de clandestinidade, souberam lutar contra a repressão policial, por vezes com o sacrifício das próprias vidas; saúda todos os democratas que no nosso país souberam dizer não à opressão; saúda em particular todos os professores que, com o seu apego aos ideais de liberdade e de democracia, souberam combater o obscurantismo fascista, assim contribuindo para o despertar da juventude.

Saúda, neste 25 de Abril, o Portugal libertado, o Povo português no seu caminho para a paz, para o progresso e para a democracia. Não esquecendo que o Sindicato dos Professores é também uma das conquistas de Abril, é na defesa dessas conquistas que defenderemos o nosso Sindicato. Nesse sentido apela esta direcção para a participação de todos os professores nas comemorações do Dia da Liberdade.

Para que no futuro, todos os dias amanheça Abril.

A DIRECÇÃO

SAÚDE

NOS EUA
15 por cento de homens e seis por cento de mulheres são homossexuais

Cerca de dez por cento da população dos Estados Unidos é constituída por homossexuais. Esta afirmação é feita pela revista «Time», que se baseia nos dados estatísticos fornecidos pelo Instituto de Pesquisa Sexual, do professor Alfred Kinsey.

A homossexualidade é muito mais elevada nos homens (15 por cento da população) do que nas mulheres (6 por cento), afirma, ainda, aquele Instituto, que considera homossexual todo o indivíduo que tenha tido mais de seis experiências sexuais com uma pessoa do mesmo sexo.

Revelam também as estimativas publicadas pela revista «Time» que a homossexualidade é cada vez mais assumida de «uma forma clara e sem vergonha» sendo cada vez maior «o número de homossexuais que não têm receio de afirmar as suas tendências». Por outro lado, a sociedade, que dantes estigmatizava o homossexual, parece ser cada vez mais permissiva em relação a eles. «Trata-se de um comportamento que aparece publicamente como natural» diz ainda a revista «Time». Nos Estados Unidos os homossexuais constituem uma força política e social influente, embora a esmagadora maioria deles só se revele dentro de um grupo de amigos restrito. Em Washington existem, actualmente, oitenta «grupos para a defesa dos direitos dos homossexuais». Para o crescimento desses grupos deve ter contribuído bastante o desencadeamento da luta de emancipação das mulheres, que sensibilizou a opinião pública para os problemas das minorias.

Jovem com tétano provocado por cana alojada no pescoço

PORTO, 24 – Depois de ter passado pelo Hospital da Nazaré, por uma Casa de Saúde desta cidade e pelo hospital de Gaia, foi apresentado ontem de madrugada, no hospital de Santo António, já em estado muito grave (e com sinais evidentes de tétano), Vítor Manuel Ferreira, Rodrigues, de 9 anos, da Afurada, Gaia, que desde há 8 dias trazia alojado no pescoço, junto à orelha do lado esquerdo, um fragmento de cana que não lhe fora extraído totalmente.

Isto veio a verificar-se no hospital de Santo António e, apesar de todos os esforços feitos ali, por uma equipa médica, o doente recolheu aos serviços de reanimação, confirmando-se o tétano.

Foi-lhe praticada uma traqueotomia, para lhe permitir uma melhor capacidade respiratória. O estado do doente continuava muito grave esta manhã.

Portugal presente em conferência de reabilitação

Portugal estará representado na 6.ª Conferência do Pacífico de Reabilitação Internacional, que decorre no próximo dia 27, em Seul.

Entre os temas abordar no encontro constam a prevenção da deficiência e o desenvolvimento de esquemas de atendimento e apoio da população deficiente com vista à sua integração social e profissional.

Alice Folgado, secretário-adjunto do secretário Nacional de Reabilitação, chefia a delegação portuguesa.

Mantida viva artificialmente

Uma jovem britânica, de 15 anos, considerada clinicamente morta, mantém-se «viva» artificialmente a fim de lhe poderem extrair os seus órgãos principais.

O corpo de Joanne Wilson, vítima de acidente rodoviário, na segunda-feira, encontra-se ligado a uma máquina que será desligada na próxima segunda-feira com o acordo dos pais da rapariga. Um dos rins de Joanne será transplantado para o corpo de uma rapariga da sua idade.

Lista C impugna eleições

Elementos da lista C candidata não aceite às eleições no Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, anunciou em comunicado que vai impugnar as eleições sindicais.

Afirmando-se «em ordem», os elementos da lista C acusam a actual Direcção demissionária de várias «infracções» e exortam todas as outras tendências representadas no Sindicato a impugnar também o acto eleitoral

Farmácias ameaçam suspender crédito aos SMS

A Associação Nacional das Farmácias, anunciou que está na disposição de suspender o fornecimento de medicamentos aos beneficiários dos Serviços Médico-Sociais, a partir do próximo dia 2 de Maio.

Esta decisão é motivada pelo atraso na liquidação das dívidas daqueles Serviços às farmácias. De acordo com a ANF, o Governo assumiu um compromisso nos fins de Março, segundo o qual liquidaria as dívidas de acordo com um plano de pagamentos que abrangia os meses de Março e Abril.

Posteriormente, foi comunicado à ANF que «um despacho ministerial de 4 de Abril de 1979, permitiria a regularização dos atrasos». Este compromisso, embora assumido há escassos dias, «não será cumprido pelo Governo», de acordo com um texto da ANF. Face a esta deliberação, a direcção da «ANF» deixou de acreditar no Governo».

Foi já convocada para sábado, às 15 horas, uma reunião do Conselho Geral da ANF, que deliberará sobre a atitude a assumir pelas farmácias. Para esta reunião, foi convidado um representante do ministro dos Assuntos Sociais.

A Associação afirmou lamentar os prejuízos que a suspensão de medicamentos acarreta aos beneficiários mas na actual situação não tem outra medida a tomar.

Neonazis do Porto pedem libertação de Rudolf Hess

Depois dos incidentes ontem verificados no Liceu Rodrigues de Freitas, onde um bando de estudantes nazis rasgou cartazes alusivos ao 25 de Abril e inscreveu nas paredes frases provocatórias, acabando por colocar um engenho explosivo na entrada de um prédio vizinho onde mora um estudante progressista, os arruaceiros acabaram por fixar um papel na frontaria do liceu, marcando para esta tarde, uma comemoração do 28 de Maio. O panfleto reclama ainda a ilegalização dos partidos e a formação de um Governo Nacional Socialista, bem como a libertação de Rudolfo Hess por outro lado, puseram a circular papéis intitulados «Frente da Juventude». Sob uma bandeira vermelha e negra, com a cruz de Cristo e a saudação fascista, figuram inscrições sobre princípios do nacional-socialismo, de carácter antimarxista.

Greve estudantil em Vila Real

Começou hoje, por tempo indeterminado, uma greve decretada em RGA pelos estudantes do Instituto Politécnico de Vila Real, que querem a elevação daquele Instituto a Universidade.

Com este processo de luta aqueles alunos pretendem que a Assembleia da República analise o mais breve possível o processo de elevação do Instituto a Universidade.

A QUEDA DO "SKYLAB"

"Não temos nada a temer"

«Considero que não temos nada a temer, afirmou à ANOP o director do Observatório Astronómico da Ajuda, a propósito da eventual queda do satélite americano «Skylab» em território português, acrescentando que a passagem descontrolada do engenho pela atmosfera terrestre o levará a fundir, acabando por se pulverizar devido ao forte atrito que encontrará na queda.

Por outro lado, segundo aquele especialista, o observatório tem poucas hipóteses de vir a acompanhar a queda do laboratório espacial americano, um «bólide» de 76 toneladas, não só pela falta de material sofisticado e de meios de informação, exclusivos da NASA, como pela eventualidade de se despenhar durante o dia, passando despercebido o rasto luminoso que de noite seria visível.

Recorde-se que a NASA, embora defendendo que são reduzidos os riscos de um acidente, já declarou que se responsabilizará pelos eventuais estragos que fragmentos do satélite venham a causar se caírem em regiões habitadas.

Faleceu D. Elisa Gomes dos Santos Cabral

Faleceu esta madrugada, no Hospital de Santa Maria, a sr.ª D. Elisa Gomes dos Santos Cabral, de 65 anos, residente na Rua Frei Tomé de Jesus, 17, r/c – dt.º. Era casada com o escritor Alexandre Cabral e mãe de Aguinaldo Alexandre dos Santos Cabral, médico.

O funeral efectua-se amanhã, para o Cemitério do Lumiar, saindo o préstito do Hospital de Santa Maria.

ESPANHÓIS PESCAM NA ÁREA EXCLUSIVA DA NOSSA COSTA

Barcos de Vila do Conde e da Póvoa não saíram esta madrugada para o mar

PORTO, 24 – Como protesto contra o facto da área pesqueira onde normalmente actuam, ter sido ontem «invadida» por alguns barcos espanhóis, os pescadores da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde, não largaram esta madrugada para o mar. Assim, aos 10 mil contos de prejuízo provocados pela inactividade forçada de cerca de centena e meia de embarcações que ontem não puderam capturar qualquer quantidade de peixe, junta-se hoje igual montante, devido àquela tomada de posição.

Parece estar em causa o acordo de pescas assinado em Março último entre delegações de Portugal e da Espanha no MAP, na altura (e ainda hoje) considerado desfavorável pelos pescadores das praças nortenhas. O texto, todavia, era (e é) categórico, assinalando limitações relativamente à zona de actuação das embarcações do país vizinho, e concretamente das de Vigo no Norte de Portugal. Ora, o que aconteceu ontem, a ser verdade o que afirmaram os mestres de alguns barcos portugueses, constitui clara violação por parte dos espanhóis ao acordo, já que aqueles se encontrariam em pesqueiros da costa portuguesa fora do espaço de seis a doze milhas (área negociada), isto é, dentro da nossa área não acordada.

Face ao espectáculo que se lhes deparou a oeste da Póvoa de Varzim e a sul de Aveiro, numa área costeira enquadrada pelos pontos Quebrada-Igreja Nova-Marmelas-Cajanca, as embarcações daquelas duas praças regressaram aos portos de origem depois de confrontos no mar – felizmente sem consequências de monta. Antes, não obstante, terá havido tentativa de agressão por parte dos pescadores espanhóis aos portugueses.

Daí que estes comunicassem via-rádio com outros, juntando-se então cerca de meia centena de embarcações nortenhas, rodeando cinco espanholas. A discussão parece ter-se prolongado por cerca de quatro horas em pleno mar e sem o mínimo de serenidade de parte a parte, até que a intervenção das autoridades, e nomeadamente do capitão do porto da Póvoa e dirigentes da Associação dos Mestres, pôs termo à situação. Os espanhóis, contudo, não arredaram nó da área onde se encontravam, precisamente a dos melhores pesqueiros.

«Um conflito desta natureza já era esperado», disse entretanto o presidente da Associação de Mestres, Costa Moreira, que a propósito lembrou que o Governo português não atendeu «as justas reivindicações dos pescadores portugueses» aquando das negociações para a assinatura do acordo com a Espanha. Para este informador a situação é bem clara: «Os barcos portugueses são já em número elevado e, além disso, há outros em construção, o que recomenda, para a defesa da economia nacional e dos interesses dos trabalhadores do mar, que não fossem concedidas licenças de pesca a barcos estrangeiros para actuar a menos de doze milhas».

Os cinco barcos espanhóis, porém, encontrar-se-iam muito aquem da área acordada, entre as seis e doze milhas, e logo numa faixa pesqueira abundante que os barcos daquelas duas praças normalmente sulcam e onde capturam a maioria do seu pescado.

FRUTO DAS RESERVAS PARA AGRÁRIOS

Adeus de Ferreira do Amaral com um despacho "clandestino"

ÉVORA, 24 – «Violando o que está claramente estabelecido na própria Lei Barreto, o MAP, através de um despacho secreto e ilegal de 22 de Março do ex-secretário de Estado Ferreira do Amaral, proíbe as UCPs e Cooperativas Agrícolas de colherem as searas e outros frutos que tenham semeado nas terras entregues aos agrários a título de reservas», lê-se num comunicado ontem divulgado pelos Secretariados Distritais das UCPs e Cooperativas Agrícolas de Beja, Évora e Portalegre.

Denunciando o «secretismo» que envolve este despacho normativo, ainda nem sequer publicado no «Diário da República», o comunicado considera-o «como mais uma ilegalidade do MAP e do Governo Mota Pinto a juntar às dezenas de outras que têm sido cometidas e denunciadas e sobre as quais a única resposta do Governo é a repressão e o silêncio comprometido».

E os três secretariados distritais, depois de exigirem a clarificação dos «casos de corrupção do MAP», declaram-se dispostos a «não reconhecer este novo despacho ilegal e secreto, cuja revogação exigimos e entendemos dever ser imediatamente feita», considerando já «ser tempo de se dar início a um inquérito a realizar por uma comissão idónea onde os trabalhadores estejam representados».

Em seguida, os secretariados reproduzem a parte da alínea b) do Artigo 36.º da Lei Barreto, que determina que a empresa agrícola e explorante, afectada por demarcação de reserva, tem direito aos frutos pendentes resultantes da exploração extinta, pelo que o decreto ao afirmar que «uma vez efectuada a entrega ou devolução fica o seu legítimo possuidor a fruir de todos os poderes inerentes a essa posse, incluindo o de consentir, ou não, a entrada de estranhos», mais não visa do que «impedir que os trabalhadores cuidem das searas que semearam, preferindo criminosamente que as searas morram e que a produção se perca, com graves prejuízos para a economia nacional», visto que os agrários e os serviços do MAP «voltam as costas mal a terra fica entregue».

Discriminações salariais nas embaixadas e consulados da América do Norte

Funcionários eventuais das Embaixadas e Consulados portugueses na América do Norte reivindicam a equiparação dos seus vencimentos aos dos funcionários de carreira, ao mesmo tempo que a comissão pró-sindical das missões diplomáticas e dos postos consulares protesta contra a situação em que se encontram vários funcionários com categorias entre contínuo e vice-cônsul.

Segundo aquela comissão um vice-cônsul português (com cerca de 52 mil e 500 escudos) ganha menos que um carteiro canadiano (perto de 57 mil escudos), auferindo uma escriturária-dactilógrafa eventual sensivelmente metade.

Um cônsul-geral – funcionário de carreira – vence mais de 40 mil escudos, incluindo um abono ajustável ao custo de vida local.

A comissão pró-sindical diz não compreender que, enquanto o abono dos funcionários de carreira é ajustado ao custo de vida local, «não sejam considerados, para o mesmo efeito, os salários do pessoal do quadro eventual».

Nos últimos sete anos, o vencimento e abono de um cônsul-geral tiveram um aumento de 106% e o salário do vice-cônsul, no mesmo local, subiu apenas 47% – refere ainda a comissão.

Emigrantes portugueses nas Astúrias

Renovação de autorizações de residência para estrangeiros de acordo com a actual legislação é como governo espanhol explica o que está a passar-se com os trabalhadores portugueses nas Astúrias.

A explicação foi dada ao correspondente da ANOP que as atribui a «fontes do Ministério de Assuntos Exteriores de Espanha e do Interior».

Desde o Verão passado que a lei se tornou mais exigente quanto a documentação e requisitos para os estrangeiros obterem licenças de residência em território espanhol. Foi naquele ano que, ainda segundo o telegrama da ANOP, chegaram a Espanha muitos trabalhadores estrangeiros, especialmente sul-americanos, sem contrato de trabalho.

"PORTUGUESE OFFER": 4 milhões de contos de transacções

Passou dos 4 milhões de contos o montante de transacções concretizadas no decorrer da «Portuguese Offer» que ontem terminou. O certame, na sua terceira edição, superou todas as expectativas, quer no que toca ao total das transacções efectuadas, quer no respeitante à qualidade dos produtos expostos.

Estas indicações foram prestadas por Eurico Correia, presidente do Fundo de Fomento de Exportação, organismo que em nota distribuída a propósito do certame atribuía o maior quinhão do seu êxito à boa qualidade dos tecidos portugueses, bem como à sua actualização face às tendências da moda internacional e ao cumprimento dos prazos de entrega, de par com os preços estipulados. Estes dois aspectos são, aliás, fundamentais para os empresários que se abalancem a entrar no mercado fortemente concorrencial da CEE.

Ainda de acordo com as palavras do presidente do FFE alguns compradores internacionais fizeram contratos firmes de modo a assegurarem os fornecimentos nas primeiras distribuições de quotas de importação, o que em certa medida constitui um meio de pressão sobre os Governos dos principais importadores para o alargamento das quotas de exportação dos têxteis nacionais.

Entretanto, a quarta «Portuguese Offer» está marcada para 27, 28 e 29 de Outubro deste ano.

SEGURANÇA BANCÁRIA

MAI não quer ouvir sindicatos

A necessidade de se introduzirem alterações no sistema de segurança dos bancos portugueses, parece amplamente justificada pela série de assaltos nos últimos anos. Em todo o caso, como ficou patente no I Seminário Internacional de Segurança Bancária, realizado em Portimão, existem divergências entre os sindicatos ligados ao sector e o Ministério da Administração Interna: o Governo recusa aos trabalhadores o direito de emitirem opinião sobre a matéria.

Temos assim, por um lado, os sindicatos que insistem em participar (juntamente com os departamentos de segurança dos bancos) no estudo da legislação necessária e, por outro lado o MAI, que rejeita essa participação, tendo inclusive já elaborado um projecto de diploma sobre segurança, sem que tenha ouvido aquelas entidades.

As circunstâncias levaram Silva Grade, da Direcção do Sindicato dos Bancários do Sul a afirmar que o Ministério quer «marginalizar» os sindicatos em matéria que, afinal, lhes diz respeito.

Entretanto, do Seminário saíram algumas recomendações: que se introduzam alterações no sistema de segurança através de nova legislação e de uma reestruturação da própria banca nacional; criação de estabelecimentos bancários em zonas rurais como meio de prevenir os assaltos a prospectores bancários; personalização dos livros de cheques.

Há quatro meses em Walvis Bay à espera de licença para viajar até Portugal

Um grupo de 11 pessoas idas de Angola, há cerca de 4 meses, para Walvis Bay, Namíbia, aguardam licença para viajar até Portugal.

Segundo a rádio sul-africana, as autoridades consulares portuguesas estão a considerar se aquelas pessoas têm realmente direito à nacionalidade portuguesa.

O grupo, constituído pela família de Ernesto Eusébio, pela família Lima e por mais dois elementos, está a viver no barco em que viajou desde Angola até à Namíbia e recebe ajuda da Cruz Vermelha local. De acordo com as autoridades consulares, só muito recentemente manifestou interesse em vir para Portugal, pelo que o caso está a ser estudado.

Colaboração luso-espanhola no campo da petroquímica

A empresa espanhola ENPETROL acaba de endereçar um convite a técnicos da Companhia Nacional de Petroquímica (CNP) para participarem na fase de arranque de uma segunda linha de unidade produtora de etileno de Tarragona.

Aquela empresa, a maior existente em Espanha no campo da petroquímica, tem uma capacidade produtiva anual de 325 mil toneladas e a segunda fase de arranque representa um processo de ajustamentos de tecnologia avançada, o que mais valoriza o convite feito aos técnicos portugueses.

Os 16 técnicos, que estão já a auxiliar os preliminares do processo de arranque da citada unidade fabril, prestarão o seu concurso até finais do próximo mês de Setembro.

A sua função será designadamente no reforço de postos do painel de controlo, de onde serão supervisionadas todas as operações de arranque da unidade produtora de etileno.

Durante os meses de Agosto e Setembro de 1978, uma equipa de técnicos da CNP efectuou um estágio nas instalações da ENPETROL.

O convite foi formulado pelo director do complexo de Tarragona, que recentemente se deslocou a Lisboa.

Juventus 79 abre sexta-feira

«Juventus 79» é o título do certame que a Associação Industrial Portuguesa promove de 27 de Abril a 6 de Maio próximo, nos pavilhões da FIL, no âmbito do Ano Internacional da Criança.

Cento e trinta expositores participam no certame com pavilhões de produtos, equipamentos e serviços dedicados à criança e ao jovem, tais como vestuário, alimentação, mobiliário, higiene e produtos farmacêuticos, artigos escolares e material didáctico, livros, filmes e discos, artigos e equipamentos desportivos, jogos, brinquedos e veículo mecânicos e motorizados.

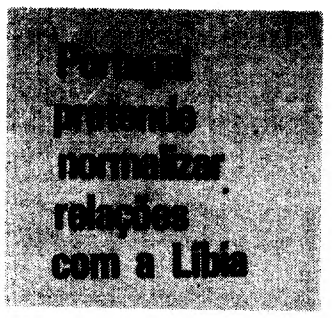
Estarão ainda representados no salão o Estado-Maior-General das Forças Armadas, Ministérios da Educação e Investigação Científica, Agricultura e Pescas, Assuntos Sociais, Comunicação Social, Comércio e Turismo, Habitação e Obras Públicas, Trabalho, Transportes e ainda a Comissão para o Ano Internacional da Criança, Secretaria Nacional de Reabilitação, Comissão da Condição Feminina e Centro de Investigação e Controlo da Droga.

Um programa de actividades culturais e desportivas acompanhará a exposição. Dele farão parte colóquios, debates, projecção de «slides» e filmes, espectáculos de variedades, teatro, fantoches e estreia mundial do último filme sobre o «Astérix».

Otelo quer julgamento público do 11 de Março e 25 de Novembro

Em carta dirigida ao «Diário de Notícias» a propósito da projectada amnistia, Manuel Salema, advogado do major Otelo Saraiva de Carvalho, que está impedido de fazer declarações públicas, «mesmo quando publicamente insultado, na Assembleia da República, por deputados-juristas cuja noção de justiça é uma paródia às mais elementares regras democráticas», revela que o seu constituinte «entende haver só uma solução correcta, digna e democrática» para a questão do 11 de Março e do 25 de Novembro, que é «um julgamento público, isento e completo».

Manuel Salema acrescenta que «Otelo defendeu sempre a imperiosa necessidade da realização do julgamento público do 25 de Novembro, por considerar ser esse o único meio de respeitar o direito do Povo português ao esclarecimento da verdade, ao funcionamento independente do poder judicial e à desmistificação definitiva dos motivos pelos quais, quatro anos após o 25 de Novembro, ainda não lhe foi reconhecido, e aos outros camaradas, o direito a um julgamento público, imparcial e aberto».



O Governo português está interessado em normalizar em breve as relações diplomáticas com a Líbia, revelou em Lisboa um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, no decorrer de uma reunião com uma delegação da Associação dos Amigos dos Países Árabes, sem todavia indicar quais as medidas para desbloquear as relações entre Portugal e a Líbia.

Por outro lado, um alto funcionário líbio dos Negócios Estrangeiros, de passagem por Lisboa a caminho do Brasil, disse à ANOP haver necessidade de serem mantidas novas conversações entre dirigentes portugueses e líbios para esclarecimento dos pontos em litígio nas relações bilaterais, e salientou que a cooperação económica portuguesa com a Líbia e o trabalho dos portugueses na Líbia «nunca deixou dúvidas» aos dirigentes daquele país e merece «a maior consideração e respeito».

A Líbia, que tinha já nomeado o seu representante diplomático em Lisboa, o embaixador em Buenos Aires, chamou a Tripoli em Junho de 1977, o seu encarregado de negócios na capital portuguesa, por discordar da decisão do I Governo Constitucional de elevar a nível de embaixada a representação diplomática em Israel, funcionando actualmente a embaixada da Líbia apenas com dois funcionários administrativos líbios, que despacham assuntos consulares.

Foi o então ministro dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, agora «reformador», o responsável pelas acções diplomáticas que levaram à deterioração das relações com a Líbia, país onde trabalham cerca de mil portugueses, sobretudo nas áreas de Tripoli e Bengazi, na construção.

Mota Pinto visitou barragem da Aguieira

O Primeiro-Ministro, acompanhado pelos ministros das Obras Públicas e da Agricultura visitou ontem diversas obras em curso no distrito de Coimbra. A barragem da Aguieira, complexo hidroeléctrico de fundamental importância para a região e a nova ponte sobre o Mondego, na Figueira da Foz, foram as duas principais etapas da visita de Mota Pinto.

A barragem, cujo custo total será de sete milhões de contos, dos quais três serão consumidos por encargos financeiros, deverá estar concluída em fins de 1981, apesar de um dos seus grupos geradores começar a funcionar já no início do próximo ano.

A produção total de energia será da ordem dos trezentos mil kw/hora. No entanto, a utilidade do complexo não se reduz à produção de energia eléctrica, já que se destina também a regularizar o curso do rio Mondego, permitindo um melhor aproveitamento agrícola do respectivo vale.

Durante a manhã de ontem Mota Pinto visitou ainda a ponte sobre o Mondego, na Figueira da Foz e o complexo rodoviário construído para satisfazer necessidades impostas pela ponte, e o açude-ponte de Coimbra, barragem móvel que criará frente à cidade um lençol de água permanente.

CIP defende referendo

A CIP tornou público um comunicado em que defende a realização de um referendo, onde se confrontem «dois projectos de sociedade». Alinhando, como aliás já se esperava, com as forças políticas conservadoras, e, neste ponto, com os chamados reformadores, os grandes patrões da indústria consideram a via anticonstitucional do referendo como a única possível para afastar a esquerda da área do poder.

Este é o objectivo central definido pela CIP, que considera a esquerda responsável por todos os males, desde a inflação ao desemprego e à diminuição da independência nacional.

Os empresários da CIP definem-se como «o único corpo autónomo da sociedade portuguesa comprovadamente capaz de evitar a total desagregação do sistema económico», esquecendo, nomeadamente, o facto de que só sobreviveram, até ao 25 de Abril à sombra da ditadura salazarista e do proteccionismo económico. Para eles, a recuperação do sistema económico só se consegue através «do pleno funcionamento de uma economia de mercado que permita aos agentes económicos colaborarem de forma livre e criadora na reconstrução nacional».

LOJA PARA COMÉRCIO EM SETÚBAL

Vende-se por 550 c.-desocupada

Sita na Praceta Meia Laranja, n.º 12 (lote 1). Mostra o funcionário da casa de móveis do lote n.º 3 (ao lado).

Para o negócio contactar: Dr. J. João Pereira Telef. 52383 da Marinha Grande.

TENDA NILO

Ideal para as suas férias

ADAPTÁVEL A TODOS OS TIPOS DE AUTOMÓVEL

CÓMODA, ESPAÇOSA E DE FÁCIL TRANSPORTE

EM EXPOSIÇÃO NA **Luarcampo**

RUA PROJECTADA A — LOTE 2 — LOJA A — LISBOA-5

(Ao fim da Estrada do Desvio, ao Lumiar) — Autocarros n.os 7, 7-A e 36

ENCERRAMOS TODOS OS DIAS ÀS 20H E SÁBADOS ÀS 13H

Diário de Lisboa

VENDE-SE NA

CASA ARNALDO RUIVINHO

RUA NUNES GONÇALVES

MERCÊS

RESTAURANTE BAR

ESTRELA DO NORTE

Gerência de VITOR SILVA

MARISCOS ● SERVIÇO REGIONAL

Av. D. Vasco da Gama, 63

Telefone 63654

LAGOS — ALGARVE — PORTUGAL

SINDICATO DOS MAGISTRADOS DO MINISTÉRIO PUBLICO

Palácio da Justiça
Lisboa

Integrada nas comemorações da entrada em vigor da Constituição da República, o Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, efectuará no próximo dia 26, às 21,30 h, no Tribunal da Boa-Hora, Sala do Plenário, uma sessão subordinada ao tema «A Constituição da República».

Serão animadores os Drºs Vital Moreira e Amâncio Ferreira.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção Distribuição Tejo-Zona Lisboa, a que se refere o processo 8/63 782, arquivo 14, para o estabelecimento na freguesia de Terrugem, concelho de Sintra, de linha aérea a 10kV, n.º 770/R-6, com 408 metros, do apoio n.º 43 da linha n.º 770, ao Posto de Transformação n.º 2375-C, da SAPUL-Sociedade Agro-Pecuária do Ulmeiro, Ld.ª, em Vila Verde.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Abril de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção Distribuição Tejo-Zona Lisboa, a que se refere o processo 8/63 735, arquivo 14, para o estabelecimento no concelho de Mafra, de linha aérea a 10kV, n.º 1281/R-16, com 482 metros, do apoio n.º 2 da linha 1281/R-12, ao Posto de Transformação n.º 2378-C, da «Sicasal» — Sociedade Undustrial e Comercial de Avicultura e Salsicharia, Ld.ª, em Vila Franca do Rosário.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Abril de 1979.

Pel' O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

O PS CONVIDA O PR A SUBSTITUIR O IV GOVERNO

Moção de censura à vista

Defender a Revolução e celebrar o 25 de Abril, indicar a necessidade de substituição a curto prazo do IV Governo e chamar a atenção do Presidente da República para a necessidade de definir claramente se apoia ou não a acção deste Governo, hostil aos partidos políticos, e condenar frontalmente a política ruinosa do Executivo, são as linhas de força do Comunicado da Comissão Directiva que, em treze parágrafos, dedica três à actuação pouco clara do Presidente da República. Após este comunicado, fica à vista a primeira moção de censura que, fontes fidedignas, apontam como possível a sua apresentação mesmo antes da apresentação do OGE, que, apesar de tudo, será aprovado por imperativos de estabilidade nacional.

«Este governo não serve os interesses nacionais. A Comissão Directiva do PS espera do Presidente da República uma palavra clara sobre o actual governo e sobre as perspectivas para a sua substituição. Sem uma clara tomada de posição, será forçoso concluir que o Presidente da República se identifica com a prática e os objectivos deste governo, com todas as consequências daí decorrentes». Este um excerto do comunicado da Comissão Directiva do Partido Socialista, que reuniu ontem ao fim da tarde para analisar a situação política. Devolver em primeira instância a acção de substituição do Governo ao Presidente da República e indicar que se tal não acontecer o PS agirá em conformidade com os imperativos nacionais, que estão em franca oposição a um governo de iniciativa e inteira responsabilidade do Presidente Eanes, um governo que tem «encorajado a criação de um novo partido antipartidos».

A Comissão Directiva define pormenorizadamente as causas da sua frontal oposição ao IV Governo e indica que este «persiste na sua política de controlo repressivo da Informação e continua a proceder a saneamentos políticos», adiantando o comunicado o exemplo mais recente, «o afastamento escandaloso do embaixador em Paris, Coimbra Martins».

O IV governo é acusado de não ter sabido explorar as oportunidades criadas pela acendos funcionários públicos, desbloqueando verbas destinadas a fazer face aos prejuízos resultantes dos temporais e ao apoio imediato às autarquias e que ao mesmo tempo concretizassem o aumento, por ele proposto, dos impostos indirectos, que nenhum partido havia contestado». Para o PS «esta atitude irresponsável do Governo, somada ao recente adiamento de decisões indispensáveis a evitar o défice das empresas públicas, traduz-se numa política ruinosa que tem por consequência um sério agravamento da situação financeira do país».

Soares com os jornalistas num intervalo da reunião de ontem da Comissão Directiva do PS

tuada melhoria verificada no ano passado, recusando-se a corrigir as propostas de alteração do OGE feitas pelo PS no sentido de introduzir «uma lei que de alteração orçamental que aumentasse certas despesas mais urgentes actualizando os vencimentos

A Comissao Directiva continua a abordar a actuação do Governo na área económica dizendo, nomeadamente, que «o Governo atrasa deliberadamente a apresentação do novo orçamento à Assembleia da República para a colocar sob prestão, comprometendo assim a já precária situação económica do país e as próprias negociações com o FMI».

E o comunicado acentua pela terceira vez a necessidade da acção do Presidente, nestes termos: «O PS aguarda, pois, que o Presidente da República defina a sua posição, para assumir em conformidade, as responsabilidades que lhe infundem e a que nunca se eximiu».

Finalmente, o PS apela à vigilância e participação dos trabalhadores, condição essencial para a crise ser vencida e os ideais do socialismo democrático serem concretizados. O apelo à participação de todos os seus militantes nas comemorações do 25 de Abril é a primeira frase do extenso, como importante, comunicado da Comissão Directiva do PS.

Sindicato dos Jornalistas não abdica da liberdade de expressão conquistada com o 25 de Abril

O Sindicato dos Jornalistas, saudando o 25 de Abril e apoiando as comemorações do quinto aniversário da data histórica em que o fascismo foi derrubado salienta que para os jornalistas aquela data «culminou uma luta tenaz e generalizada contra a censura, que feria indiscriminadamente profissionais das mais variadas opiniões».

«O 25 de Abril (lê-se num comunicado distribuído à classe) foi o primeiro passo para a dignificação da profissão, e foi também a conquista do direito a informar».

Lembra o SJ que os jornalistas «sabem bem o que representa, profissional e politicamente, um regime onde a liberdade de expressão é substituída pela censura oficial, pela propaganda governamental e pelos mais diversos e subtis expedientes censórios utilizados pelo poder político e pelos grandes grupos económicos detentores de meios de comunicação social».

Pondera o Sindicato dos Jornalistas, no entanto, que cinco anos depois da reconquista da liberdade, «a situação na comunicação social não deixa de ser preocupante». Pormenorizando, o SJ sublinha que «a ausência dos instrumentos legais para o exercício da profissão, a inexistência de legislação democrática para largos e importantes sectores da Informação, o ataque governamental ao sector nacionalizado da comunicação social, a proliferação da imprensa veiculadora da ideologia fascista, o ressurgimento de métodos censórios e de perseguições ideológicas, o desrespeito pela lei e pelos direitos dos trabalhadores do sector, enfim, a ausência de uma política global e democrática para a comunicação social, preocupa a generalidade dos profissionais da informação».

Nesta ordem de ideias, o Sindicato exige, no âmbito da efeméride, «uma vez mais a defesa da liberdade de imprensa, a criação do enquadramento legal para uma informação democrática ao serviço dos mais profundos anseios do povo português, o respeito pelos direitos do conjunto dos trabalhadores, e em particular, dos jornalistas».

O Sindicato, pois, reafirma-se «disposto a colaborar em todas as acções que, nomeadamente na comunicação social, garantam a liberdade de expressão, uma das principais conquistas do 25 de Abril».

TUDO PARA CAMPISMO

ABERTO AOS SÁBADOS das 9 h. às 19 h.

ATRELADOS TENDA "MIRA 2000" E "TROIA 2001"

CARAVANAS "CM"

HENRIQUES E CASTRO, LD.ª —— Estrada de Benfica, 398-A/B – Lisboa 1500

PUB.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Metalurgia e Metalomecânica do Distrito de Setúbal

Assembleia de delegados sindicais

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os delegados sindicais deste organismo, para uma assembleia a realizar no próximo dia 26 do corrente, pelas 15 horas, no Salão do Sindicato dos Ferroviários, em Barreiro, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1 — Comemorações do 1.º de Maio
2 — Seminário de Higiene e Segurança
3 — Informações

Chamamos a atenção dos delegados para a importância desta assembleia, dada a análise a efectuar sobre o 1.º de Maio e do seu significado para os trabalhadores, de forma a que, as Comemorações a levar à prática, constituam uma grande jornada de luta da classe trabalhadora.

Barreiro, em 20 de Abril de 1979

A DIRECÇÃO

NOTA — No tocante a transportes das zonas de Almada e Setúbal, contactar as respectivas Delegações.

Está interessado em vender casas andares, propriedades em qualquer ponto do País?

Pois não tenha o problema de procurar possíveis clientes.

É para isso que nós existimos

Contacte-nos por escrito, informando acerca de terrenos, propriedades rústicas, urbanas ou turísticas, casas pré-fabricadas, bungalows, apartamentos, etc., que esteja interessado em negociar, em qualquer ponto do País.

Através dos nossos ficheiros, de potenciais compradores, no País e no Estrangeiro, **nós encontramos o seu cliente.**

Contacte-nos para o Apartado 35 — S. João do Estoril 2768 ESTORIL CODEX

GABINETE DE INFORMAÇÃO IMOBILIÁRIA

POR NOVOS SALARIOS

Função Pública ameaça concentrar-se e parar

Os trabalhadores da Função Pública, Administração Local, Regional e Central concederam ao Governo por intermédio dos seus representantes, um prazo até ao dia 3 de Maio, para início da discussão da questão salarial.

No caso de essa reivindicação não ser satisfeita, «os trabalhadores da Função Pública e os seus sindicatos iniciarão a preparação de formas de luta cujo primeiro passo será a realização, no dia 10 de Maio, de uma concentração em Lisboa e eventualmente noutras zonas do País».

A partir de então, os órgãos deliberativos dos sindicatos dos sectores envolvidos reunir-se-ão para «análise da situação e aprovação das formas de luta que venham a mostrar-se necessárias, nomeadamente o recurso à greve, cujas datas serão oportunamente marcadas».

Em causa, por parte dos trabalhadores, estão a adiamento da saída dos novos salários que deveriam vigorar desde Janeiro do ano corrente; a recusa do Governo em receber os sindicatos representativos de mais de 90 por cento dos 300 mil envolvidos no processo; «intransigência demagógica, falta de seriedade e a quebra dos compromissos assumidos pelo Governo, em clara oposição com a vontade de diálogo sempre manifestada pelos sindicatos», etc.

Entretanto, delegados sindicais dos trabalhadores da Função Pública do Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real e Bragança decidiram, em assembleias distritais, promover concentrações públicas nas principais cidades do País. Admitiram, também, a necessidade de recurso à greve.

Para os sindicatos do sector, que ontem realizaram uma conferência de Imprensa, em Lisboa, «independentemente da existência ou não de um OGE aprovado, o Governo dispõe de meios legais que lhe permitem rever no imediato os salários da Função Pública, sendo portanto falso o pretexto invocado para recusar o início, desde já, da sua discussão com os sindicatos».

Sindicalistas pró-UGT continuam na Federação dos Escritórios

Dirigentes sindicais afectos à UGT continuavam a ocupar esta manhã as instalações da Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas, na sequência do plenário de sindicatos realizado na passada sexta-feira, em Santarém, que conduziu a uma aparente ruptura entre a corrente maioritária (de tendência unitária) e o grupo liderado pelo Sindicato dos Escritórios de Lisboa.

Segundo apurámos, as divergências surgiram em torno da revisão dos estatutos da Federação, já que os sindicatos pró-UGT desejam ver consagrado o princípio da representação proporcional nos órgãos directivos, perspectiva que não é avalizada pela maioria dos sindicatos, actualmente representados em pé de igualdade no seio do plenário.

Segundo um comunicado subscrito pelos sindicatos de Leiria, Santarém, Évora, Beja, Horta, Faro e Castelo Branco, a ocupação da sede federativa (situada em Lisboa) representa um «verdadeiro golpe de mão», e revela uma actuação golpista» por parte dos dirigentes pró-UGT, que actualmente controlam o executivo da Federação.

«Depois de usarem a chantagem como arma na discussão da revisão dos Estatutos, depois de terem visto que, no respeito pelos Estatutos, não conseguiriam impor a posição que defendiam e que se traduzia em colocar a Federação debaixo do jugo do Sindicato de Lisboa», os elementos pró-UGT (que representam os sindicatos de Lisboa, Setúbal, Portalegre, Ponta Delgada, e Angra do Heroísmo) colocaram a Federação sob controlo exclusivo, naquilo que se afigura ser uma tentativa de apropriação de um património que é comum.

«A Federação não está a saque», acrescentam os sindicatos maioritários, que admitem a possibilidade de recorrer aos meios que a lei faculta para situações deste tipo, independentemente de outras acções, destinadas a salvaguardar o cumprimento dos Estatutos.

Os sindicatos maioritários defendiam «uma solução concertada que evitasse a hegemonia fosse de quem fosse» e uma ampla discussão do problema a nível «dos próprios trabalhadores, no seio dos seus sindicatos». Apesar do seguimento dado à questão, pelos dirigentes da UGT, aqueles sindicatos continuam abertos ao diálogo, dispostos a obter uma solução que torna possível a unidade no âmbito da estrutura federativa.

A "cabazada de fome" do Governo Mota Pinto

CABAZADA DE FOME – tal é o resultado dos aumentos de preços determinados pelo Governo Mota Pinto para os produtos do «cabaz das compras», segundo o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Alimentares de Hidratos de Carbono do Sul.

De acordo com um comunicado distribuído por este Sindicato, os recentes aumentos acarretam um «agravamento substancial das já magras condições de vida» dos trabalhadores portugueses, representando uma subida de cerca de 22 por cento. Além disso, «a diminuição substancial dos produtos que compõem o cabaz de compras, tal como as carnes e o peixe congelado, e as previsões de aumentos dos combustíveis e transportes, põem em sério risco a sobrevivência da família portuguesa».

Especificamente no que respeita ao aumento do pão, o Sindicato nega qualquer responsabilidade dos trabalhadores, esclarecendo que os respectivos lucros «são absorvco a sobrevivência da família portuguesa».

Especificamente no que respeita ao aumento do pão, o Sindicato nega qualquer responsabilidade dos trabalhadores, esclarecendo que os respectivos lucros «são absorvidos pelos organismos controladores do comércio da EPAC e pelos grandes monopólios das moagens, que têm em seu poder toda a produção de cereais comprados por preços que em nada protegem os produtores, nomeadamente as UCPs».

De assinalar que a matéria-prima (as farinhas) também aumentou em cerca de 22 por cento, «o que deixa ao pequeno e médio panificador uma pequena parcela do bolo».

De acordo com o mesmo comunicado, estes factos demonstram que o actual Governo «não serve» por se ter colocado numa «situação de frontal desrespeito pela Constituição da República». «Ao sr. Mota Pinto e sua equipa só resta o caminho que nas grandes manifestações populares em 22 de Março lhes apontámos – **a demissão**», conclui o Sindicato dos Hidratos.

PUB.

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA METALURGIA, METALOMECÂNICA, E MINAS DE PORTUGAL

25 de ABRIL • 25 de ABRIL • 25 de ABRIL • 25 de ABRIL • 25 de ABRIL • 25 de ABRIL

25 DE ABRIL VIVO EXPRIME VONTADE POPULAR

Na madrugada do 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas, secundado pelo movimento popular de massas, pôs termo ao regime ditatorial que, ao longo de 48 anos, oprimiu e subjugou o Povo português e os povos submetidos ao domínio colonial.

Caía a mais velha e criminosa ditadura fascista, abrindo-se ao nosso povo as amplas alamedas da liberdade e da democracia e o campo fértil das espigas maduras do pão.

A intervenção das massas populares, em que as associações sindicais tiveram um papel primordial, conferiram ao processo revolucionário a sua dinâmica, mobilizando o esforço criador e a capacidade de luta dos trabalhadores para a conquista das mais prementes e inadiáveis aspirações.

Foram vencidos os obstáculos levantados pela reacção, desferido com as nacionalizações, um golpe profundo no Poder económico dos monopólios e aberto o caminho a importantes transformações económicas, sociais e políticas, os povos submetidos ao colonialismo tornaram-se independentes, a Reforma Agrária foi realizada e exercido o controlo operário.

Finalmente, a Constituição da República Portuguesa, forjada no decorrer de um processo complexo e irregular, foi promulgada a 2 de Abril e entrou em vigor a 25 de Abril de 1976, consagrando as grandes conquistas alcançadas e o projecto colectivo que aponta a construção do socialismo.

Data histórica, o 25 de Abril vivo. Está vivo na voz clamorosa das centenas de milhares de trabalhadores que, unidos e organizados, lutam pela defesa dos seus interesses e dos interesses nacionais. Está vivo nas conquistas da Revolução de Abril.

O 25 de Abril representa os ideais de transformação, consubstanciados pela vontade popular no primeiro 1.º de Maio comemorado em liberdade. Como exprime o sentimento profundo e o empenho do nosso povo em concretizar os objectivos constitucionais e a sociedade vindoura, mais fraterna, mais liberta, mais fecunda. Face à ofensiva reaccionária do Governo Mota Pinto/PPD, as comemorações do aniversário da Revolução de Abril reflectirão, necessariamente, o enérgico repúdio popular pela política do executivo e afirmarão a defesa consequente das conquistas democráticas.

Em todo o País, os trabalhadores têm afirmado o não rotundo à política desastrosa e de ruína nacional do executivo da direita reaccionária.

O Movimento Sindical Unitário, os trabalhadores portugueses e as forças democráticas reafirmarão uma vez mais as suas propostas e aspirações exigindo um governo que respeite, cumpra e concretize os princípios constitucionais, as conquistas de Abril.

Ao comemorar o 25 de Abril, os trabalhadores cimentam a força poderosa e a unidade fraterna e combativa, em que decorrerá o Dia Mundial do Trabalhador.

São duas datas que se ligam, jornadas históricas das classes trabalhadoras na sua marcha irreversível para o futuro.

No 5.º Aniversário do 25 de Abril, a Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal saúda os militares de Abril, todos os democratas que lutam para que se mantenha viva a chama da liberdade, exortando os trabalhadores portugueses, em especial os do sector, a participarem activa e massivamente nas comemorações que assinalarão esta data.

Fazer do 25 de Abril a jornada de afirmação das importantes conquistas alcançadas é lutar para que o 25 de Abril se cumpra.

LISBOA, ABRIL DE 1979

O SECRETARIADO

DAMAIA — VENDE-SE

1.º andar, 3 assoalhadas, cozinha, WC, hall, 3 varandas fechadas e alcatifadas, para habitação, escritório ou consultório, óptimo local frente ao cinema.

Largo da Igreja n.º 2, 1.º-B, Damaia. telef. 97 40 91.

Caminhos de Ferro Portugueses — E. P.

HORÁRIO DE VENDA DE BILHETES PARA COMBOIOS RÁPIDOS

Previnem-se os Srs. Passageiros de que os horários de venda de bilhetes para comboios rápidos passam a ser os seguintes:

LISBOA (ROSSIO) E PORTO (S. BENTO):
— A venda de bilhetes efectua-se desde as 09.00 h do 10.º dia anterior ao dia da partida até 3 horas antes da partida dos comboios de Lisboa (Santa Apolónia) e Porto (Campanhã).
— Exceptuam-se os casos dos comboios com partidas às 7.45 h e 10.45 h de Lisboa (Santa Apolónia) e Porto (Campanhã), cuja venda de bilhetes termina às 19.00 h da véspera do dia da partida.

COIMBRA:
— A venda de bilhetes efectua-se desde as 09.00 h às 12.00 h e das 14.00 h às 19.00 h do 10.º dia anterior ao dia da partida até:
— às 19.00 h da véspera para os comboios com partida de Coimbra-B às 09.49 h (para Porto) e às 09.01 h (para Lisboa);
— às 12.00 h do próprio dia da partida para os comboios com partida de Coimbra-B às 16.38 h (para Porto) e às 15.59 h (para Lisboa);
— às 15.30 h do próprio dia da partida para os comboios com partida de Coimbra-B às 19.13 h (para Porto) e às 18.26 (para Lisboa);
— às 19.00 h do próprio dia da partida para os comboios com partida de Coimbra-B às 22.39 h (para Porto) e às 22.01 h (para Lisboa).

COIMBRA-B:
— A venda de bilhetes inicia-se uma hora após o seu término em Coimbra e até à partida de cada comboio.

SOLTAS

O MONUMENTO

Os patrões gostam dos trabalhadores a ponto de lhes erigirem um monumento? Gostam. Está provado: na Madeira, o respectivo Governo Regional deu ordem aos trabalhadores para construirem um monumento aos trabalhadores. Certo, afinal são os trabalhadores quem produz para os patrões. Mas quem tem o direito de comemorar o Dia Internacional do Trabalhador? A iniciativa do Governo de Jardim é considerada pelos trabalhadores madeirenses como «ridícula e demagógica». Cinco sindicatos manifestaram mesmo o seu «mais vivo repúdio por tal iniciativa». É que «a actuação do Governo Regional da Madeira tem sido virada para a defesa dos interesses do patronato, em prejuízo dos trabalhadores». E, assim, torna-se ridículo este monumento a partir de um Governo que não tem mostrado «qualquer respeito pelos interesses dos trabalhadores».

HÁ ALTERNATIVA

A alternativa para o 1.º de Maio na Madeira parte da União dos Sindicatos local e, apelando à participação e unidade, visa uma grande jornada de luta contra «as medidas antipopulares e anticonstitucionais do Governo Mota Pinto/PPD e do Governo Regional João Jardim/PPD».

NUTRIPATRÃO

A suspensão de uma delegada sindical na Nutrifruta, perto de Alcobaça, originou formas de luta, até ao dia 27: uma hora de manhã e outra de tarde em greve. O patrão, um retornado que não tem respeitado minimamente os direitos dos trabalhadores, pretende, provavelmente, continuar a nutrir-se à conta dos trabalhadores. Por isso não quer delegados sindicais.

HOTELARIA CENTRO

Amanhã há eleições no Sindicato da Hotelaria dos Distritos de Coimbra, Leiria, Guarda e Castelo Branco. Os seus associados poderão votar numa lista unitária, a A, que se opõe à actual direcção. É «a lista da mudança para uma vida nova no sindicato», de acordo com a sua sigla. A actuação dos corpos gerentes até agora em exercício originou «uma situação catastrófica e degradante do seu sindicato».

MAIS «LUZ»

Há mais «luz» na Soares da Costa, onde prossegue a luta contra um sistema arbitrário de deslocações imposto pela administração: os electricistas da empresa aderiram e entrarão em greve total na sexta-feira. Está em questão, também, um caderno reivindicativo apresentado pelos trabalhadores, do qual constam exigências de aumentos salariais e condições de higiene e segurança. A luta foi iniciada no dia 17.

CRÓNICA À MARGEM

Parece que foi ontem

Foi há cinco anos e parece que foi ontem. Na noite de 24 de Abril de 1974, o ambiente que se vivia na Redacção do «Jornal do Comércio» não era exactamente igual ao das outras noites. Pressentimento colectivo, ou lá o que fosse, recordo-me com nitidez que se esperava «qualquer coisa», de resto deste o 16 de Março que algo se previa que viesse a acontecer a todo o momento.

Mas naquela noite, repito, havia como que uma ânsia, indisfarçável, a envolver-nos. Um camarada de Redacção, o António Ramos (então capitão no activo e futuro ajudante de campo do Spínola) entrara no jornal com ar misterioso. Falou pouco, contra o seu costume, e pediu para sair pouco tempo depois alegando uma vaga má disposição. Ninguém lhe arrancou a mínima pista e talvez por isso o nível de ansiedade cresceu.

Contactos telefónicos com as mais diversas fontes multiplicaram-se enquanto a produção do jornal de 25 de Abril de 1974 ia avançando. Fechámos a edição, cerca das 2 horas da madrugada, sem apanharmos a **notícia** que poucas horas depois acordaria o país de um sono de quase meio século.

Saí do «Jornal do Comércio» por volta das 3 e não me apetecia dormir. Fui, com um grupo de colegas, comer um «prego» e beber um copo. Cheguei a casa quase às 5 e sono nicles. Liguei o rádio e ouvi a Grândola. O coração batia fora de compasso. Veio o primeiro comunicado. O segundo e o terceiro (aqui, Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas...).

Fiz a barba e tomei um duche. Corri para a Redacção onde já estava o chefe, Silva Costa, mais uma meia dúzia de redactores. O pressentimento colectivo do princípio da noite de 24 traduzir-se-ia, minutos depois, na mobilização espontânea de todo o corpo redactorial.

Atirámo-nos ao trabalho. Uns correram para a rua ao encontro dos acontecimentos, outros (entre os quais eu) ficaram agarrados aos telefones, atentos aos telexes e à rádio, coordenando os elementos que por todas as vias chegavam à Redacção.

Depois do meio-dia deixámos de mandar as provas à Censura. A seguir foi a rendição do Carmo. A vitória estava consumada quando, cerca das 18 horas, consegui dar uma escapada até à rua.

Caía uma chuva miudinha. O povo cantava e dava as mãos aos irmãos fardados. Das espingardas nasciam cravos.

Foi há cinco anos e parece que foi ontem.

Há cinco anos, ontem, hoje e sempre 25 de Abril.

RODRIGUES BORGES

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

Trânsito condicionado

Por motivo das cerimónias comemorativas do 25 de Abril, designadamente a cerimónia militar da manhã e a sessão solene na Assembleia da República, amanhã à tarde, verificar-se-ão proibições de estacionamento de viaturas na área abrangida por aqueles actos, e condicionamentos de circulação que serão regulados por agentes da Divisão de Trânsito nos locais apropriados.

Igualmente haverá restrições ao trânsito na Avenida da Liberdade por motivo da «Corrida da Liberdade» amanhã de manhã, com condicionamentos de circulação e isolamento de toda a artéria, à excepção do cruzamento com a Rua Alexandre Herculano e a utilização da faixa central no sentido descendente aberta aos transportes públicos.

Também o itinerário definido pela Avenida Infante D. Henrique, Praça do Comércio e Ribeira das Naus estará sujeito a condicionamentos entre as 13 e as 14 e 30h. devido à prova velocipédica Santarém-Lisboa a efectuar no âmbito das mesmas comemorações.

DESPORTISTA,

PENSA NO TEU FUTURO!

Exames «ad-hoc» de acesso ao Ensino Superior (ISEF — Instituto Superior de Educação Física), exames de 2.ª época para homens e senhoras, residentes em Lisboa e em qualquer ponto do País. Podem todos fazer o exame «ad-hoc», desde que possuam, pelo menos, o exame de 4.ª classe do Ensino Primário. Preparamos por correspondência, propomos e apresentamos a exame. Também esquematizamos e clarificamos os «pontos» dos exames uns dias (15 dias aproximadamente) antes da realização oficial dos mesmos exames. Preço, incluindo todas as despesas: nove mil escudos. Pode o pagamento ser feito em duas fracções mensais de Esc. 4.500$00.

Dirija-se, pelo correio ou pessoalmente, ao prof. Simões Neves, Rua do Poço dos Negros, 23-4.º - Dt.º (ao Conde Barão), 1200 Lisboa, Telefone 604110. Além do curso de admissão ao ISEF, há também outros cursos superiores aos quais dá acesso o simples exame «ad-hoc».

MANUEL ALEGRE AO "DL"

Há que saber quem está por detrás desta crise

Manuel Alegre, membro do Secretariado Nacional do Partido Socialista, pensa que há alguém que manobra na obscuridade. Que a actual conjuntura se destina a desgastar a imagem dos partidos. Que um certo odor a «marketing» está no ar. O Presidente da República é criticado na entrevista que resumimos para os leitores do «DL», e em que se afirma poder o PS apresentar em breve as moções de rejeição que derrubem o IV Governo que não corresponde à vontade popular. Entrevista com muitas entrelinhas, apesar da clareza formal que a caracteriza.

As comemorações deste ano do 25 de Abril fazem-se no meio de uma «intensa e despudorada campanha fascizante contra a revolução do 25 de Abril» como se lê no último comunicado do Partido Socialista. Como se chegou a esta situação, Manuel Alegre?

– Foi um conjunto de razões internas e externas que explicam que se tenha chegado a esta situação. É sabido que uma revolução que fica a meio é uma revolução que fica para trás, e a nossa revolução em muitos aspectos, e sobretudo no que respeita à própria reforma democrática do Estado e à liquidação do fascismo no plano político, foi uma revolução que ficou a meio. Há também outros factores, nomeadamente, o confronto entre diferentes concepções da Revolução, que se verificou no próprio seio das forças partidárias da revolução confronto esse que enfraqueceu a revolução portuguesa, no seu conjunto.

Salvador Allende dizia que a direita não compreende a generosidade da esquerda, nem a generosidade do Povo, da sua luta e da sua esperança. Esta revolução foi uma revolução generosa, pacífica e a direita portuguesa que, como a de outros países pensa mais nos seus privilégios e nos seus interesses do que propriamente nos interesses do Povo e no Progresso do País, não compreende essa generosidade, nem tem essa generosidade.

– Não existe Pide, censura, terror ou mordaça, afirma o PS em comunicado. Mas, parece-nos existir uma violência latente e uma tentação de «muscular» a democracia a pretexto do cumprimento da legalidade.

– Em primeiro lugar, o que pretendem as forças políticas que representam os interesses sociais da antiga classe dominante? Pretendem refazer a hegemonia política e económica que perderam com o 25 de Abril... Ora, das duas uma: ou as forças populares, as forças partidárias do 25 de Abril são capazes de consolidar e de aprofundar essas transformações consagradas na Constituição ou é evidente que as forças restauracionistas vão, cada vez mais, enveredar por uma via de confronto, por uma via de violência. E há até alguns sinais que são preocupantes. As forças de direita começam a ter consciência de que, por via eleitoral, de acordo com a vontade popular é muito difícil desfazer aquilo que foi feito, ou que possam conquistar o poder. Daqui até resvalarem para a tentação do golpe constitucional ou anticonstitucional é um passo muito pequeno.

VER POR DETRÁS DO GOVERNO

– E, tem este governo uma correspondência no anseio dos eleitores, das forças populares?

– Quanto ao IV Governo, ele não corresponde de maneira nenhuma nem à letra nem ao espírito da Constituição nem às aspirações populares. O que está em causa em primeiro lugar é a própria natureza deste Governo, formado à margem dos partidos, apartidário, que se transformou rapidamente num Governo contra os partidos políticos e agora aparece até, ou tentou aparecer, como motor da formação de um novo partido.

É preciso ver também o que está por trás deste Governo. Não há dúvida nenhuma que a situação foi criada sob o impulso, sob a responsabilidade directa do Presidente da República. Penso que se não podem dissociar as duas coisas. A natureza do Governo e a situação de anormalidade cuja responsabilidade cabe ao Presidente da República. Este Governo é um instrumento que visa o desgaste dos partidos para a transformação do próprio regime.

SE O PRESIDENTE NÃO ASSUMIR AS SUAS RESPONSABILIDADES...

– O PS criticou, quando foi recebido em Belém, a situação política e o IV Governo de forma considerada dura. Ramalho Eanes respondeu que o PS poderia utilizar os mecanismos constitucionais para derrubar o Executivo. O que diz desta atitude do PR?

– O PS pode derrubar o Governo, ou pelo menos pode apresentar as duas moções de censura, mas também já disse que o PR o pode fazer também... Este Governo não serve o País e o PS não fugirá às suas responsabilidades: se o Presidente da República não assumir as responsabilidades que lhe competem em relação a um governo que não tem uma base parlamentar, que entrou em confronto com os partidos políticos, o PS em tempo oportuno apresentará as moções de censura.

– Qual é o estado de espírito relativo ao IV Governo existente no seio do PS?

– Há um estado de espírito: este Governo não pode manter-se. Mas nós temos de definir as regras do jogo. Não se pode fazer só a crítica ao Governo. A sua rejeição é também a rejeição de um caminho pelo qual enveredou o Presidente da República.

ACÇÃO PSICOSSOCIAL...

– Os manifestos, frentes, associações e acções de políticos da direita e centro-direita que significado têm para si?

– Em primeiro lugar, de forma caricatural, diria que são más traduções de experiências tentadas noutros países, nomeadamente na França, desde a experiência gaullista à experiência reformadora de J.J. Servan-Schreiber. Esta movimentação integra-se numa estratégia que tem como objectivo de fundo, não propriamente rever a Constituição, mas rasgar a Constituição e mudar o regime. Penso que há coisas um tantou, ou quanto ridículas, nomeadamente a cobertura dada pela imprensa portuguesa ao Manifesto Reformador. Não é um movimento que culmine na apresentação de um manifesto. Que se saiba tem dois patrocinadores. É uma iniciativa de duas pessoas isoladas que vão tentar criar um movimento. Como se explica que a imprensa estatizada tenha dado a cobertura que deu a uma iniciativa desta natureza? Nada disto é claro e nada disto acontece por acaso. Por detrás desta movimentação há forças e que me parecem um tanto obscuras. Existe uma espécie de «marketing», de publicidade que lembra coisas que vêm do regime anterior e que lembra até o tipo de acção psicossocial que se fez na guerra colonial... O que está por detrás deste tipo de movimentações? Este é um tipo de pergunta que nós não podemos deixar de fazer e que teremos de fazer publicamente. Quem está por detrás do tipo de campanha que se faz na imprensa, do desgaste dos partidos políticos e de promoção de pessoas que não se submeteram ao sufrágio popular?

– Várias têm sido as posições de militares tomadas nos últimos tempos e de características diversas...

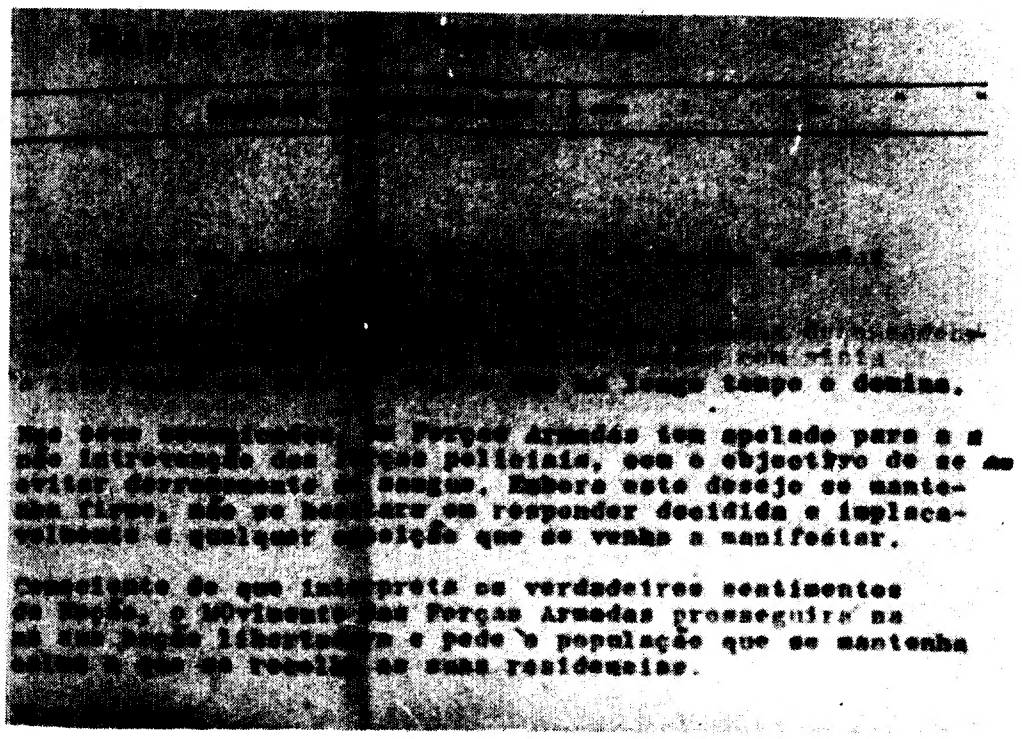
– Tem-se falado muito do poder militar e do poder civil. Eu penso, como tem assinalado o meu camarada Zenha, que esta é uma maneira errada de pôr o problema. Tem de haver um único poder, um poder democrático. E que resulte da vontade popular e que esteja imbuído do espírito do 25 de Abril, consagrado na Constituição. Normalmente as revoluções fazem os seus generais. Há quem creia que esta revolução destrua os seus capitães. O espírito do 25 de Abril tem de prevalecer nas Forças Armadas, e penso também que a hierarquia das Forças Armadas não pode estar em contradição com o estado de espírito existente nas Forças Armadas. A própria hierarquia das Forças Armadas tem de ser uma hierarquia do 25 de Abril.

NECESSÁRIA UMA CLARIFICAÇÃO

– Para a consolidação da Democracia, quais as tarefas prioritárias?

– A tarefa prioritária é operar um reajustamento democrático a todos os níveis da sociedade portuguesa, nomeadamente ao nível das instituições. Não podemos ter uma Constituição democrática e progressista, uma Assembleia da República com a composição actual e um Governo que aparece identificado com as organizações patronais, falando uma linguagem quase restauracionista e servindo os interesses daqueles que querem repor a hegemonia económica e política da antiga classe dirigente. E também não podemos permanecer na ambiguidade em que nos encontramos. O nosso regime não é um regime presidencialista. É um regime semi-presidencialista. O Presidente da República assumiu, em meu entender, a grave responsabilidade de introduzir deformações no processo democrático e não está claro se o Presidente da República apadrinha ou não um conjunto de modificações que têm em vista a própria modificação do regime num de tipo presidencial. É assim, tarefa prioritária, a clarificação política da situação e um reajustamento democrático com a vontade popular.

Entrevista de José Manuel Nunes



Lembram-se?

Marcelo Caetano sai do Quartel do Carmo a bordo da Chaimite...

...com a multidão concentrada no Largo do Carmo

Um agente da PIDE reconhecido por populares também no Largo do Carmo

CONSELHEIROS DA REVOLUÇÃO

1 — Passados cinco anos sobre a data histórica do 25 de Abril, que sentido têm as comemorações? Defesa do que foi conquistado ou também afirmação de futuro?

2 — O espírito do 25 de Abril foi absorvido pela grande massa do Povo português ou perdeu-se nas vicissitudes de uma revolução que encontrou pela frente os mais graves problemas económicos e sociais?

3 — Quais os factos mais significativos da vontade dos homens do 25 de Abril que possam traduzir esse espírito?

4 — Como vê o futuro do País, atendendo à evolução da sua História recente?

5 — Considera positivo o papel do CR, especialmente a partir da institucionalização da democracia com a promulgação da Constituição?

DEPOIMENTOS RECOLHIDOS POR AUGUSTO VILELA

CORONEL PEZARAT CORREIA: "Continuamos ainda a pagar o preço duma certa indefinição política, produto duma luta que se trava entre a marcha para o futuro e o regresso ao passado"

1. Comemorações, antes de tudo, contêm sempre uma intenção de assinalar uma data ou um acontecimento relevante e esse objectivo está, obviamente, presente em todos os actos que integrarão as comemorações do 25 de Abril. A data e os acontecimentos que a lançaram nas páginas da História, são de facto das mais relevantes da vida portuguesa, quer porque encerraram um período de obscurantismo retrógrado e esterilizante, quer pela proposta de futuro que abriram aos portugueses, mas o seu peso como fenómeno histórico transcende Portugal e os portugueses, pelos reflexos que vieram a ter na Europa e no Mundo, com significado especial para Espanha e África.

Mas estas comemorações, para além de assinalarem uma efeméride, têm também, sem dúvida, um significado político muito concreto. Porque se está contra ou a favor do 25 de Abril, como se está contra ou a favor dum Portugal virado ao futuro, fruto das transformações que esse mesmo 25 de Abril gerou.

Mas neste âmbito, não creio que sejam dissociáveis as duas questões que me são postas. A afirmação do futuro passa pela defesa do que foi conquistado como, naturalmente, a defesa do que foi conquistado e a sua consolidação é uma etapa fundamental para a afirmação do futuro.

Poderá assim, tão-só, pôr-se o problema da prioridade e esta decorre da situação conjuntural. Face à ofensiva desesperada que a vários níveis se desencandeou contra o 25 de Abril e o projecto transformador contido na Constituição, ofensiva esta de raiz e expressão claramente superstrutural e à margem de qualquer movimento social profundo, a hora é de facto de resistência, de defesa de conquistas consubstanciadas nas liberdades e nas transformações sociais, mas sempre dinamicamente motivada para fazer dessa consolidação a plataforma de lançamento para o progresso, para o futuro.

2. Eu creio que o espírito do 25 de Abril não se perdeu, mas, isso sim, evoluiu.

No princípio foi a festa pelo derrube do fascismo, a embriaguês ingénua dum povo que nascia para a liberdade e que acreditava que esta, só por si, resolveria todos os problemas.

Depois foi o choque brutal com as realidades, a luta pelo poder que dividiu a anterior unidade antifascista, a luta de classes transbordada do campo ideológico e verbal para o campo das realidades sociais, os boicotes e as sabotagens internas e estrangeiras, o voluntarismo anarquizante, inocente ou provocatório, a descolonização a pagar o preço duma colonização sem alternativa. Foi um período em que a generosidade dos capitães de Abril quis que a revolução coexistisse com o gozo pleno das liberdades, rejeitando uma direcção política rígida e autoritária. Foi a fase em que o espírito do 25 de Abril foi ao mesmo tempo sopro transformador e trincheira de combate, em que a exigência da sua própria definição gerou tensões, cavou cisões, elegeu vencedores e vencidos, todos considerando-se portadores desse espírito. Entra-se a seguir no período Constitucional, período de transição e o espírito do 25 de Abril confunde-se com a esperança na Constituição porquanto projecto livremente escolhido pelo povo português consagrante da realidade nascida com a revolução. E hoje? São graves os problemas económicos e sociais, como também os políticos e culturais, reflexo quer da crise global no espaço geográfico em que nos inserimos, quer das dificuldades e erros próprios. Dificuldades herdadas do fascismo e do colonialismo e não ainda suficientemente denunciadas; erros acumulados no período pré-constitucional, como durante a vigência constitucional, em que, por não ter sido plenamente assumido o sentido programático da Constituição, foram sendo artificialmente introduzidos, aos vários níveis e sectores da sociedade, desajustamentos estruturais que vieram a inverter a lógica político-social, com graves reflexos no agravamento da situação económica e financeira.

Por isso que o espírito do 25 de Abril, hoje, se traduza na rejeição e resistência contra essa lógica e na confiança em que a solução exige a correcção desses desajustamentos.

Não nego, ninguém poderá negar, que há desencanto, estupefacção, crise de confiança, mas estou profundamente convicto que não apontam para o 25 de Abril, mas sim para o desvio e incumprimento das promessas que o 25 de Abril trouxe.

3. Vai sendo um lugar comum, mas que não deixa de sintetizar o Programa do MFA, afirma-se que o seu espírito se continha na trilogia democratizar, desenvolver, descolonizar. Ilustrando um pouco mais estes conceitos que traduziram de facto a esperança numa sociedade melhor, digamos que se apontava para uma democratização global, em termos políticos, económicos, sociais e culturais, como base estrutural para um desenvolvimento em benefício real do povo português e não como factor gerador de novos privilégios e desigualdades acobertadas pela legitimidade dum simples e ilusório quadro de democracia formal e uma descolonização que se traduzisse numa autêntica independência dos povos das colónias tendo em conta a luta por eles travada pela sua liberdade e com recusa firme de quaisquer modelos neo-coloniais.

Hoje, apesar de tudo, penso que se pode contabilizar no activo dos resultados, o regime político em que as liberdades políticas e sindicais são realidades, em que os orgãos institucionais do poder representativo são expressão livre da vontade popular, em que a Constituição resulta também da livre escolha e contém as potencialidades de democratização global que atrás enunciei, o fim da guerra e o nascimento de novos países soberanos e independentes saídos das antigas colónias, o fim do isolamento internacional de Portugal que se vê finalmente respeitado e considerado por todos os países do mundo.

4. Eu não sou pessimista e recuso as visões catastróficas que alinham pela repetição dos fenómenos históricos e pela reedição dum qualquer 28 de Maio.

A nossa experiência recente alimentou uma enorme consciência do nosso povo que se lembra do passado, conhece o porquê do presente e sabe o que quer para seu futuro.

A democracia, entendida como liberdade e participação, tem infindáveis potencialidades e as nossas dificuldades hão-de ser vencidas, em liberdade e rumando ao progresso.

Continuamos ainda a pagar o

RESPONDEM AO QUESTIONÁRIO "DL" SOBRE O 25 DE ABRIL

preço duma certa indefinição política, produto duma luta que se trava entre a marcha para o futuro e o regresso ao passado. Há sinais preocupantes, mesmo em alguns sectores ao nível do poder, de alinhamento com este último, que aliás só têm sido possívevis exactamente porque se detém o poder e daí se retira um conceito de legitimidade que, ao sobrepor-se mesmo aos textos legais, invade o campo do poder arbitrário.

Mas creio bem que as próximas consultas eleitorais, ocorram quando ocorrerem, reafirmarão a vontade popular de se prosseguir a evolução para que a actual Constituição já aponta e então, com maior estabilidade política e sabendo recolher os ensinamentos dos erros cometidos, a recuperação será possível, no quadro do projecto reafirmado.

5. O CR, orgão institucional por vontade das constituintes, materializa exactamente, pela sua natureza e pelas suas funções, a conciliação contida na Constituição, da via revolucionária com a via democrática formal. Isto é, nem transformação com alienação das liberdades, nem liberdades como instrumento de perpetuação das injustiças.

A avaliação dos méritos a partir dos resultados, hoje, não permite concluir que sejam totalmente positivos. Mas creio também que há uma importante faixa de virtudes a registar. Se por um lado lhe cabem responsabilidades por a vários níveis se verificar um fraco empenhamento na Constituição, quando não mesmo o seu desprezo, como na insuficiente defesa do espírito do 25 de Abril, como na morosidade na produção de legislação de fundo para as Forças Armadas, também é verdade que tem agido com humildade e dignidade, contribuindo para a progressiva e tendencial subordinação do poder militar ao poder político, recusando a militarização do regime, procurando contribuir para o entendimento entre as diversas forças políticas e sociais e, talvez principalmente, constituindo, com a sua própria existência, um marco demonstrativo de que o 25 de Abril permanece e um obstáculo às abusivas e excessivas manobras contra a Constituição.

O C.R. vai certamente extinguir-se com a revisão constitucional, mas desiludam-se os alquimistas que pretendem forjar o futuro em laboratório, à margem do movimento social. O C.R. não se vai extinguindo e demitindo progressivamente, só porque tem um limite temporal definido.

Aliás, um dos contributos indirectos mais significativos para permitir concluir do seu papel positivo, recolhe-se dos incómodos que causa aos sectores antidemocráticos, anticonstitucionais e saudosistas do passado e dos argumentos que os mesmos utilizam para o atingir, desde a mentira, à calúnia, ao insulto, à tentativa de paralisação. Tudo serve. Mas o C.R. não cairá na manobra provocatória e, serenamente, deverá procurar cumprir a sua missão, que é uma imposição democrática do povo português.

BRIGADEIRO FRANCO CHARAIS: "A exploração do homem pelo homem vai-se tornando cada vez menos consentida e uma crescente justiça social será irreversível na nossa sociedade"

1 – Portugal, após Abril 74, passou a ser, aberta e livremente, analisado e discutido por todos os portugueses. Dia a dia, ano a ano, é maior a compreensão que vamos adquirindo sobre os fenómenos políticos, sociais, económicos e culturais que nos dizem directamente respeito. Dificilmente será permitido que aquele entendimento volte a tornar-se em exclusivo de uma elite privilegiada.

A exploração do homem pelo homem vai-se tornando cada vez menos consentida e uma crescente justiça social será irreversível na nossa sociedade.

2 – Estou convencido que o espírito do 25 de Abril foi absorvido pela grande massa do povo português. Embora uma minoria que o odeia, por saber em risco os privilégios ilícitos que ainda detém, o combate nos órgãos de comunicação social que controla, será aquele espírito, assumido de forma cada vez mais consciente e devidamente mobilizado, que irá permitir a resolução dos nossos graves problemas económicos e sociais.

3 – O povo português saberá, melhor, ajuizar quais os factos mais significativos. No entanto, não posso deixar de referir a constante vontade de não permitir que se cerre o diálogo entre todos os portugueses o que permitiu dotar o País com uma Constituição elaborada pelos representantes, livremente eleitos do povo português e a concretização das organizações democráticas nela previstas.

4 – Estou plenamente confiante que as qualidades do povo português, potencialmente desenvolvidas por um frutuoso diálogo democrático, permitirão tornar Portugal numa Nação digna dos seus brilhantes oito séculos de História universal.

5 – O papel desempenhado pelo Conselho da Revolução, após a promulgação da Constituição foi discreto, sinal de que a sociedade portuguesa caminha para a consolidação da sua democracia política.

COMANDANTE MARTINS GUERREIRO: "Para quem confia nas classes trabalhadoras e no povo em geral, o futuro nunca se apresenta negro"

1 – Comemorar o 25 de Abril, data em que o povo português se autodeterminou, ao libertar-se do fascismo, é sobretudo uma afirmação de patriotismo e de dignidade cívica. Mais do que defender a concretização das perspectivas que rasgou – a liberdade, a democracia e o progresso – , é a afirmação de que essas perspectivas continuam a ser necessárias e actuais. Eu diria que o 25 de Abril foi o abrir de uma porta, conquanto esta imagem não pretenda minimizar o acto libertador, só possível graças a uma resistência heróica e prolongada de largos sectores do povo português, ao longo de anos de luta.

Uma porta abre-se para passar adiante; o 25 de Abril franqueou ao povo português a entrada no seu tempo, o reencontro consigo próprio, os caminhos do futuro.

A comemoração é afinal principalmente uma afirmação da validade e vitalidade dos ideais de Abril, ideais que foram do passado, são do presente e serão do futuro. A porta permanece aberta e a evocação é a prova de que as forças que lutam para que a porta não se feche e para que os ideais afirmados se concretizem, crescem e são cada vez maiores; as fileiras dos que defendem e continuam Abril vão engrossando através da participação generosa e firme de um povo a todos os níveis.

A comemoração é uma manifestação serena, democrática e firme dessa determinação e capacidade de continuar a caminhada iniciada em 25 de Abril de 1974.

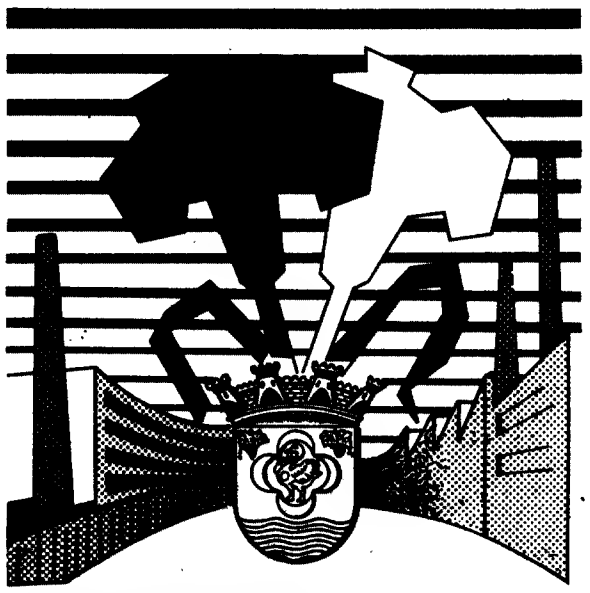
2 – O espírito do 25 de Abril concitou uma uma imensa adesão popular, que ninguém que o tenha vivido poderá esquecer. Se é certo que no seu caminho encontrou grandes problemas económicas e sociais, não podemos omitir que foram precisamente esses graves problemas que o fizeram eclodir. Resolvê-los é ta-

Continua na pág. 14

OEIRAS

SEMANA DA LIBERDADE

25 DE ABRIL SEMPRE



FASCISMO NUNCA MAIS

- ESTAFETA DA LIBERDADE
- COMÍCIO-FESTA
- PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO AO 25 DE ABRIL
- REVELAÇÃO PÚBLICA DOS PROJECTOS PREMIADOS PELO JÚRI DO CONCURSO PARA O MONUMENTO AO 25 DE ABRIL

ALGÉS • PARQUE ANJOS

DIA 24, ÀS 21.30

UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA

ÀS MULHERES DO DISTRITO DE LISBOA

Somos mulheres trabalhadoras e estamos com Abril.

Estar com Abril é estar com a Revolução que nos restituiu a liberdade, que nos reconheceu os direitos fundamentais, que pôs fim à guerra colonial onde morriam ou ficavam mutilados os nossos noivos e maridos, os nosso irmãos e os nossos filhos.

Estar em Abril é estar com a Revolução que pôs termo à mais velha ditadura fascista do mundo.

Estar com Abril e a Revolução é estar consciente que a direita reaccionária pretende recuperar os privilégios perdidos, reinstaurar o poder dos monopólios e exercer sobre os trabalhadores uma exploração desenfreada.

Ao lado de todos os trabalhadores, as mulheres conscientes desta situação devem intensificar a sua acção lutando activamente, onde se joga o futuro da Democracia.

Comemorar o 25 de Abril, glorificar os corajosos militares que tornaram possível a Revolução, é também uma forma de luta.

Vamos, pois, todas nós, mulheres portuguesas, **sair à rua em 25 de Abril, exteriorizar a nossa alegria e gritar o nosso repúdio pela política reaccionária e anticonstitucional do Governo Mota Pinto.**

SOMOS MULHERES TRABALHADORAS E ESTAMOS COM ABRIL

EM UNIDADE, AS MULHERES PORTUGUESAS AJUDARÃO A AUMENTAR A DEMOCRACIA, A CONSTRUIR UM PORTUGAL ONDE SEJAM GARANTIDAS AOS TRABALHADORES MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO!

DEP. DE MULHERES DA USL

ALVARO CUNHAL AO "DL"

A principal ameaça contra a democracia é a permanência deste Governo no poder

O principal perigo que ameaça o regime democrático na actual conjuntura é a tentativa, que está em curso, de impor soluções inconstitucionais para os problemas do País; é a continuação no Poder de um Governo que já se situa amplamente fora do quadro da Constituição – afirma Álvaro Cunhal ao «DL» no momento em que, de Norte a Sul, festejamos os cinco anos do 25 de Abril. Não sendo possível, de momento, chegar com os socialistas a um acordo de base parlamentar para um Governo democrático, somos por eleições intercalares que dêem origem a uma nova Assembleia. A partir dela poder-se-á formar um governo democrático. A direita – diz ainda Álvaro Cunhal – teme, mas teme verdadeiramente, o eleitorado, e por isso está a fazer tudo o que pode para obter umas pseudo-eleições que permitam à minoria continuar a governar contra a maioria do povo.

– O 25 de Abril está a fazer anos. Quer dizer-nos o que sentia quando o avião em que voltava legalmente para Portugal desceu para Lisboa, em 1974?

– Certamente o mesmo que todos os portugueses para quem acabava o pesadelo de cinquenta anos, ou quase, de fascismo: uma grande alegria, porque íamos entrar numa época nova da vida do nosso povo e da nossa Pátria, uma época de democracia.

– E hoje, à beira do 25 de Abril de 1979?

– Apesar de todas as transformações, más e boas, que se deram de então para cá, apesar dos perigos que hoje corre a democracia portuguesa, todos nós continuamos a viver o 25 de Abril com uma grande alegria, como a data da nossa entrada na vida em liberdade: por vivermos em paz, por vivermos sem os grandes monopólios que dominaram a vida portuguesa durante dezenas de anos, por vivermos com empresas nacionalizadas, por vivermos com uma Reforma Agrária que resiste, que vive e que viverá, e por exercermos as liberdades democráticas por que ansiámos durante quase meio século. Por isso, cinco anos passados, apesar de todos os perigos que rondam a democracia, creio que, pelo balanço geral, os trabalhadores, os democratas, temos razões para o festejarmos com satisfação.

– Na actual situação política, qual é o principal perigo que ameaça a subsistência do regime democrático?

– É a tentativa de impor soluções inconstitucionais para os problemas do País, incluindo a revisão inconstitucional da Constituição –, o que significaria, a efectivar-se, um verdadeiro golpe de Estado disfarçado. O grande perigo para a democracia portuguesa é que **continue** a situação inconstitucional que já está criada com um Governo que, pela sua forma, pela sua política, pela carência de apoio parlamentar, pela carência de apoio popular, não se pode considerar no quadro constitucional. A sua actuação já é inconstitucional – ele viola a Constituição e as leis a cada dia, incluindo mesmo a Lei da Contra-Reforma Agrária, a Lei Barreto, cujos limites não respeita...

A continuação deste Governo, que desrespeita também diariamente a competência legislativa da Assembleia, constitui uma situação que há que rectificar, sob pena de assistirmos à modificação do regime por métodos inconstitucionais.

A DIREITA E AS ELEIÇÕES

– A direita tem vindo a reagrupar-se em associações, organizações, esboços de partidos. Estas iniciativas têm, ora a aparência de pujança, ora a de um grande fraccionamento de esforços políticos. O que lhe parece mais significativo neste fenómeno?

– Há uns anos atrás, o CDS dizia que ele próprio seria a alternativa do ano seguinte. O PPD também afirmava ser ele a alternativa. O MIRN e Kaúlza de Arriaga pretendiam igualmente sê-lo. Vemos que nenhum deles teve possibilidades de levar por diante essas intenções.

Nestes reagrupamentos, nestas formações novas que aparecem, nas novas convergências que se desenham, não vemos senão sinais de desorientação, dé dificuldades, de contradições das forças de direita. E sobretudo da sua falta de confiança no eleitorado. A direita teme, mas teme verdadeiramente, a expressão livre da unidade nacional, teme verdadeiramente a vontade e o juízo do eleitorado. Se não temesse, desejaria eleições livres, em condições normais, e ela nás as quer.

– Que quer então a direita, em matéria de eleições?

– Quer umas pseudo-eleições de que começa já a traçar os limites, as fórmulas, os sistemas, contrariando o fundamental do que está estabelecido na Constituição, e as regras do próprio jogo democrático. Já quer uma revisão da Lei Eleitoral, já quer o estabelecimento de novos círculos, já quer pôr em causa o princípio da proporcionalidade, já quer que haja listas que não sejam partidárias para permitir a vitória dos pequenos caciques locais... Ou seja: quer todo um novo sistema eleitoral que permita à minoria governar, apesar de ter contra si a maioria do povo.

O PS E O DIÁLOGO POLÍTICO DA ESQUERDA

– E para os comunistas, existiria outra solução antes da eleitoral, em caso de queda do Governo Mota Pinto?

– Existem aparentemente, ao nível das instituições, condições básicas para se formar um Governo democrático, uma vez que continua a haver, na Assembleia da República, uma maioria absoluta e folgada constituída por socialistas e comunistas. Mas acontece que o Partido Socialista não tem manifestado interesse nem vontade de estabelecer com o Partido Comunista, não digo já um programa comum, não digo já um acordo governamental, mas digo a busca de uma intervenção coincidente, com vista a encontrar uma solução de alternativa democrática, para o actual Governo, para a actual política.

Sendo assim, não sendo possível formar um Governo democrático com base na actual Assembleia da República, que tenha em conta não apenas a sua composição numérica, mas também as posições políticas de cada partido pensamos que neste momento a via normal para se encontrar uma solução governativa é a realização de eleições intercalares ou antecipadas para a Assembleia da República. Através delas o nosso povo exprimirá a sua vontade, e a partir daí poder-se-á ver qual a base partidária normal para a formação de um Governo democrático.

Quais seriam as condições que o Partido Comunista poria ao Partido Socialista para um debate aprofundado sobre acordos com incidência governativa?

– Nenhumas. Não pomos condições. Temos **vontade** de abordar com o PS esses problemas. Mas não vemos que estejam criadas as condições necessárias para um acordo a curto prazo entre comunistas e socialistas, no sentido de se criar uma maioria parlamentar de apoio a um Governo. Ainda que pensemos que essa é uma alternativa real, e que depende em grande parte dos dirigentes do Partido Socialista que ela se concretize. É também nossa opinião que grande parte dos militantes e do eleitorado socialista aprovaria e veria com grande entusiasmo um acordo entre os verdadeiros democratas portugueses, designadamente um acordo entre socialistas e comunistas.

– Esta situação adia por tempo imprevisível a revisão parcial da Lei Barreto, que parece ser já desejada por quadros socialistas ligados à Reforma Agrária?

– Se o Partido Socialista estiver de acordo connosco, isso faz-se muito rapidamente. E pensamos que tal revisão é necessária. Há um projecto de lei do Partido Comunista nesse sentido, não sabemos se o Partido Socialista pensa ou não apresentar um projecto sobre essa matéria, mas se os dois partidos se entenderem poderão evitar arbitrariedades, violências e decisões que são em absoluto contrárias, não apenas aos interesses dos trabalhadores, mas também à economia nacional e aos mais elementares princípios de justiça social.

– Por vezes, um ou outro dirigente socialista tem parecido apontar para essa possibilidade. Na prática, há algum gesto que eles tenham feito que corresponda a essa manifestação de intenções?

– Do que nós gostávamos era que as boas palavras dos dirigentes socialistas em matéria de defesa da democracia se convertessem, sempre, em actos.

«Uma grande parte dos militantes e do eleitorado socialista aprovaria e veria com grande entusiasmo um acordo entre socialistas e comunistas»

OS MILITARES E O REGIME DEMOCRÁTICO

– A direita acentua quanto pode clivagens políticas existentes entre os militares. Os debates no Conselho da Revolução sobre o modo como o MAP se tem aproveitado da Lei Barreto, as questões suscitadas pelo chefe do Estado-Maior da Força Aérea perante a reprovação do OGE na Assembleia, a perspectiva de amnistia, são exemplos de si-

NOS CINCO A

S. R. **CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA**

25 DE ABRIL
MOÇÃO

Havia já quase cinquenta anos de fascismo, de tristeza, de miséria; cinquenta anos de exploração e obscurantismo; cinquenta anos ao longo dos quais gerações de homens, mulheres e crianças, sofriam as consequências de uma política criminosa e degradante, onde a hipocrisia, a falta de escrúpulos e princípios, tudo permitia em nome da Nação.

Havia já quase cinquenta anos, que se assassinavam as esperanças da Liberdade, assassinando-se física e moralmente, cada homem e mulher em cujo sangue brotasse o vermelho da esperança de um futuro Livre.

Havia já quase cinquenta anos de horror e desespero, por cada dia de fascismo que prosseguia à custa da morte e da prisão, dos que davam a vida e a Liberdade pela Liberdade de todos os Portugueses.

Havia já quase cinquenta anos!!!

Havia já quase cinquenta anos de fascismo, quando houve a madrugada de 25 de Abril de 1974.

Madrugada da Liberdade!

Madrugada onde um punhado de Capitães fez despertar o Povo português para a vida digna que queríamos e demorava a chegar.

Madrugada de Abril — Encontro com a Liberdade

Encontro de Portugueses consigo próprios.

Madrugada de Abril plena de cravos vermelhos nas mãos calejadas dos operários, na boca das crianças famintas do pão que lhe negavam, nos cabelos das Mulheres a quem negavam a dignificação.

Madrugada dos cravos vermelhos, do vermelho quente do futuro que queremos vermelho como o sangue que nos percorre o corpo, como se fossem milhões de Operários a percorrer os caminhos do futuro.

Madrugada de Abril, porta aberta para a construção do futuro, para a construção da Sociedade justa e fraterna. Porta aberta para construirmos a Constituição — já construída! Para construirmos a Reforma Agrária — cujas sementes já nos deu Pão! Para construirmos o controlo operário.

Hoje é Abril de 1979, é madrugada dos cravos vermelhos, que queremos em todos os momentos.

Hoje, amanhã e amanhã terá de ser Abril, sempre, para que hajam mais sementes — Pão para a boca das crianças que ainda têm fome, para que haja cravos vermelhos e Liberdade de cada um trabalhar a terra com os outros, construindo a terra de todos, para que haja cravos vermelhos, amor e dignificação para a mulher que tem cravos vermelhos no cabelo e no coração.

Hoje é Abril — Liberdade, que terá de ser sempre.

Hoje é Abril — força de não perder a Liberdade, porque antes havia quase cinquenta anos de fascismo que não queremos NUNCA MAIS.

Hoje é Abril que queremos sempre.

Aprovado por unanimidade

Almada, 20 de Abril de 1979

NOS DE ABRIL

tuações que têm sido sujeitas a esse tipo de exploração. Estes factos suscitam-lhe algum comentário?

– O que nós temos a dizer é que os observamos com atenção. Observamos com atenção e fazemos o nosso juízo. Mas já de há muito que não nos pronunciamos sobre a situação existente nas Forças Armadas. Nem acerca de chefes militares, nem acerca do que eles significam, nem acerca do que eles fazem. Começando até pelo chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, o Presidente da República. Pensamos que essa é a melhor contribuição que podemos dar, na situação que se criou no nosso País, para que haja: primeiro, unidade e estabilidade nas Forças Armadas, segundo, para que essas unidade e estabilidade possam servir a democracia e a independência nacional.

DOIS CONGRESSOS

– O Partido Comunista vai realizar entre o fim de Maio e o princípio de Junho, no Barreiro, o seu nono Congresso. Que importância especial terá ele para os comunistas?

– O Congresso vai ser o de um grande partido, com a sua grande base operária e camponesa, com a sua radicação profunda nas massas populares, com o seu dinamismo e o seu conhecimento dos problemas nacionais, e com a seriedade das propostas que os comunistas fazem ao nosso povo.

Surgindo na altura em que surge, estamos convencidos de que não deixará de adiantar soluções concretas para os actuais problemas do País. O projecto de teses é posto à discussão no Partido depois da sua publicação no «Avante!» do dia 26, e certamente que todo o Partido vai contribuir para o melhoramento deste projecto inicial, e as teses acabarão por ser aprovadas com muitas modificações.

Posso adiantar que, na fase actual, portanto antes mesmo da sua publicação no «Avante!», já houve centenas de modificações do anteprojecto inicial.

– Que impressões trouxe de Roma o grupo de comunistas portugueses que esteve como convidado no 15.º Congresso do PCI? «O que é» e «como está» hoje o PCI?

– Não costumamos fazer apreciações acerca da política dos partidos irmãos, porque as situações em que cada um vive variam muito de caso para caso:

Estamos num Portugal que realizou transformações profundas nas suas estruturas socio-económicas; três anos e tal depois de uma ofensiva das forças reaccionárias e de sucessivas ofensivas dos Governos contra a Reforma Agrária, contra as nacionalizações, contra a intervenção dos trabalhadores na vida económica e política, estas conquistas continuam a ser parte integrante da realidade portuguesa, continuam a ser a **grande** realidade da democracia portuguesa! Por isso a nossa situação não é comparável com a italiana. Na Itália continua a existir um regime de capitalismo monopolista de Estado.

Entretanto, o Partido Comunista Italiano, independentemente do juízo que possamos formar sobre este ou aquele aspecto da sua actividade, é um **muito** grande partido, com uma grande influência de massas e podemos dizer que em Itália, tal como em Portugal, não poderá haver nem a solução dos problemas nacionais nem uma solução democrática de Governo sem a participação efectiva dos comunistas.

Entrevista de João Mendes

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

· Centenas de festejos populares esta noite em todo o País

A entrada do 25 de Abril será esta noite saudada em Lisboa com fogo-de-artifício lançado sobre o Tejo, numa iniciativa da Câmara Municipal integrada no seu programa das comemorações oficiais. Nessa altura decorrerá ainda, na Praça do Comércio, uma festa popular com bandas de música, canto livre e exibição de ranchos folclóricos, a exemplo dos anos anteriores.

Para amanhã, pontos altos das cerimónias oficiais serão a parada militar que decorrerá, a partir das 10 horas, em Belém e, à tarde, a sessão solene na Assembleia da República, durante a qual usará da palavra o Presidente Ramalho Eanes, além de um deputado de cada partido.

Na tarde de amanhã decorrerá ainda uma festa popular promovida pela APU no Parque Eduardo VII.

No resto do país, incluindo as zonas periféricas de Lisboa, decorrem a partir desta noite centenas de festas populares promovidas especialmente por órgãos autárquicos.

Hoje ainda, o major Vasco Lourenço, que este ano preside à Comissão Organizadora das comemorações, inaugurará às 16 horas uma exposição no Palácio Foz subordinada ao tema «A criança, a Liberdade e a Democracia».

Entretanto, trabalhadores da Assembleia da República e militares dos serviços de apoio ao Conselho da Revolução comemoraram ontem o 25 de Abril com um almoço no Mercado do Povo, em Lisboa.

Embora não tenha havido combinação prévia, os dois grupos acabaram por se juntar numa comemoração alargada de homenagem ao 25 de Abril. Encontrava-se na sala o governador civil de Lisboa, José Manuel Duarte que, com pessoal do seu gabinete, comemorava igualmente o quinto aniversário da Revolução de Abril.

Presentes ao almoço cerca de 130 pessoas, entre as quais diversos conselheiros da Revolução (Vasco Lourenço, Melo Antunes, Pezarat Correia, Martins Guerreiro, Marques Júnior e outros) e o chefe de gabinete do presidente da Assembleia da República, Afonso Costa.

CGTP/IN SAÚDA CAPITÃES DE ABRIL

O secretariado da CGTP-Intersindical Nacional saudou os capitães de Abril, os democratas e os antifascistas que «através de uma luta tenaz que a alguns ceifou a vida, tanto contribuíram para a reconquista da dignidade nacional».

Segundo um comunicado ontem divulgado, a CGTP-IN adverte a opinião pública contra «as forças reaccionárias e fascistas que tentam destruir as conquistas da Revolução e se propõem liquidar o regime democrático, rever a Constituição e denegrir o espírito do 25 de Abril».

A CGTP-IN associa-se às comemorações do 25 de Abril e exorta todos os trabalhadores a nelas participarem a fim de «lutarem pela consolidação da liberdade, da democracia e da independência nacional».

APU EXORTA O POVO DE LISBOA

A Aliança Povo Unido apelou ontem para «uma comemoração popular do 25 de Abril», exortando o povo de Lisboa a reunir-se amanhã, no Parque Eduardo VII, em defesa da Constituição, da Democracia, de Abril.

Num comunicado distribuído ontem à noite, a APU refere ter o povo «consciência das dificuldades» dos últimos cinco anos, «mas não esquece o regime fascista que o oprimia antes da Revolução dos capitães».

A APU sublinha ainda que «comparecendo nas festas e convívios que por todo o país se realizam, as populações encontrarão forma de afirmar que a Revolução de Abril está viva, que os sentimentos democráticos, a criatividade, a liberdade de um povo são marcos indiscutíveis do seu caminho histórico, são a verdade da sua existência diária, são a tradição da sua luta e da sua afirmação humana».

O MURPI (Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos) manifestou ontem, por seu turno, a disposição em apoiar «incondicionalmente» todas as acções que visem consolidar o espírito de Abril, emitindo um comunicado em que «saúda fraternalmente» a Comissão Organizadora das Comemorações do Quinto Aniversário do 25 de Abril e reafirma o seu apoio a todos aqueles que estejam dispostos «a defender a liberdade e a manter irreversível a democracia».

Finalmente, o MURPI exprime «a sua fé inquebrantável no futuro de Portugal e dos portugueses cujo garante é a Constituição da República que restituiu ao povo a liberdade e a justiça social».

CONSELHO DA REVOLUÇÃO

O Conselho da Revolução reúne-se amanhã, a partir das 9 horas, no edifício do Estado-Maior-General das Forças Armadas, ao Restelo, para analisar a situação política e a situação militar.

Por outro lado, oficiais do Quadro Permanente da Região Militar Norte vão comemorar amanhã em Guimarães o quinto aniversário da Revolução de Abril.

A confraternização decorrerá durante um jantar, à semelhança do que aconteceu no ano passado.

Entretanto, estão previstos idênticos convívios nos comandos militares dos Açores e da Madeira.

Ao mesmo tempo, centenas de iniciativas assinalarão o aniversário do 25 de Abril em todo o País, com destaque para as levadas a efeito nas regiões de Lisboa, Porto e Setúbal, e ainda, pelo significado de que se revestem, para as actividades desportivas e culturais que comemorarão a data nos Açores, em Vila do Porto (Santa Maria).

Comemoração do 25 de Abril
DIA DA LIBERDADE
ÁREA CULTURAL DE BELÉM

Quarta-feira, 25 de Abril

GALERIA DE BELÉM — Às 14.30 horas, sessão de teatro:

«AUTO DOS ALTOS E DOS BAIXOS» pelo BANDO

«Improviso colectivo pelo Grupo de Música Contemporânea» dirigido por Jorge Peixinho

Exposições:

— «PINTURA COLECTIVA DO 10 DE JUNHO»
— «O CARTAZ CULTURAL DEPOIS DO 25 DE ABRIL»
— «ACTIVIDADES ARTÍSTICAS REALIZADAS POR UM GRUPO DE 800 ALUNOS DO ENSINO BÁSICO»
— Projecção de diapositivos relacionados com o 25 de Abril

As exposições estarão patentes ao público até 29 de Abril.

HORÁRIO:
— Em 25 de Abril: das 10 às 12 horas e das 16 às 20.
Restantes dias: dias úteis; das 15 às 20 horas. Sábados; das 14 às 20 h. Domingos; das 10 às 12 h e das 14 às 20 h.
Encerra às 2.ªs feiras.

MUSEU DE ARTE POPULAR — Exposição:
«A LIBERDADE, A DEMOCRACIA E A CRIANÇA»
A exposição estará patente ao público até 20 de Maio.
HORÁRIO:
Dias úteis; das 15 às 20 horas. Sábados; das 14 às 20 h. Domingos; das 10 às 12 h. Feriados; das 14 às 20 h.
Encerra às 2.ªs feiras.

ÁREA CULTURAL DE BELÉM — Avenida Brasília — Belém (junto ao Mercado do Povo).

TRIBUNAL DE TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Proc. 88/78

Luís Valente da Silva, juiz do 10.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela 1.ª Secção deste Juízo, na acção sumária emergente de contrato individual de trabalho em que é Autora Ilda da Conceição Pepe Reis Marques, casada, engomadeira, residente na Rua Eça de Queirós, n.º 8 c/v esquerda em Odivelas e ré a firma Mário & Jesus, Ld.ª, com última sede conhecida na Rua Visconde Valmor, Loja 14-A em Lisboa e actualmente em parte incerta, correm éditos de trinta dias citando a ré para, no prazo de OITO dias, que começa a correr findo o dos éditos, contado da segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, apresentando a sua defesa naquela acção na qual o referido autor pede lhe seja paga a quantia de 43 042$58, referente a indemnização por despedimento, retroactivos de 15-4-75 a 31-8-75, férias, subsídio de férias, proporcionais de férias e subsídio proporcional do 13.º mês, sob pena de, não contestando, ser condenada no pedido.

O duplicado da petição inicial encontra-se arquivado nesta Secção.

Lisboa, 17 de Abril de 1979

O juiz
(Luís Valente da Silva.
O Escrivão
(Armando da Silva Monteiro)

© – Livros do Brasil/College Trustees

Depois olhou para cima e disse calmamente:

— Mais uma vez, só para nós sabermos. Quando foi a última vez que o senhor viu o Terry Lennox, onde e como; de que falaram e de onde veio o senhor agora. Responde ou não?

O Dayton estava de pé, bem assente. Os seus olhos brilhavam.

— E o outro tipo? — perguntei, ignorando-o.

— Que outro tipo?

— Na cama, no pavilhão. Ela estava nua. Não me diga que tinha para lá ido para se entreter a fazer experiências.

— Isso fica para depois, quando encontrarmos o marido.

— Óptimo.

— Se você não quer falar, Marlowe, terá de vir connosco.

— Como testemunha?

— Não pense nisso. Como suspeito de cumplicidade num crime. De ter ajudado um criminoso a fugir. Eu diria que você levou o tipo a um sítio qualquer. E quem diz sou eu. Lá o chefe está «duraço» esta época. Ele conhece as regras mas anda distraído. Isto pode ser um caso sério para si. De uma maneira ou de outra, você terá de falar. Quanto mais rogado se fizer mais certeza teremos que você tem alguma coisa para nos dizer.

— Isso para ele são balelas — disse o Dayton. — Ele já leu o tal livro.

— São balelas para toda a gente — disse o Green calmamente. — Mas dá resultado. Vamos lá, Marlowe. Está na hora.

— Está bem — disse-lhe. — O Terry Lennox era um amigo meu. Você tem provas que o incriminam, talvez mesmo tenha mais provas do que aquelas que me disse. Existem razões e oportunidade e o facto de ele ter desaparecido. As razões são velhas, não têm importância. Eles tinham uma espécie de contrato, que eu não admiro, mas o tipo era desse género, um fraco e muito doce. Tudo o resto não tem significado para além de que se o Terry sabia que ela estava morta sabia

25 de Abril Sempre!
Grande Festa Popular
Parque Eduardo VII
25 de Abril todo o dia

das 10 h. às 13 h. — **Manhã das Crianças**

Desporto
Actividades Artísticas
Espectáculo

das 15 h. às 17.30 h. — **Grande Espectáculo**

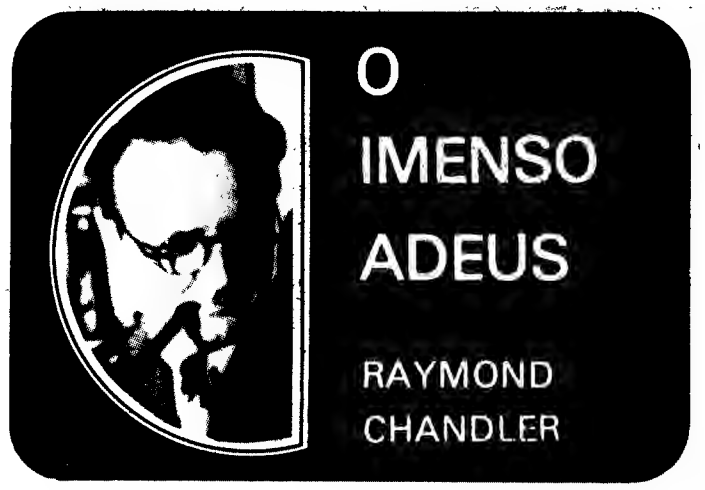
«5 Cravos, 5 Lutas, 5 Alegrias de Abril»
com

Adriano Correia de Oliveira, Alfredo Vieira de Sousa, Bandas de Música, Carlos Paredes, Coro dos Mineiros de Aljustrel, Guida Maria, José Jorge Letria, Luís Filipe Costa, Maria Dulce, Maria Eufémia, Rui Pedro, Trovante.

às 17.30 h. — **Grande Comício**

Oradores — Cunha Serra, José Manuel Tengarrinha, Carlos Costa

POVO UNIDO
Comissão da ALIANÇA POVO UNIDO promotora das comemorações do 25 de Abril em Lisboa



© — Livros do Brasil/College Trustees

também que passaria a ser pasto vosso. Se houver um inquérito e se me chamarem terei de responder às perguntas que me fizerem. Mas não tenho que responder às vossas. Eu acho-o um tipo simpático, Green. Assim como acho que o seu parceiro é mais um polícia com complexos de poder. Se você quer arranjar-me um sarilho dos autênticos deixe que ele me bata outra vez.

O Green levantou-se e olhou-me com um ar triste. O Dayton não se mexeu: era um tipo teso.

—Vou telefonar—disse o Green.—Mas já sei a resposta que vou ter. Você é uma galinha moribunda, Marlowe. Uma galinha com o pescoço já meio cortado. Saia do meu caminho—acrescentou falando ao Dayton.

O Dayton voltou-se e foi buscar o livro de notas.

O Green foi até ao telefone e levantou lentamente o auscultador. Tinha uma expressão de chatice absoluta. É o mal dos polícias. Está-se pronto a detestá-los e depois aparece-nos um que é humano.

O chefe disse que me levassem, e depressa.

Puseram-me as algemas. Não fizeram busca à casa, o que me pareceu falta de cuidado. Provàvelmente eles pensaram que eu era demasiadamente experiente para ter coisas em casa que pudessem incriminar-me. Mas fizeram mal. Com uma busca em forma teriam encontrado as chaves do carro. E quando encontrassem o carro, o que não levaria muito tempo, veriam que as chaves lhe pertenciam e que portanto o Terry tinha estado comigo.

Mas acabou por não ter a mínima importância. A polícia nunca encontrou o carro. Foi roubado de noite, provàvelmente levado para El Paso, arranjaram chaves novas e documentos falsos e vendido na Cidade do México. O processo é conhecido. Geralmente o dinheiro recupera-se sob a forma de heroína. Faz parte da política de boa vizinhança.

38

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 49/79

INQUÉRITO ADMINISTRATIVO A RAMALHO ROSA, LDA.

Faz-se saber que, no prazo de dez dias contados a partir da data da última publicação deste Edital, poderão os interessados apresentar nesta Câmara Municipal por escrito e devidamente fundamentadas, quaisquer reclamações por falta de pagamento de ordenados, salários e materiais, de indemnizações a que se julguem com direito, e bem assim de preço de quaisquer trabalhos que a firma acima indicada haja mandado executar, tudo em relação à Empreitada de Arranjo das Áreas do Acesso à Aerogare.

Paços do Concelho de Lisboa, 18 de Abril de 1979.

Por delegação do Presidente
da Câmara Municipal,
O VEREADOR,
Manuel C. Ataíde Ferreira

CONSELHEIROS DA REVOLUÇÃO RESPONDEM

Continuação da pág. 11

refa sem dúvida demorada e que depende de todos. Mas a busca da sua resolução é uma prova de que o 25 de Abril era necessário e que a concretização dos seus objectivos prossegue, na liberdade e na paz. Creio que dia a dia se pode observar que os ideais de Abril estão cada vez mais presentes no povo português. De facto, a liberdade e a paz são as grandes sementes da construção do futuro. Em liberdade e em paz, o progresso é inevitável.

Tendo o espírito do 25 de Abril emanado do próprio povo português, não há que ter dúvidas sobre a sua continuação e alargamento a todo o povo. Não se perdeu, nem se perderá: os ideais de liberdade, justiça, democracia, progresso e dignidade nunca se perdem; podem, de facto, deparar com maior ou menor resistência e obstáculos à sua concretização, mas manter-se-ão vivos e serão mesmo um elemento fundamental para a resolução dos graves problemas económicos e sociais que existem e continuarão existindo.

3 – O próprio acto do 25 de Abril e as comemorações do 1.º de Maio de 1974, o apelo imediato a todas as forças políticas antifascistas à participação no poder e à orientação do processo político; as eleições para a Assembleia Constituinte; a elaboração e promulgação da Constituição e todos os restantes actos de criação, implantação e consolidação de um Estado Democrático apontado à justiça e ao progresso do seu povo.

4 – Para quem confiar nas classes trabalhadoras e no povo em geral, o futuro nunca se apresenta negro. É evidente que existem muitas dificuldades, muitos problemas e muitos obstáculos a vencer, mas é também claro que, em termos de mais longo ou mais curto prazo, o povo trabalhador e todos os patriotas portugueses, através da luta, do esforço e do sacrifício, encontrarão as melhores vias conducentes às metas e ideais que hoje perseguimos. As gerações futuras terão outras possibilidades, de que nós não dispusemos, para afirmação e realização dos valores humanos expressos nos ideais de Abril.

O combate por ideais justos engrandece os homens e os povos; é o que neste momento se passa com o povo português, que conduz um combate e uma luta justa, contra as forças da opressão e da dominação económica e social, pela libertação em vários campos e a diferentes níveis.

O futuro tem, pois, de ser encarado com optimismo, pese às dificuldades económicas e materiais que estão à vista e que por certo se adensarão nos tempos mais próximos.

Quem combate e quem luta tem confiança no futuro e sabe que se alcançarão os objectivos, ainda que venham a ser as gerações futuras as que mais frutos colherão do combate e dos progressos do presente.

Quero, portanto, afirmar que encaro o futuro do País com bastante confiança e com a certeza de que, nunca desistindo, lutando sempre, as classes trabalhadoras e todos os patriotas conseguirão para todo o povo português a realização da democracia política, económica e social, ou seja, na minha perspectiva, o socialismo.

5 – Considero positivo o papel de todos os órgãos de soberania na institucionalização da democracia; e como tal neles incluo o do C.R.. Isto não significa que considere suficiente ou que esteja completamente satisfeito com a concretização das suas funções; certo é, porém, que a inexistência de qualquer dos actuais órgãos de soberania, e concretamente do C.R., teria tornado o processo bem mais difícil. O C.R. existiu e existe como resposta a uma necessidade concreta e objectiva da nossa sociedade e do nosso processo. Haverá quem dele não goste e quem lhe faça diversas críticas, mas o facto é que o C.R. foi o que de mais transparente e democrático se encontrou para responder às realidades existentes. Na medida em que tem conseguido ir ao encontro de parte das necessidades da sociedade portuguesa, o seu papel tem sido positivo.

Por outro lado, o C.R. tem contribuído, dentro das suas possibilidades e do seu espaço de manobra, para uma relativa harmonização de relações entre os diversos órgãos de soberania, tarefa que, apesar de extremamente importante em qualquer Estado Democrático, é talvez pouco visível. O C.R. tem contribuído também para que a sociedade portuguesa seja cada vez mais participativa e para que a Democracia não se restrinja apenas aos aspectos formais; considero este trabalho bastante positivo.

No que se refere às suas tarefas específicas, julgo que o balanço do seu trabalho, conquanto muitas vezes discreto, tem sido benéfico no campo especificamente militar. Talvez só uma vez cessada a sua existência seja possível a todos aperceberem-se do trabalho válido e positivo que realizou e podia realizar e do factor de segurança e estabilidade que representa a existência de mecanismos claros e transparentes como são os órgãos institucionalizados.

MAJOR VASCO LOURENÇO: "O espírito do 25 de Abril não era só dos capitães. Fazia parte intrínseca da maneira de ser do povo português na sua generalidade"

1 – Penso que as comemorações devem ter em meu entender duas tónicas distintas mas que se completem uma à outra: a comemoração de algo que nos é querido e uma afirmação de determinação, de vontade férrea de defender aquilo que Abril proporcionou ao povo português, de defender as conquistas que este alcançou e defender com muitas lutas e canseiras. De não permitir que os velhos senhores voltem a conquistar os privilégios que tinham em Portugal. Vejo as comemorações sob estes dois aspectos. Penso que eles estão absolutamente interligados porque o facto de o 25 de Abril ser uma data querida não é em sentido abstracto, mas pelas possibilidades que abriu para o povo português, pelas conquistas que lhe proporcionou. Só isso é que justifica uma firme disposição de luta pela consagração dessas mesmas conquistas. Aliás uma expressão que ultimamente tenho utilizado bastante é que ao mesmo tempo que se comemora uma data festiva há que fazer uma afirmação da determinação de lutar para que se mantenham permanentemente abertas as portas que Abril abriu.

2 – Começo por dizer que considero que o espírito do 25 de Abril não foi absorvido pela grande massa do povo português pela circunstância de que o espírito do 25 já era da grande massa do povo português. O espírito do 25 de Abril não se pode dizer que era só dos «capitães de Abril» (entre aspas porque não foram só os capitães que arrancaram para o movimento que derrubou o fascismo no aspecto concreto) mas é um espírito que faz parte intrínseca da maneira de ser do povo português na sua generalidade. Só assim foi possível que todos estes cinco anos se tivessem passado tão docemente como se tem passado, se compararmos o que, antes do 25 de Abril e depois do 25 de Abril, e actualmente, se passa noutros pontos do globo, onde em situações bem menos duras do que aquelas que se viveram em Portugal se verificam radicalizações muito maiores do que as que nós atravessámos. Não podemos esquecer que tivemos um regime ditatorial, um regime fascista e colonialista de 48 anos, estávamos a viver uma guerra que se mostrou totalmente inútil, uma guerra que sacrificou durante treze anos a juventude portuguesa quer através dos mortos, dos feridos, dos deficientes de vária ordem, quer, no mínimo através do consumo dos melhores anos da juventude numa guerra cuja única utilidade era a experiência que dava na formação das pessoas e o caldeamento que constituia para que os que a faziam pudessem enfrentar melhor a vida. Mas eram anos passados que não devem fazer parte normal da formação dos cidadãos. Essa utilidade era uma utilidade forçada. Com tudo isto só o facto de o espírito do 25 de Abril existir na grande maioria da população portuguesa permitiu que tivéssemos algumas convulsões, mas convulsões mínimas. Por outro lado não tenho dúvida alguma também em afirmar, e isso tem sido provado pelas várias manifestações de ordem eleitoral que temos tido ao longo destes cinco anos, que a maioria do povo português quer e luta pela construção de uma sociedade de acordo com o espírito do 25 de Abril.

Conjunturalmente, neste momento, penso que existe uma situação que às vezes nos pode levar a pensar o contrário. É evidente que nós atravessamos uma crise mundial, uma crise de todo o capitalismo, nomeadamente na Europa em que estamos inseridos, e na América. É evidente que essa crise teria forçosamente que se reflectir em Portugal. Como alguém terá dito, se se pudesse escolher as horas das revoluções escolher-se-iam os momentos em que economicamente os países estivessem mais desafogados. Nós nesse aspecto tivemos azar. O tempo das vacas magras já tinha começado, segundo as próprias palavras de Marcelo Caetano, há algum tempo. Estávamos já em termos económico-financeiros na curva descendente há algum tempo, e nitidamente com a tendência para cada vez ela ser mais pronunciada. Dentro desse campo não podemos culpar o 25 de Abril do preço exageradíssimo das matérias-primas, nomeadamente do petróleo que nos últimos anos tem sofrido constantes aumentos.

Tudo isso cria problemas, tudo isso explorado habilmente – porque eles nesse aspecto tiveram tempo para se preparar em grande durante cerca de 50 anos e são hábeis – pelos detractores da democracia, da democracia entendida nos seus diversos aspectos, tudo isso cria a aparência de que quando as pessoas reagem contra a situação que se vai degradando cada vez mais estão a reagir contra o espírito do 25 de Abril, contra o tipo de sociedade que esse mesmo espírito encerra, e daí até uma certa aparência de desencanto e da não existência desse espírito. Pessoalmente estou convencido que isso é aparente, e também que a situação real existente neste momento, em termos de correlação de forças, é diferente, para melhor, daquela que nas grandes cidades se aparenta existir, e é fabricada essencialmente pela manipulação dos principais órgãos de comunicação social, que criam, uma imagem deturpada quanto à verdadeira correlação de forças. Tudo isto serve para dizer da minha convicção de que, apesar de todas as vicissitudes, apesar de todos os reflexos que a situação internacional provocou na situação interna, e apesar dos vários erros cometidos pelos próprios homens de Abril, e pelos homens que sempre defenderam e continuam a defender o 25 de Abril – temos que ser humildes e reconhecê-lo – apesar de tudo isso, o espírito do 25 de Abril continua a fazer parte da maneira de ser da maior parte da população portuguesa.

3 – Penso que os factos mais significativos são essencialmente estes: nós no dia 25 de Abril apresentamos um programa ao povo português – o programa do MFA – e apesar de todos os ataques dos que hoje em dia dizem que o programa foi violado, podemos dizer que no essencial esse programa foi absolutamente cumprido. E foi de tal maneira cumprido que demonstrámos bem que não queríamos para nós, militares, o poder devolvendo-o ao povo português através dos seus representantes. A prova disso é que tivemos sempre como ponto de honra que as eleições se fizessem segundo o que estava determinado e previsto, e que não se caísse numa qualquer situação totalitária ainda que mascarada de roupagens democráticas. Reagimos sempre frontalmente contra as tentativas de modificação radical desse mesmo programa, tentativas essas que se verificaram essencialmente no golpe Palma Carlos, por parte de Spínola, que pretendia rasgar o Programa, e mais tarde no 28 de Setembro, quando ele pretendia acabar com a Junta de Salvação Nacional e assumir os poderes, e mais tarde no 11 de Março, numa outra tentativa desesperada já de terminar a evolução da situação que se estava a verificar, que conduziria forçosamente a eleições, que a direita certamente ia perder, como se verificou. Mesmo com todos os excessos revolucionários que na altura se verificaram, o que é certo é que se conseguiu fazer as eleições para a Assembleia Constituinte de uma maneira livre. E depois, com todas as convulsões, com os erros que se verificaram a Constituição foi elaborada, foi aprovada, e entrou em vigor sempre como ponto de honra. As eleições de acordo com o que a Constituição determinava também se verificaram. Mesmo o facto de se ter acabado por ir para uma forma de organização

Continua na pág. 15

Major Vasco Lourenço: o espírito do 25 de Abril não era só dos capitães

Continuação da pág. 14

do poder em que a parte militar não ficava totalmente subordinada ao poder político normal, de não haver um mínimo de separação de poderes, mesmo isso, não foi, como também hoje se diz, uma imposição da nossa parte, mas uma consequência lógica da evolução do processo e da vontade que os partidos que representavam a maioria do povo português manifestaram na devida altura.

Pensamos que ainda hoje isso se vem manifestando, e temos vindo permanentemente a afirmar que deve ser o povo a dizer o que é que quer, temos vindo frontalmente a opormo-nos àqueles que, tantando camuflar os seus desejos de novos totalitarismos. ainda que com roupagens democráticas, apelam para uma intervenção maior ou menor das Forças Armadas deles e dos militares deles. Penso que esses são os factos que podemos considerar de uma maneira geral mais significativos quanto ao espírito de Abril. Podemos considerar outros factos também significativos, que são todas as actuações que os homens de Abril tiveram. Mesmo quando com o cometimento de erros e de excessos, penso que é inegável que era sempre com o desejo de tentar defender as classes mais desfavorecidas em Portugal, no desejo de tentar defender a construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária e mais fraterna em Portugal.

Já referi que quando recordo o 25 de Abril como um dos acontecimentos mais grandiosos que ocorreram em Portugal, foi precisamente por as Forças Armadas terem conseguido exprimir-se e actuar em termos de Forças Armadas de todo um povo. Essa é uma das ideias de força do espírito do 25 de Abril, de todo o militar de Abril, tentar a todo o custo evitar que se possam transformar as Forças Armadas na guarda pretoriana destes ou daqueles.

4 – Estou esperançado que o futuro é de esperança. Penso em termos de que o espírito do 25 de Abril está enraizado na maneira de ser do povo português, e que se for garantida a prática da democracia política o resultado será sempre no caminho da construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária, e como estou convencido que os democratas e os antifascistas sairão vencedores da luta que é de todos os dias e que está mais na ordem do dia, a luta que se vem travando contra os que ainda que proclamando-se de democratas depois demonstram na prática só o serem quando a maioria concorda com eles, tenho esperança em que o futuro de Portugal, é no sentido da continuação da consolidação cada vez mais da democracia, na evolução no sentido da resolução dos problemas, que são muitos, e da construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais fraterna, ao fim e ao cabo na construção de uma sociedade socialista dado que para mim o socialismo é isso.

5 – Considero que apesar de o Conselho da Revolução ter tido uma acção menos participativa do que efectivamente seria para desejar, a resultante continua a ser francamente positiva.

Cessação da intervenção na Conservas Unitas

A resolução n.º 121/79, da Presidência do Conselho de Ministros, determina a cessação de intervenção do Estado na sociedade Conservas Unitas Ld.ª e que o Ministério Público requeira a declaração de falência dessa sociedade

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DA METALÚRGIA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE SETÚBAL

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS DO SUL E ILHAS

VERTICALIZAÇÃO

Integração dos Filiados do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Metalúrgia e Metalomecânica do Distrito de Setúbal e Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, que trabalham nas Empresas dos Transportes Rodoviários do Distrito de Setúbal, no Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Setúbal.

Por voto secreto e no seguimento das reuniões antes realizadas, efectuou-se no passado dia 17 de Abril a Assembleia que decidiu da integração no Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Setúbal.

Assim foi tomada a decisão conforme a seguir se transcreve:

No. Trabalhadores Metalúrgicos no Sector: Transportes Rodoviários 376

No. Trabalhadores Electricistas no Sector: Transportes Rodoviários 27

METALÚRGICOS:

MESA DE VOTO	No. MESA	VOTANTES	FAVOR	CONTRA	NULOS	ABST.
RODOVIÁRIA NACIONAL	1	151	121	23	3	4
" "	2	72	69	2	–	1
" "	3	14	14	–	–	–
COVAS E FILHOS	4	6	4	2	–	–
TRANSFEC	5	12	12	–	–	–
DELEGAÇÃO DE SINES	6	–	–	–	–	–
" " SETÚBAL	7	–	–	–	–	–
" " BARREIRO	8	–	–	–	–	–
" " ALMADA	9	–	–	–	–	–
" " SEIXAL	10	–	–	–	–	–
" " MONTIJO	11	–	–	–	–	–
RESULTADOS TOTAIS		255	220	27	3	5

ELECTRICISTAS:

MESA DE VOTO	No. MESA	VOTANTES	FAVOR	CONTRA	NULOS	ABST.
RODOVIÁRIA NACIONAL	1	8	7	1	–	–
" "	2	7	7	–	–	–
" "	3	1	1	–	–	–
COVAS E FILHOS	4	–	–	–	–	–
TRANSFEC	5	1	1	–	–	–
DELEGAÇÃO DE SINES	6	–	–	–	–	–
" " SETÚBAL	7	–	–	–	–	–
" " BARREIRO	8	–	–	–	–	–
" " ALMADA	9	–	–	–	–	–
" " SEIXAL	10	–	–	–	–	–
" " MONTIJO	11	–	–	–	–	–
RESULTADOS TOTAIS		17	16	1	–	–

Os resultados manifestam claramente a consciência político-sindical dos trabalhadores, no sentido do reforço da unidade e organização, ao decidirem firmemente no fortalecimento dos Sindicatos Verticais de Ramo de Actividade, levando assim à prática as decisões aprovadas no Congresso de Todos os Sindicatos.

Assim e de acordo com a decisão tomada, a partir do próximo mês de Maio, será feita a transferência para o Sindicato dos Transportes Rodoviários que passará a representar estes trabalhadores, tratando dos seus problemas e defendendo os seus interesses.

AS DIRECÇÕES

PUB

TORRALTA

ESCLARECIMENTO

A administração da Torralta, depois de examinar e ponderar as declarações e comentários vindos a público sobre o problema da constituição de uma zona de jogo na península de Tróia, sente o dever de publicar os seguintes esclarecimentos, que lhe parecem ser devidos aos seus investidores e à opinião pública:

1 — Em primeiro lugar, a administração da Torralta repudia toda e qualquer tentativa de ser envolvida num problema político, quer este respeite a partidos, quer respeite a pessoas, porque está exclusivamente concentrada, como é seu dever e função, na defesa e reabilitação de um património que pertence a 26 mil famílias.

2 — Antes da intervenção do Estado, que durou de 13/12/1974 a 5/4/1978, o grupo de empresas de que a Torralta era accionista tinha ao seu serviço 10 250 pessoas, e uma economia estável. Quando a intervenção terminou, a Administração da Torralta encontrou um prejuízo superior a 5 milhões de contos, várias das empresas falidas, e um conjunto da ordem dos 3000 empregados, sendo portanto claro que, além dos prejuízos económicos causados, o Estado durante a sua intervenção, causou a extinção de 7250 postos de trabalho.

3 — Durante a intervenção do Estado, a Comissão Administrativa entendeu, acompanhando o entendimento do Governo da época, que Tróia era o empreendimento que causava embaraços à gestão que assumira, e que consumia os financiamentos que poderia obter para a Torralta.

4 — Na vigência do I Governo Constitucional, sendo secretário de Estado do Turismo o sr. Dr. Luís Filipe Madeira, estando em vigor a intervenção do Estado, e o regime de Comissão Administrativa da Torralta que vigorou até 5/4/1978, um grupo de investidores da Torralta apresentou ao referido secretário de Estado um memorando no qual se propunha assumir a península de Tróia em pagamento dos seus créditos sobre a Torralta. Nesse memorando avaliava os terrenos por 8 vezes o seu custo inicial, os edifícios pelo valor contabilístico, e expunha as linhas gerais de um plano de desenvolvimento, a executar por sociedade que instituiriam, e que previa já a criação de uma zona de jogo. Esta proposta não era, nem podia ser da Torralta, que o Estado administrava, era sim de um grupo de investidores altamente lesados pela intervenção, e que não tinham receio de assumir a responsabilidade pelo empreendimento de Tróia, que o Estado se considerou incapaz de enquadrar equilibradamente na gestão de que tomara conta. Tais investidores nunca tiveram resposta.

5 — Logo que a Torralta foi entregue aos seus investidores, a nova administração gizou um novo plano para Tróia, que também prevê a zona de jogo, objecto de requerimento apresentado ao III Governo Constitucional, **e que é o que neste momento é posto em causa pela recusa de ratificação do Decreto-Lei n.º 33/79, de 28 de Fevereiro.** Estes pontos são importantes para dismistificar as especulações feitas sobre a origem do projecto, e relações dele com passados ou presentes responsáveis pela administração pública.

6 — Por outro lado, não é exacto que a Torralta tenha em vista uma concessão de jogo para si própria: o que tem em vista, e está documentado, é a constituição de uma nova sociedade concessionária, na qual participaria a Torralta, e que receberia capitais estrangeiros identificados, responsáveis e destinados à dinamização de Tróia, suprindo as carências locais de capitais e ajudando a enfrentar o enorme prejuízo de mais de 5 milhões de contos que a Torralta herdou da intervenção estatal.

7 — Com os seus limitados meios actuais, a administração da Torralta já criou mais 300 postos de trabalho, no sector da construção civil, desde que entrou em funções. Não pode prometer que voltará a criar os 7250 postos de trabalho perdidos, com a mesma velocidade com que a administração estatal os extinguiu. Mas a administração da Torralta bate-se para manter as condições de emprego do pessoal que tem ao seu serviço, pretende aumentar os postos de trabalho, e repudia qualquer insinuação no sentido de que tem quaisquer outros objectivos, ou de que desenvolve qualquer actividade que politize o problema. A missão da administração da Torralta é administrar bem, e sabe que a política deve ser deixada aos políticos.

Lisboa, 23 de Abril de 1979

TORRALTA
CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS
A ADMINISTRAÇÃO

ASIA

APÓS TRÊS DIAS DE LUTA

A calma regressou ao Curdistão iraniano

Unidades do Exército iraniano controlavam ao princípio do dia de hoje posições-chave na cidade fronteiriça de Naghaden, no Noroeste do país, enquanto grupos armados rivais pareciam fazer um apelo à calma, após três dias de lutas em que morreram pelo menos 150 pessoas.

Correspondentes na cidade afirmaram que diversos grupos armados se espalhavam pelos arredores e a situação era tensa, durante a noite. Contudo, os combates, principalmente entre curdos e iranianos de origem turca, tinham parado.

Por outro lado, um grupo islâmico extremista reivindicou hoje em Teerão a responsabilidade pelo atentado que vitimou o general Mohammad Gharani.

Num comunicado entregue à Imprensa, o grupo «Forghan», conhecido pela sua ideologia extremista islâmica, escreve: «O general Gharani foi executado pela sua traição, que era conhecida por todo o povo muçulmano iraniano».

Em Teerão, as autoridades expressaram o seu «pesar» pelo assassinato do general Gharani, o qual renunciara recentemente ao cargo de chefe do Estado-Maior das Forças Armadas iranianas, que ocupara após a queda do xá e a consequente tomada do poder pelo «ayatollah» Khomeiny.

Este último deverá entretanto avistar-se com o primeiro-ministro líbio, Abdul Salam Jalloud, hoje chegado a Teerão.

Jalloud é, em termos hierárquicos, o mais importante dirigente estrangeiro a visitar o Irão desde a Revolução de meados de Fevereiro.

Da agenda de conversações de Jalloud com Khomeiny deverá constar, segundo os observadores, o problema do paradeiro do líder religioso dos shiitas libaneses, Musa Sadr, nascido no Irão e que presumivelmente se encontra na Líbia.

Enquanto isto, fontes governamentais anunciaram ser possível que o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Ahmad Salamatian, apresente amanhã a sua demissão do cargo.

Salamatian chefia, desde a passada semana, o Ministério, em consequência da demissão do seu titular, Karim Sanjabi.

Por último, foram executadas hoje às primeiras horas da madrugada seis pessoas em Minab, a uma centena de quilómetros de Bandar Abbas, no Sudoeste do país. Também hoje foram executadas na cidade de Machad, a 700 quilómetros a leste de Teerão, três outras pessoas: o general Ali Imami, antigo chefe da Polícia da província do Corassan, o capitão Atachi, membro da Savak (Polícia política) e um religioso comprometido com o antigo regime, Slam Yazdi.

ASILO PARA O XÁ

O líder republicano no Senado dos EUA, Howard Baker, pediu ontem ao Governo norte-americano que conceda asilo ao antigo xá do Irão.

Baker disse que a recusa governamental pode parecer que os EUA abandonam os seus amigos quando estes estão em dificuldades.

A Administração Carter fez saber ao xá que não veria com agrado que ele estabelecesse residência nos EUA, pelo menos enquanto as relações com o regime que lhe sucedeu no Irão se mantiverem periclitantes.

Atentado contra Bazargan e outros membros do Governo

Uma tentativa sem êxito foi efectuada hoje para matar o primeiro-ministro Mehdi Bazargan e outros membros do seu Governo provisório, quando seguiam o funeral do antigo chefe das Forças Revolucionárias, Mohamad Vali Gharani, assassinado ontem.

A tentativa foi feita numa das principais avenidas de Teerão.

Uma testemunha ocular disse que um homem, em uniforme da Força Aérea, tentou lançar uma granada na direcção de Bazargan, que caminhava atrás do corpo, na primeira fila do cortejo com membros do seu Governo, entre os quais o vice-primeiro-ministro, Abas Amir-Entezam.

Guardas armados acompanhando o funeral arrancaram a granada das mãos do homem que então ergueu uma pistola-metralhadora e tentou fazer fogo. Mas foi atirado ao chão e levado para longe.

Khmers Vermelhos em debandada

Forças cambojanas atacaram hoje os últimos redutos de soldados fiéis ao antigo regime de Pol Pot, no norte do Camboja, ao mesmo tempo que o governo tailandês anunciava a decisão de não receber no seu território mais refugiados cambojanos.

Segundo a agência noticiosa de Phnom Penh, as Forças Armadas Revolucionárias do novo regime do Camboja, liderado por Heng Samrin, ocuparam na costa sul do país a última base dos Khmers Vermelhos, matando centenas deles e destruindo ou capturando cinquenta lanchas contendo armas e víveres.

Entretanto, mais a sul, as forças governamentais cambojanas cercaram 50 000 partidários de Pol Pot, cuja única possibilidade de fuga consiste em atravessar a fronteira com a Tailândia.

Direita vence eleições no Japão

A coligação dos conservadores e dos centristas venceu claramente os seus adversários socialistas e comunistas nas eleições para as presidenciais dos municípios que decorreram ontem e no domingo, no Japão.

Os resultados definitivos destas eleições, conhecidas ontem, confirmaram assim as que houve há duas semanas, para a designação dos governadores.

O Partido Liberal-Democrata do primeiro-ministro conservador Masayoshi Ohira, assegurou-se, com ou sem o apoio dos partidos moderados (segundo as circunstâncias locais), as presidenciais dos municípios de 153 cidades do Japão.

Os socialistas e os comunistas conseguiram o controlo de 25 municípios citadinos.

Os resultados destas eleições levam os observadores a prever eleições gerais no próximo Outono.

Caiu o governo regional de Goa

O governo regional de Goa, na costa indiana ocidental, foi hoje derrubado, ao mesmo tempo que a capital, Panaji, era sacudida por tumultos.

O presidente do Parlamento ordenou a evacuação da sala pela polícia depois de, derrotado o governo na votação do orçamento, ministros e deputados se terem envolvido em cenas de violência.

O governo de Goa, durante vários séculos uma colónia portuguesa, teria caído em consequência da passagem para dois grandes partidos da Índia, – o Partido do Congresso e o Janata – de muitos membros do partido regional da senhora Shashikala Kakodkai, primeiro-ministro.

Tailândia: governo igual após as eleições

O general Kriangsak Chamanand poderá suceder a si mesmo na formação do próximo governo tailandês, segundo afirmam os jornais de Banguecoque.

Dois partidos nacionalistas («Chat Thai» e «Serithan»), uma parte dos 40 independentes e dos 225 senadores nomeados anunciaram a sua intenção de pedir ao genenral Kriangsak que forme o próximo governo.

O príncipe Kukrit Pramoj que com o seu partido o Social Action Party está à frente com 84 lugares, e que em teoria deveria ser chamado a formar um governo de coligação com outros grupos, decidiu dirigir a oposição.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

EUROPA

Explosões na Catalunha

Deflagrações de bombas danificaram uma estação de caminhos-de-ferro em Barcelona e incendiaram o local onde iria ser construída uma rede de tubos condutores de gás natural na Catalunha.

Funcionários da estação da Renfe, na Catalunha, afirmaram que dois rapazes e uma rapariga, armados de pistolas, mandaram sair o pessoal do controlo da estação, mantendo-o sob vigilância.

Ataram à cabina uma embalagem contendo as duas cargas de explosivos e fugiram. As bombas rebentaram minutos depois.

Não houve desastres pessoais, mas o serviço de comboios, incluíndo os destinados ao aeroporto de Barcelona, ficou interrompido.

Algumas horas depois outra carga plástica rebentou nas obras de construção de condutas de gás natural, perto de Tarragona.

A explosão ocasionou um curto-circuito num cabo de altatensão, provocando um incêndio que se estendeu a dois hectares de terreno, no qual os lavradores da região se opuseram à construção das condutas de gás.

No Norte do País Basco, uma brigada policial antibombas descobriu e desactivou um engenho explosivo contendo nove quilos de plástico colocado num troço da linha férrea, perto do local onde, domingo, se dera outra explosão.

Os engenhos explosivos foram colocados na área onde os separatistas bascos estão a praticar actos de retaliação contra os proprietários franceses, devido à decisão da França em não permitir que passem a fronteira.

JULGAMENTO DE MEMBROS DO GRAPO

A acusação pediu um total de 139 anos de cadeia para sete membros dum grupo de orientação maoista, que hoje compareceram em tribunal sob acusação de actividades terroristas em Espanha.

Os sete membros do GRAPO são acusados de terem assassinado um capitão da Polícia em Madrid, no ano passado, duma série de roubos em bancos, e colocação de bombas em vários edifícios.

FRANÇA

Socialistas lançam-se nas eleições europeias

François Mitterrand, primeiro secretário do PSF deu ontem em Paris o sinal do começo da campanha socialista para as eleições europeias, fazendo notar que os problemas da política interna francesa e os da Europa estavam ligados.

«Os elementos da política interna serão determinantes na medida em que os franceses não desejarem confiar o seu destino no plano europeu aos que os desiludiram no plano francês» acrescentou durante uma Conferência de Imprensa.

«O que nos afasta não apenas da União para a Democracia Francesa (giscardianos), mas também da União para a República gaullistas) e que nos pode aproximar em certos aspectos da lista comunista, acrescentou Mitterrand, é que desejamos que económica e socialmente a Europa seja completamente diferente da de hoje, não seja a Europa dos grandes cartéis e dos grandes 'truss'». Contudo Miterrand acrescentou que os objectivos do Partido Comunista «não são os do PS».

Interrogado sobre a sua eventual candidatura às eleições presidenciais de 1981 o secretário-geral do PSF afirmou que ainda era demasiadamente cedo para tratar desse problema.

BOMBA DE NEUTRÕES

O exército francês experimentou «nas últimas semanas» duas bombas de neutrões, informou o semanário francês «Maintenant», citando «informações precisas» e «uma fonte digna do maior crédito».

O ministro francês da Defesa negou em diversas ocasiões que se tivessem efectuado ensaios com a boma «N», não obstante ter declarado que a França tinha capacidade técnica para a fabricar.

TURQUIA

Lei marcial provoca demissões

Três membros do Partido Popular Republicano do primeiro-ministro Bulent Ecevit, demitiram-se hoje, reduzindo para 211 o número de lugares da formação governamental na Assembleia Nacional, de 450 lugares.

As demissões ocorreram na véspera da reunião do Governo, para decidir se deve prolongar a lei marcial por mais dois meses em 13 das 67 províncias do país.

Ecevit declarou a lei marcial nas 13 províncias, incluindo Ancara e Istambul, na sequência de distúrbios civis que provocaram mais de 100 mortos em Kahramanmaras, em Dezembro passado.

A decisão do PPR deve ser votada amanhã na reunião conjunta da Assembleia Nacional e do Senado.

Num comunicado à imprensa, os três deputados afirmam que se demitiram por causa da violência política que não abrandou sob o governo de Ecevit e porque está a ser negligenciado o desenvolvimento das atrasadas áreas do Leste do país.

Os três deputados, das províncias Leste, pertencem a um grupo que tem estado a insistir na extensão da lei marcial o que não agrada ao primeiro-ministro que pretende demonstrar que o país pode ser governado sem controlo militar.

Diplomata soviético expulso da Suíça

Um diplomata soviético foi expulso da Suíça por espionagem, segundo foi anunciado oficialmente hoje em Berna.

Um comunicado do Departamento Federal da Justiça e da Polícia indicou que este diplomata, cuja identidade não foi revelada, era primeiro-secretário junto da ONU, em Genebra.

A Polícia afirma que o diplomata em questão é um «oficial dos serviços secretos do Exército soviético» e que praticou **diversas acções proibidas relacionadas com a espionagem.**

Como goza de imunidade diplomática, e nenhuma acção poderá ser intentada contra ele, precisa o comunicado, a Suíça pediu a sua expulsão, pelo que o diplomata já abandonou o país.

Comício racista provoca batalha campal em Londres

Cerca de 5000 manifestantes anti-racistas bateram-se com uma força policial que montava a segurança a um comício eleitoral realizado pela ultradireitista Frente Nacional, em Londres.

Um professor neozelandês, Blair Peach, veio a morrer devido a ferimentos na cabeça. Um porta-voz das autoridades referiu que Peach, de 30 anos, era membro da liga antinazi, uma organização base de vários grupos anti-racistas formados para combater a campanha da Frente Nacional que tem por objectivo pôr fim à imigração de não-brancos para a Inglaterra.

Cerca de 300 pessoas foram detidas na zona da manifestação, o bairro de Southall. A batalha campal entre activistas e agentes da ordem provocou 40 feridos, entre os quais dezasseis polícias, que receberam tratamento hospitalar.

Os manifestantes lançaram bombas de fumo, pedras e garrafas contra a polícia, que cercava o local do comício. A luta chegou ao corpo-a-corpo e vários polícias foram feridos com armas brancas.

A Frente Nacional preconiza na actual campanha eleitoral, a expatriação para os respectivos países de origem, dos cidadãos britânicos de cor. A Frente apresenta um candidato à Câmara dos Comuns pelo distrito de Southall.

A maioria dos manifestantes era constituída por asiáticos e os principais responsáveis pela manifestação não chegaram a envolver-se nos recontros. Acrescente-se que Southall é um dos mais multi-raciais distritos londrinos.

AFRICA

"ELEIÇÕES" NA RODÉSIA

Sithole denuncia graves irregularidades

As «eleições» da Rodésia sofreram ontem um golpe com as acusações de um dos candidatos negros, o rev. Ndabaningi Sithole, de que se haviam verificado irregularidades no processo eleitoral, por interferência do ministro dos Assuntos Internos, o qual tria «mexido os cordeis» da consulta populacional nas áreas rurais.

Sithole, antigo lider guerrilheiro e fundador da ZANU (União Nacional Africana do Simbabwé) pediu a formação de uma comissão imparcial de inquérito às grandes irregularidades» que afirma terem sido cometidas.

A informação teria vindo de agricultores brancos e negros de professores e funcionários negros, segundo Sithole.

Em Bulamayo, ganhou o Conselho Nacional Africano Unido de Muzorewa, CNAU, detendo 68 113 dos 149 639 votos, sendo o segundo lugar para o Partido Nacional Federal Unido de Chi Kayisa Ndiweni (facção representantiva da tribo minoritária Ndebele) com 43 076 votos, e depois Zanu com somemente 16 158 votos expressos.

O partido que obtiver a maioria dos votos deverá constituir um governo de unidade nacional, em que todos os partidos que obtenham pelo menos cinco lugares no parlamento deverão estar representados.

Até então, o único problema surgido com as eleições verificara-se na província da Mashonalandia, onde se registou uma afluência popular de 101 por cento. O governo, justificou os números excedentários dizendo que a população local é variável por causa dos refugiados da tribo Mashona, arrastados pelas circunstâncias da guerra.

Observadores americanos enviados pela Câmara da Liberdade, um órgão não partidário nem governamental americano, disseram-se satisfeitos com esta explicação, a qual não afectará o parecer que elaborarão sobre as eleições rodesianas.

Entretanto, patrulhas militares continuam a trazer para Salisburia as urnas das eleições, para a contagem final dos votos nas zonas mais remotas do país. A população aguarda para amanhã o anúncio, da identidade do primeiro chefe de governo negro que a Rodésia terá.

Entretanto, em Washington, três senadores pediram que o presidente James Carter levante as sanções económicas contra a Rodésia. Richard Schweiker, republicano pela Pensilvania, e Dennis Deconcini, democratas pelo Arizona, apresentaram uma resolução pedindo que Carter levante as sanções dentro de dez dias após o estabelecimento de um governo negro rodesiano.

Finalmente, o representante em Lusaka do Conselho Nacional Africano Unificado (CNAC) do bispo Abel Muzorewa foi morto a tiro na sexta-feira passada, anunciou ontem em Salisburia um porta-voz deste movimento.

O porta-voz declarou que Hove foi morto com uma rajada de metralhadora, quando saía do seu gabinete para regressar a casa, em Lusaka.

Explosão no Maputo

Duas pessoas ficaram gravemente feridas no Maputo em consequência da explosão de uma encomenda armadilhada na estação central dos correios daquela capital.

A encomenda fora enviada do Gana e estava endereçada ao QG da ZANU, um dos movimentos que integra a Frente Patriótica do Zimbabwe.

Amin procura apoio no Iraque

Idi Amin passou dois dias na capital do Iraque, Bagdad, na semana passada, com o objectivo de obter apoio militar para retomar o poder no Uganda. Depois, dessa tentativa, certamente condenada ao fracasso, partiu por via aérea com destino desconhecido.

Várias fontes haviam indicado anteriormente que a família de Amin retirara para o Iraque quando a força invasora de tanzanianos e refugiados ugandeses avançou sobre Kampala.

O novo Governo ugandês do presidente Yusuf Lulé prometeu levar Amin a julgamento por crimes contra a humanidade.

DESAPARECIMENTO DE DIPLOMATAS DA RDA

O Governo da RDA confirmou ontem o desaparecimento de diplomatas leste-alemães no Uganda.

Segundo um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros, difundido pela agência «ADN», trata-se do embaixador da RDA em Kampala, Gottfried Lessing, e do segundo secretário da embaixada, Lothar Hentschel, e da sua mulher. Encontravam-se todos na capital durante os combates que precederam à queda da cidade.

O comunicado indica que um representante especial do Governo da RDA dirige há alguns dias um inquérito em Kampala, conduzido «em estreita cooperação com as novas autoridades ugandesas».

Desapareceu avião com 57 pessoas

Um avião de linha da companhia equatorial «Saeta» desapareceu ontem entre Quito e Cuenca com 52 passageiros e cinco tripulantes a bordo.

Sete aviões e um helicóptero da força aérea equatoriana procuraram ontem, sem resultado, o «Vicker Viscount».

A rota coberta pelo avião é conhecida como «trajecto da morte», devido aos acidentes registados nele nos últimos quatro anos.

Em 1977, dois aviões domésticos despenharam-se no mesmo percurso, um terceiro perdeu-se em Agosto de 1976 e o quarto teve um acidente em Janeiro de 1976.

MÉDIO ORIENTE

Cortadas as relações do Cairo com Riad e o Koweit

Foram cortadas as relações diplomáticas entre o Egipto e dois dos mais ricos países que apoiavam o Cairo financeiramente, a Arábia Saudita e o Koweit, após a decisão da Liga Árabe de castigar o presidente Anwar Sadat por ter assinado um tratado de paz com Israel.

Após o Koweit e os sauditas terem anunciado que iam cortar os laços com o Egipto, o Cairo afirmou também, da sua parte, que cortaria as relações, e esta situação parece prever mais rupturas entre países que eram aliados tradicionais do mundo árabe, antes da assinatura do tratado.

No entanto, o primeiro-ministro egipcío, Mustapha Khalil, sublinhou ontem que a acção não afectaria «de modo nenhum as relações fraternas entre o povo egípcio e os seus irmaõo do Koweit e da Arábia Saudita».

A Arábia Saudita e o Koweit deram à abalada economia egípcia o fundamental do apoio financeiro e militar árabe, antes e depois da guerra árabe-israelita de 1973.

Segundo números egípcios, o Cairo recebeu mais de quatro biliões de dólares dos dois países, desde 1967.

INSTRUMENTOS DE RATIFICAÇÃO

A troca de instrumentos de ratificação do tratado de paz israelo-egípcio será feita amanhã, no Sinai, segundo foi hoje confirmado pela secretaria da Presidência do Conselho israelita.

O chefe da Casa Militar do primeiro-ministro, Menahem Begin, o general Ephrayim Poran, telefonou a «responsáveis» egípcios que lhe deram todas as garantias sobre o assunto, segundo indicaram as mesmas fontes.

A cerimónia terá lugar na estação de controlo eletrónico sob responsabilidade americana que se encontra em Oum-Hashiba, no coração do Sinais. A delegação israelita será chefiada por Eliahou Ben Elissar, director-geral da Presidência do Conselho.

ISRAELITAS BOMBARDEIAM O LÍBANO

Morreram seis pessoas, incluindo uma mulher, quando canhoneiras judaicas bombardearam hoje a estrada costeira entre Tiro e Sidon, no Sul do Líbano, segundo revelaram fontes locais.

Guerrilheiros palestinianos e os seus aliados libaneses progressistas responderam ao fogo.

O bombardeamento judaico durou 35 minutos, cessando às quatro horas locais (três de Lisboa).

Um correspondente da Reuter em Sidon informou que os barcos israelitas continuavam a patrulhar a área ao largo da estrada costeira entre os portos de Tiro e Sidon.

Entretanto, aviões judaicos sobrevoaram Tiro, às primeiras horas de hoje, no que pareceu serem voos de reconhecimento.

Ao mesmo tempo, guerrilheiros palestinianos e milícias direitistas, apoiadas por Israel, estavam às primeiras horas de hoje empenhados num violento duelo de artilharia no Sul do Líbano.

A luta começou ontem, à noite, poucas horas depois de chefes parlamentares libaneses pedirem uma sessão de emergência do Conselho de Segurança da ONU para acabar com a violência que aumenta de dia para dia, na região fronteiriça.

A força de manutençaõ de paz da ONU (UNIFIL), formada por 6000 homens, enviada para a região da raia, há um ano, acha-se ainda cercada por milicianos no seu QG na vila costeira de Naqoura.

AMÉRICA

Afastamento de Nixon provocou alerta militar

Durante os últimos dias da presidência de Nixon, o Pentágono ordenou um alerta militar com receio que oficiais fiéis ao presidente tentassem dar um golpe para evitar a sua saída da Casa Branca.

O actual secretário de Estado para a Energia, James Schlesinger, que durante a presidência de Nixon ocupou a Secretaria da Defesa, foi o responsável por tal medida.

Estas revelações são feitas pelo ex-presidente Gerald Ford no seu livro de memórias, no qual conta factos ocorridos quando era vice-presidente de Richard Nixon.

Nesse livro, Ford critica duramente Schlesinger, a quem descreve como arrogante e incapaz de manter boas relações com o Congresso.

Ford afastou Schlesinger do cargo de secretário da Defesa após a demissão de Nixon.

Schlesinger, que antes de chegar à Secretaria da Defesa havia sido director da CIA converteu-se depois em conselheiro de Energia de James Carter tendo este criado um ministério para ele após ganhar as eleições presidenciais.

DECLARAÇÕES DE HAIG

O general Alexander Haig, comandante-chefe cessante das forças da NATO, negou-se hoje a desmentir ou confirmar rumores sobre as suas aspirações à candidatura presidencial pelo Partido Republicano.

Num discurso perante a Associação dos Empresários da Imprensa, Haig afirmou que não revelará as suas intenções até regressor definitivamente aos Estados Unidos.

NOTARIADO PORTUGUÊS

Nono Cartório Notarial de Lisboa
A cargo da Notária Licenciada
Maria Alice Ribeiro Fernandes

CERTIFICO NARRATIVAMENTE PARA EFEITOS DE PUBLICAÇÃO: — Que, por escritura de dezasseis de Fevereiro de mil novecentos e setenta e nove, lavrada de folhas quarenta e quatro a folhas cinquenta e três do livro número G-nove das notas deste Cartório, foi constituída uma sociedade cooperativa sob a forma de sociedade anónima, a qual se ficou a denominar «ZIG ZAG - COOPERATIVA DE CONSUMO, SOCIEDADE COOPERATIVA ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA», cuja duração será por tempo indeterminado a contar da data desta escritura, com sede no Bairro da Tabaqueira, Largo Comercial, em Albarraque, freguesia de Rio de Mouro, concelho de Sintra. A sociedade tem por fim organizar a cooperação entre os seus associados para os fins julgados úteis pela assembleia geral, nomeadamente a distribuição de bens de consumo, a promoção cultural dos seus associados e a difusão dos princípios cooperativos reconhecidos na Constituição da República Portuguesa, sendo o seu capital variável e ilimitado no valor mínimo de dez mil escudos, realizado e representado por acções nominativas de cem escudos, podendo cada sócio individual subscrever um mínimo de dez acções e cada sócio colectivo um máximo de cem. Podem ser sócios da cooperativa, sem distinção de profissão, crença, ideologia política, sexo ou nacionalidade, todos os indivíduos com mais de catorze anos que sejam como tal admitidos pela direcção, os quais não podem, no entanto ser eleitos para quaisquer cargos de gerência ou outros que importem responsabilidades legais enquanto não tiverem atingido a maioridade, podendo ainda ser sócios mediante aprovação da assembleia geral, insituições ainda que de carácter económico, que mantenham obras sociais, e além destas, outras que prossigam fins de promoção económica e social. Desde que os sócios transgridam os Estatutos e os Regulamentos Internos da Cooperativa, ser-lhes-ão aplicadas as seguintes penalidades: — Repreensão registada; suspensão de direitos até noventa dias e exclusão, podendo esta ser aplicada somente mediante deliberação da assembleia geral, sob proposta fundamentada da direcção e as duas primeiras da competência da direcção.

Está conforme. Lisboa aos primeiro de Março de mil novecentos e setenta e nove.

O Ajudante do Cartório

(Cremilda Pinteus Marques da Silva Malvar)

Anita Guerreiro

PINOCA

Completamente remodelado venha **jantar** ou **cear** ouvindo o nosso valioso ELENCO

ATENÇÃO AOS NOSSOS ANÚNCIOS DE 5.ª-FEIRA

Fernando Rios

Gilda de Castro

Dia 27, festejamos o nosso 6.º aniversário, apadrinhado pelas vedetas

FLORBELA QUEIRÓS
ANTÓNIO CALVÁRIO

Odete Ferreira

Além destes artistas anunciaremos os nomes de mais vedetas que gentilmente colaboram nesta noite
Marque já a sua mesa

Rua Senhora do Monte, 43 — Tel. 867518

VOCÊ E O SEU CARRO DE COMBOIO

Diariamente entre Lisboa e Porto
6 COMBOIOS À SUA ESCOLHA
Lisboa - 8,50 - 18,50 e 00,25 Porto - 9,30 - 18,45 e 00,10
Consulte as secções de informações

Cornucópia:

2.º mês para Karl Valentin

Entrou em 2.º mês de exibição com lotações esgotadas quase diariamente o espectáculo que o Teatro da Cornucópia actualmente apresenta no Teatro do Bairro Alto sob o título «E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?», cenas de Karl Valentin.

Saudado entusiasticamente pela crítica e pelo público este 14.º espectáculo do Teatro da Cornucópia teve as seguintes referências da Imprensa: «E que belo espectáculo, senhores!» («O Jornal»); «É preciso ver, rever, triver, poliver e voltar a ver este espectáculo» (F. Midões, «Diário Popular»); «Nunca se deve ter rido tanto no teatro dito a sério» (Carlos Porto, «Diário de Lisboa»); «A ver e rever» (E. C. «A Capital»); «Fabuloso, divertido e inesperado» («Sete»); «Grande empreendimento artístico» (Jorge Listopad «Expresso»).

«E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?» tem encenação de Jorge Silva Melo, cenografias e figurinos de Cristina Reis, assistente de cenografia Linda Gomes Teixeira, interpretação de Raquel Maria, Luís Miguel Cintra, Fátima Madeira, Carmen Santos, Jorge Silva Melo, Carlos Bispo, Isabel de Castro, Carlos Barreto. Luís Ramos e José Manuel.

Os estudantes e sindicalizados, mediante a apresentação do cartão beneficiam de um desconto de 40% graças a um subsídio, concedido para esse fim, pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Entretanto na Sala Manuela Porto prossegue a exposição de 34 aguarelas de Eduardo Batarda Fernandes.

Para quem foram os prémios Pulitzer

NOVA IORQUE – São os seguintes os Prémios Pulitzer atribuídos este ano:

– Ficção: «As Histórias de John Sheever» – autor – John Sheever (colectânea de 61 novelas escritas desde 1945).

– Investigação jornalística: atribuído ao semanário californiano «The Point Reyes Light» (pelas suas investigações de Synanon, uma clínica para a reablitação de drogados, onde se praticou o abuso de pacientes).

– Conto: atribuído a John Franlin, «Baltimore Evening Sun».

– Reportagem geral: atribuído ao jornal «Evening Tribune», de San Diego, na California, pela reportagem do desastre aéreo ocorrido em 25 de Setembro passado, no qual pereceram 144 pessoas.

– Drama: atribuído a Sam Shepard, pela sua peça «Buried Child».

– Poesia: conferido a Robert Penn Warren, pela sua colectânea de poemas «Now And Then: Poems 1976-1978».

– Reportagem Local: atribuído a Gilbert Gaul e Elliot Jaspin do «Potts Ville Republican», de Pennsylvania, pelas suas investigações sobre a decadência de uma grande empresa de exploração de carvão.

– Reportagem nacional: conferido a James Risser, do «Des Moines Register», pela publicação de um conjunto de artigos sobre a contaminação e destruição de solos pelo cultivo agrícola.

– Reportagem internacional – prémio atribuído a Richard Ben Cramer, do «Philladelphia Inquierer», pelos seus artigos sobre o Médio Oriente.

– Ensaio – atribuído a Edward Wilson, pelo seu estudo «On The Human Nature» – uma investigação exaustiva da herança biológica, do comportamento e do desenvolvimento do ser humano.

– Biografia: atribuído a Leonard Baker pela sua obra «Days of Sorrow and Pain: Leo Baeck and Berlin Jews». Trata-se de um relato sobre um rabi que ajudou os alemães durante a época do terror nazi, nos anos 40.

– História: concedido a Don Fehrenbacher, professor de História e de Estudos Americanos na Universidade de Stanford pelo seu livro «The Dred Scott Case: It's Significance In American Laws and Politics».

– Editorial – atribuído a Edwin Yoder Jr., pelos editoriais que publicou durante o ano transacto no «Washington Star».

– Fotografia de reportagem – atribuída a Thomas Kelly, fotógrafo do «Diário de Pottstown», da Pennsylvania, pela série de fotografias que obteve de um sequestro.

– Fotografia geral – prémio outurgado ao corpo de fotógrafos do «Boston Herald American» pelas fotografias de uma tempestade de neve em Boston, à mais violenta registada no historial desta cidade.

– Música – atribuído a Joseph Schwantner, pela sua composição «Aftertones of Infinity».

– Comentário – atribuído a Russel Baker, do «New York Times», pelas suas colunas dominicais de actualidades.

– Crítica – conferido a Paul Gapp do «Chicago Tribune».

Os Prémios Pulitzer foram legados pelo falecido Joseph Pulitzer, director do jornal «New York World», tendo sido atribuídos pela primeira vez em 1917.

Este ano, os prémios foram anunciados por William Mcgill, reitor da Universidade de Columbia, após a decisão tomada pelo Conselho dos Prémios Pulitzer, que por seu turno ouviu as recomendações de juízes especialistas nomeados para cada uma das categorias em letras e jornalismo.

DOIS IMPORTANTES DISCOS DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA

• Obras de Emanuel Nunes
• Elegia a Amílcar Cabral, de Peixinho

Na Discoteca Básica Nacional, editada pela Secretaria de Estado da Cultura, ao preço unitário de 202$50, acabam de ser lançados dois importantes discos de música contemporânea portuguesa. Contém o primeiro duas obras fundamentais do percurso criador de Emmanuel Nunes, actualmente compositor-residente em Berlim - Oeste (distinção de que poucos músicos da Europa Ocidental se podem gabar...). São elas «Degrés», para Trio de Cordas, realizada pelo Trio de Cordas de Paris, e «Impromptu pour un voyage», para flauta, violeta, harpa e trompete, esta pelo Trio Debussy acrescido do trompetista Jean-Jacques Greffin. «Degrés» é uma pedra fundamental da iniciação de Emmanuel Nunes: trata-se da primeira obra inscrita pelo compositor no seu catálogo, depois de ter inutilizado toda a sua produção anterior; uma obra, portanto, que assinala a consciência da aquisição do «métier» e a autoconfiança num projecto criador. Talvez, por isso, «Degrés» são graus ou degraus de uma escala: dez estádios de desenvolvimento das componentes múltiplas da linguagem musical, desde o «caos» à organização mais complexa. «Impromptu», muito posterior, envereda por outros caminhos: como o próprio nome indica (improviso), é uma obra em que os quatro instrumentos **improvisam** diferentemente, segundo determinadas condicionantes de estímulo-resposta pensadas pelo compositor em termos de garantirem a unidade estilística e um resultado musical coerente. Trata-se, sem dúvida, de um dos mais belos exemplos de uma escrita musical baseada na intervenção do factor aleatório.

Ao domínio do belo (do instintivamente belo, para qualquer sensibilidade não embotada aos estímulos musicais) pertence também a obra de Jorge Peixinho «Elegia a Amílcar Cabral», que constitui o conteúdo do segundo disco. Realizada no Instituto de Psico-Acústica de Música Electrónica de Gent (Bélgica), trata-se da primeira peça de música electrónica de autor português lançada no circuito comercial. Como surgiu a obra? Responde o compositor: «No dia 20 de Janeiro de 1973, encontrando-me em Gent, na Bélgica fui dolorosamente surpreendido com a notícia do assassinato de Amílcar Cabral em Conakry. Desde há muito admirador do pensamento e da acção política do fundador do PAIGC, tal facto provocou em mim uma emoção profunda. Decidi nesse mesmo dia compor uma obra que traduzisse a minha homenagem pessoal ao grande político africano».

O resultado é esta «obra electrónica pura, caracterizadamente elegíaca, estática e meditativa, desprovida dos atributos específicos de uma forma dramática». Convergiam com estes objectivos expressivos «as exigências e necessidades técnicas» então assumidas pelo compositor: «uma extrema economia de meios, um tratamento exaustivo de um material reduzido à sua mais simples expressão».

Explicando a estrutura da obra, o compositor nota a certo passo: «O final, insistindo longa e obsessivamente numa frequência aguda que, a dada altura, é cortada bruscamente, poderia sugerir a morte repentina e imprevisível de Cabral, bem como a perenidade da sua mensagem política». A presente gravação apresenta duas versões da obra, que foi terminada em Março de 1973.

Da qualidade das gravações não me compete a mim falar, visto que a ambas estive ligado como produtor. Limito-me, pois, a acrescentar que o disco de Emmanuel Nunes foi gravado em Paris, na Igreja Evangélica Alemã, em Dezembro de 1973. E que a banda original da «Elegia a Amílcar Cabral» foi realizada no Instituto da Psico-Acústica de Música Electrónica de Gent (Bélgica).

Mário Vieira de Carvalho

DIA
DA LIBERDADE

PALÁCIO FOZ — Dia 25 de Abril
SESSÃO CONTÍNUA A PARTIR DAS 15H.

CÂNTICO FINAL
de Manuel Guimarães

E DOCUMENTÁRIO: O 25 DE ABRIL 3 ANOS DEPOIS
ENTRADA LIVRE

INICIATIVA DA DIR.-GERAL DA ACÇÃO CULTURAL (S.E.C.) NO ÂMBITO DAS COMEMORAÇÕES DO DIA DA LIBERDADE

ABRE AMANHÃ
(DIA 25 DE ABRIL)
(FERIADO NACIONAL)
A FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR
INFANTIL DE "O SÉCULO"

O maior espectáculo de Lisboa é este ano profundamente direccionado à criança

A SUA ENTRADA PRINCIPAL É DECORADA COM REPRODUÇÕES DOS ESTAGIÁRIOS DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE
"O SÉCULO"

Maria descobre o mundo tacteando-o cautelosamente, sem se aperceber que intimamente a sua violação se organiza a vários níveis.
Lauro António/«Diário de Notícias»

Um acto modelar de intervenção intelectual (...) Um filme sem inflações histerizantes.
Eduardo Prado Coelho/«Opção»

O longínquo duelo entre crença e crítica.
Rui Cádima/«Expresso»

Um mau serviço prestado ao ateísmo...
Um espectador/Inquérito de «A Capital»

Construído segundo um encadeado quase policial, ora rigoroso de minúcias, mistérios e omissões, ora frágil em revelações sumárias...
Jorge Leitão Ramos/«Diário de Lisboa»

AS HORAS DE MARIA

A história de Maria é um pouco a de todos nós.
José de Matos-Cruz/«Diário Popular»

Uma blasfémia em forma de filme.
António M. Bessa/«A Rua»

A ver obrigatoriamente.
Mário Damas Nunes/«Sete»

Obra esteticamente madura, corre o risco de ser julgada pelas aparências e a fé de cada um exige mais do que isso.
Luís de Pina/«O Dia»

Excelente direcção de actores.
Tito Lívio/«Diário Popular»

«AS HORAS DE MARIA» resistiram à cruzada contra os «infiéis».
Afonso Praça/«O Jornal»

4.ª SEMANA

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

Frustração e água-benta...

A Televisão proporcionou-nos ontem uma extensa entrevista com Adriano Moreira, ministro colonial do regime colonial-fascista, também conhecido, em certas esferas, por «antigo regime».

Moreira teve tempo de sobra para expor os seus pontos de vista afascistados, dos quais não mostra o menor arrependimento. Entrevista oportunissima, seja dito, dado o seu regresso à coisa pública. Ele há coisas...

Esforçou-se, aliás, por aparentar uma grande serenidade. Vendeu, com o maior desplante, a imagem de um homem bem redondo na vida. No que, aliás, mostrou levar grande vantagem sobre o porco-espinho. Chega a tanto a habilidade de certos políticos.

Adriano Moreira em promoção na antevérpera do 25 de Abril. Enfim, cada qual «comemora-o» a seu gosto, tal a pimenta nas receitas calinárias.

CRITÉRIOS...

Além de Adriano Moreira, também estiveram presentes (mas estes em carne e osso) algumas personalidades cá do burgo, com ampla superioridade da direita. Enfim, um programa equilibrado...

Dado que o antigo ministro salazarista não estava presente, as tais 'personalidades recusaram-se a debater as opiniões dele. Fizeram bem. Perca-se a Revolução, mas salve-se o cavalheirismo.

O Partido Comunista Português também não estava presente, mas isso não o impediu de ser atacado.

Maneiras de ver...

NO REINO DA BEM FALÂNCIA

Aliás, a reunião efectuou-se num grande clima de diálogo e assim é que é bonito. Reinou a boa educação de raiz mundana: «senhor conselheiro», «senhor doutor», «senhor engenheiro», «senhor professor»... Pois. A política é p'ra quem estudou, p'ra quem percebe da poda, pecebe? O povo não sabe nada de política, pecebe? Não tinha lá nada que fazer, pecebe? Atão um home de trabalho sabe lá dizer essas coisas giroflessíssimas dos «factores exógenos» e não sei quê «endógenos».

Com mil raios!, é preciso que um País de iletrados como o nosso seja brutamente instruído para perceber estes homens.

POR ENCOMENDA, NÃO?

Em certos aspectos, assistimos a uma reunião do outro mundo, uma daquelas coisas do arco da velha como já não se inventam.

O Vasco Pulido Valente, considerado um génio desde os bancos da escola, dizia tolices de menino da quarta classe.

Agustina Bessa Luís (ó minha boa senhora, pela sua rica saudinha, escreva, escreva!) mulher de cultura, defendia que não há cultura em Portugal.

Punha-se em cheque o MFA e ninguém levantava um dedo para protestar.

De socialismo falou-se muito e nada se disse de concreto a não ser:

a) que na URSS não há socialismo;

b) que não há no Mundo nenhum modelo de socialismo satisfatório.

Há pessoas muito exigentes, caramba. Porque não encomendam um com entrega ao domicílio?

SERÁ OU NAÕ SERÁ?

O sr. conselheiro Melo Antunes dissertou sobre Televisão em geral e sobre as suas funções específicas em particular.

No seu modo de ver, a Televisão pode fornecer instrução, mas não cultura.

Não é verdade, conselheiro. A Televisão pode fazer as duas coisas, sendo porém mais correcto dizer que a TV é mais eficaz como arma de cultura do que como instrumento de aprendizagem. Só que, nas sociedades capitalistas, a TV é mais usada como droga de obscurantismo, de passividade e de embrutecimento – que são a «cultura» específica dessas sociedades.

Não será assim?

PARA USO INTERNO

A certa altura passou-se um filme que é exemplo acabado da manipulação mais desavergonhada.

Não falemos já da questão da Frente Popular em França em que fartamente se pecou por omissão e interpretação. A degradação informativa atingiu-se com a reportagem sobre o Chile: um vómito.

Pretendeu-se mostrar quanto a política económica e social da Unidade Popular fora ruinosa para o Chile. Chegou-se ao ponto de implicitamente responsabilizar o Chile de Allende... pelo cerco imperialista!

Pinochet aparece-nos como quem vem impor a ordem e a disciplina social – quando verdadeiramente acontece que a pinochetada, armadilhada pela CIA, se deve ao desespero face aos êxitos e ao avanço da Unidade Popular, apesar de todas as dificuldades.

Apenas Lopes Cardoso protestou e argumentou com êxito contra a abjecção deste documentário.

Nitidamente encomendado para uso interno...

ESQUECIMENTO

Para se mostrar quanto o 25 de Abril nada fez pela cultura, agarra-se numa câmara e manda-se por esses descampados, por esses montes, em busca de pastores e camponeses analfabetos.

O truque é velho. Apesar de gasto, pelos modos, ainda faz servicinho.

Passaram em claro os esforços desenvolvidos nas escolas, nas colectividades de recreio, pelas comissões de moradores e de trabalhadores, pelas comissões de aldeia, etc. etc. Não houve nunca em Portugal uma onda cultural tão forte como a que varreu o nosso País depois do 25 de Abril. Tudo isso esqueceram.

Foram ao ponto de, em Monsaraz, entrevistarem uma família completamente alheia ao movimento cultural que se desencadeou naquela região, com sede numa casa cedida pelo banqueiro Manuel Vinhas. Nesta residência cultural, animada por grandes esforços e grandes vontades, houve teatro, cinema, outras actividades artísticas, projecto de um centro de estudos agrícolas, movimento de alfabetização, etc.

Depois desencadearam-se as forças anti-25 de Abril e todo esse movimento cultural se perdeu.

Tudo isto a reportagem ignorou. Por ingenuidade? Tá quieto, ó mau!

FRUSTRAÇÃO: O VÍCIO SECRETO

Alastra por becos e travessas do anti-25 de Abril a tendência para criar um sentimento de pânico, de desespero, de beco sem saída. Isto é o meio caminho andado para a implantação do fascismo.

Reforçam-se os aspectos negativos, carregam nos fantasmas. Ameaçam com o papão – e ignoram-se as forças capazes de vencer a crise, desprezam-se os motivos de esperança, escondem as perspectivas por que pode e sabe lutar um povo e suas organizações, quer queiram ou não os Moreiras, os Sousa, os Valentes.

Porque quem está disposto a lutar não se entrega às frustrações. A frustração, ontem tão falada, é o vício secreto, o onanismo de alma dos sociais-burgueses. Quem está no combate não tem tempo para se sentir frustrado. Não é verdade Catarina, Alex, José Moreira, Dias Coelho, Manuel Mendes, Soeiro Pereira Gomes, capitão Ramiro Correia, Abel Varzim, Humberto Delgado e tantos, tantos de vocês?

Senhores reformadores, intelectuais, pensadores, e doutores à espera de poleiro: frustração e água benta, cada qual toma a que quer.

Hoje

Georges Moustaki

I PROGRAMA

18.30 **Sumário** – resumo de noticiário nacional e internacional.
18.35 **«Rei Artur»** – série de animação.
19.05 **País, País** – a actualidade regional.
Ciência a Cada Passo... a Cada Passo Ciência – um debate sobre o problema do vinho, suas implicações científicas e sociais.
20.00 **Jornal RTP/1**
20.30 **«O Astro»** – mais um episódio.
21.10 **O Tempo**
21.15 **Zoom** – um programa de Adriano Cerqueira. Apresentação de Manuel Ricardo.
21.45 **A Comédia e a Vida** – «O Mundo de Henry Orient», intérpretes: Peter Sellers, Paula Prentiss, Angela Lansbury, Tom Bosley e Phyllis Thaxter. Realização de George Ray Hill.
23.45 **24 Horas** – último serviço noticioso do dia.
00.00 Fecho

II PROGRAMA

18.45 **Ano Propedêutico**
20.30 **Cancioneiro** – programa com a participação do escritor José Gomes Ferreira.
21.00 **Ruas Pós-25 de Abril** – documentário realizado por José Elyseu.
21.30 **Moustaki em Portugal**
22.00 **Informação/2**
22.30 **Terra de Abril** – documentário realizado pelo Instituto Nacional Audiovisual de França.
23.30 Fecho

Amanhã

Programa especial das comemorações do 25 de Abril com início às 10 horas e encerramento cerca das 0 horas.

TRAGÉDIA INFANTIL
WEDEKIND
Só até sábado,28
2.ª a sábado 21.45
Sábado 18.00 h.
PALÁCIO GALVEIAS
CAMPO PEQUENO
Sub. — SEC. — GULBENKIAN
CML
PRODUÇÕES TEATRAIS

Rua Tenente R. Cascais, 1-A 1200 LISBOA Tel. 661515
teatro do bairro alto
teatro da Cornucópia
E não se pode exterminá-lo?
cenas de Karl Valentin
CURTA CARREIRA
3ª a sáb. às 21.30
Dom. só às 17.30
ATENÇÃO: amanhã, 25 de Abril, NÃO há espectáculo
Subs. SEC e Inst. Alemão
Desconto Est. e Sind. graças apoio F. Gulbenkian.

na COMUNA
SEIVA TRUPE
apresenta
PERDIDOS NUMA NOITE SUJA
DIARIAMENTE ÀS 21.45 H
DOMINGOS SÓ ÀS 16 H
PRAÇA DE ESPANHA — METRO PALHAVÃ
MARCAÇÕES PELO TEL 762624

ADÓQUE
TEL. 87 44 76
AMANHÃ 25 DE ABRIL ESPECTÁCULO ÀS 21.45
1926 novas forças
2.ªs 3.ªs e 5.ªs às 21.45
6.ªs e sábados 2 sessões 20.30 e 22.45
Domingo Tarde às 16 horas
Noite às 21.45
ATENÇÃO AO ESPECTÁCULO DO 25 DE ABRIL ÀS 21.45
A EXPERIÊNCIA AO LADO DA JUVENTUDE
ESMERALDA AMOEDO
FRANCISCO NICHOLSON
HENRIQUE VIANA
MAGDA CARDOSO
E
TERESA MADRUGA
ANTÓNIO FEIO
CELSO SACAVÉM
ANA BOLA
BOMBOM
CAMACHO
MANUEL LUÍS
E
DULCE GUIMARÃES
ERMELINDA DUARTE
MANUELA FERNANDES

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
DESTAQUES
I PROGRAMA
«O Mundo de Henry Orient» (21.45)
II PROGRAMA
Moustaki em Portugal (21.30)

MONTE CARLO
A ABRIR BREVEMENTE

CICLISMO

Firmino à frente no G.P. de Torres

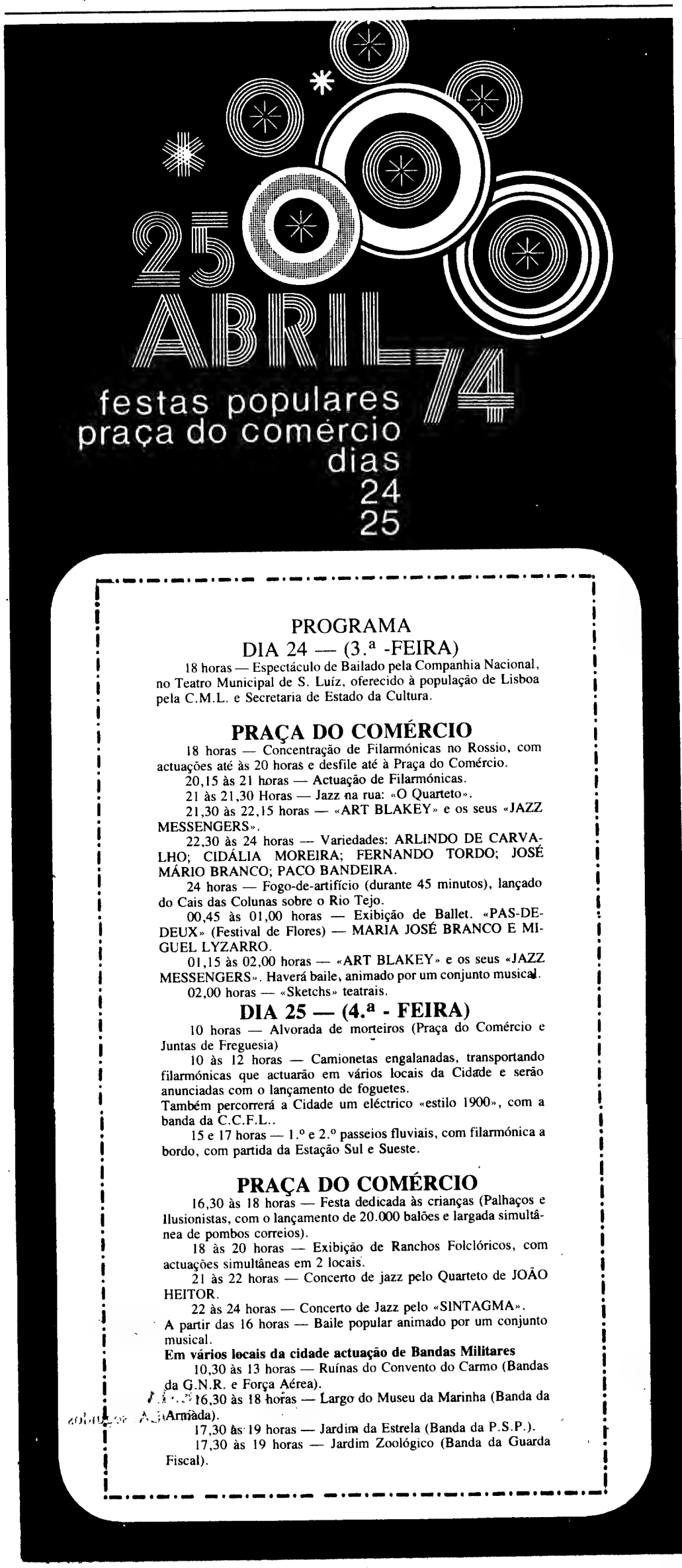
O ciclista do Lousa, Firmino Bernardino, continua em primeiro lugar no Grande Prémio de Torres Vedras, após a etapa de ontem, entre Torres Vedras e Vila Franca de Xira, ganha por outro ciclista do Lousa, Marco Chagas.

Desenha-se a tendência para a equipa do Lousa dominar a corrida, ou, pelo menos, colocar os seus corredores nos lugares principais.

Na classificação geral, a seguir a Bernardino, encontra-se em segundo lugar outro ciclista do Lousa, Carlos Santos; em terceiro, Joaquim Andrade, do Sangalhos; em quarto, Joaquim Sousa Santos, do FC Porto, e em quinto, Marco Chagas, do Lousa. As distâncias entre estes corredores, e ainda outros, classificados a seguir, é apenas de segundos.

Por equipas, o primeiro lugar é do Lousa.

Hoje os ciclistas tinham uma etapa de manhã, entre Vila Franca de Xira e Mafra, e de tarde, outra entre Mafra e Torres Vedras.



PROGRAMA

DIA 24 — (3.ª -FEIRA)

18 horas — Espectáculo de Bailado pela Companhia Nacional, no Teatro Municipal de S. Luíz, oferecido à população de Lisboa pela C.M.L. e Secretaria de Estado da Cultura.

PRAÇA DO COMÉRCIO

18 horas — Concentração de Filarmónicas no Rossio, com actuações até às 20 horas e desfile até à Praça do Comércio.

20,15 às 21 horas — Actuação de Filarmónicas.

21 às 21,30 Horas — Jazz na rua: «O Quarteto».

21,30 às 22,15 horas — «ART BLAKEY» e os seus «JAZZ MESSENGERS».

22,30 às 24 horas — Variedades: ARLINDO DE CARVALHO; CIDÁLIA MOREIRA; FERNANDO TORDO; JOSÉ MÁRIO BRANCO; PACO BANDEIRA.

24 horas — Fogo-de-artifício (durante 45 minutos), lançado do Cais das Colunas sobre o Rio Tejo.

00,45 às 01,00 horas — Exibição de Ballet. «PAS-DE-DEUX» (Festival de Flores) — MARIA JOSÉ BRANCO E MIGUEL LYZARRO.

01,15 às 02,00 horas — «ART BLAKEY» e os seus «JAZZ MESSENGERS». Haverá baile, animado por um conjunto musical.

02,00 horas — «Sketchs» teatrais.

DIA 25 — (4.ª - FEIRA)

10 horas — Alvorada de morteiros (Praça do Comércio e Juntas de Freguesia)

10 às 12 horas — Camionetas engalanadas, transportando filarmónicas que actuarão em vários locais da Cidade e serão anunciadas com o lançamento de foguetes.

Também percorrerá a Cidade um eléctrico «estilo 1900», com a banda da C.C.F.L..

15 e 17 horas — 1.º e 2.º passeios fluviais, com filarmónica a bordo, com partida da Estação Sul e Sueste.

PRAÇA DO COMÉRCIO

16,30 às 18 horas — Festa dedicada às crianças (Palhaços e Ilusionistas, com o lançamento de 20.000 balões e largada simultânea de pombos correios).

18 às 20 horas — Exibição de Ranchos Folclóricos, com actuações simultâneas em 2 locais.

21 às 22 horas — Concerto de jazz pelo Quarteto de JOÃO HEITOR.

22 às 24 horas — Concerto de Jazz pelo «SINTAGMA».

A partir das 16 horas — Baile popular animado por um conjunto musical.

Em vários locais da cidade actuação de Bandas Militares

10,30 às 13 horas — Ruínas do Convento do Carmo (Bandas da G.N.R. e Força Aérea).

16,30 às 18 horas — Largo do Museu da Marinha (Banda da Armada).

17,30 às 19 horas — Jardim da Estrela (Banda da P.S.P.).

17,30 às 19 horas — Jardim Zoológico (Banda da Guarda Fiscal).

Diversas provas desportivas para assinalar o 25 de Abril

Diversas provas desportivas assinalam amanhã a passagem do quinto aniversário do 25 de Abril. Dum conjunto de realizações que se dispersam por todo o País – e por certo inumeráveis, até por isso mesmo – podem destacar-se o Grande Prémio Nacional 25 de Abril, em ciclismo, a Corrida da Liberdade, em atletismo, e, em atletismo ainda, a Estafeta da Liberdade.

O Grande Prémio 25 de Abril, em ciclismo, disputa-se entre Santarém e Lisboa, sobre o mesmo percurso feito pelos militares da Escola Prática de Cavalaria, daquela cidade. Participam dezasseis equipas, com ciclistas juniores. A partida será dada de Santarém cerca das 11 horas e a chegada a Lisboa, no Terreiro do Paço, deverá registar-se cerca das 13 e 15. Pormenor: as inscrições estão abertas até duas horas antes da partida.

A Corrida da Liberdade, que este ano se disputa pela segunda vez, e, tal como no ano passado, deverá ter a participação de milhares de atletas, disputa-se por diversas artérias de Lisboa e terminará nos Restauradores.

A Estafeta da Liberdade, percorre todo o concelho de Oeiras, com partida e chegada a Algés.

Entre outras provas, assinale-se a organizada pelos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique, em atletismo, e para infantis.

O Centro de Atletismo de Campolide anuncia uma Corrida da Jovem Liberdade, organizada pela Junta de Freguesia de Campolide, para assinalar, amanhã, a inauguração da sua Escola de Atletismo.

A União Desportiva de Olival Basto organiza o I Grande Prémio de Atletismo, para jovens de ambos os sexos, e por escalões.

O Ferreirense, de Ferreira do Alentejo, anuncia a Volta Pedestre àquela vila.

Em Belém, a Associação Regional de Vela do Centro leva a efeito um festival de regatas.

Em Leiria, a delegação da DGD realiza três provas de atletismo: a Corrida da Liberdade, entre Cortes e Leiria; outra entre Gaeiras e Caldas da Rainha, e ainda uma Volta à Marinha Grande.

NACIONAL DE HÓQUEI EM PATINS

Sporting perdeu em Sesimbra Porto ganhou à Oliveirense

A derrota do Sporting em Sesimbra, por 2-4 e a vitória do FC Porto frente ao Oliveirense, por 9-2 foram os resultados mais salientes da jornada de ontem, a décima sexta, do Nacional de Hóquei em Patins. Registe-se ainda a vitória do Benfica em Oeiras, no rinque deste, por 4-2.

Outros resultados, na Zona Norte: Fânzeres, 1-Valongo, 6; Riba de Ave, 4-Invicta, 2; Académica de Coimbra, 6-Académica de Espinho, 10; e Infante de Sagres, 2-Carvalhos, 3.

Na Zona Sul: Salesiana, 4-Belenenses, 6; Parede. 1-Cascais, 0; e Campo de Ourique, 4-Cuf, 5.

Na Zona Norte: a vitória do FC Porto ontem frente ao Oliveirense, com que partilhava o primeiro lugar em igualdade de pontos, permitiu-lhe o isolaento como guia, com dois pontos de avanço. A poucas jornadas do fim, apenas duas, parece mais do que provável que o FC Porto já não perca a liderança.

Na Zona Sul mercê de mais uma derrota do Sporting, ontem, está mais em perspectiva a conquista do primeiro lugar pelo Benfica.

MALAS ROUBADAS

Pede-se a quem souber o paradeiro de malas retiradas de carro Peugeot Branco, à porta do parque Castro Guimarães em Cascais, dia 21 do corrente, o favor de telefonar 890976

Gratifica-se bem.

VENDA DE CORTIÇA

Para os devidos efeitos se torna público que os Caminhos-de-Ferro Portugueses — C.P., E. P. vão proceder à venda de cortiça proveniente de sobreiros de sua propriedade, com extracção por conta do comprador e existentes nos seguintes locais:

Linha do Sado — do km 34,530 ao km 156,000
Linha do Sul — do km 181,000 ao km 365,000
Ramal de Sines — todo o ramal
Ramal de Lagos — todo o ramal

O concurso realiza-se às 11.00 do dia 3 de Maio no Serviço de Instalações Fixas da Região Sul, localizado junto ao quartel dos Bombeiros Sul e Sueste, na Estação do Barreiro.

As propostas deverão ser apresentadas pessoalmente e em carta fechada no local, dia e hora atrás referidos.

As condições gerais do concurso encontram-se afixadas nas Estações das Linhas e Ramais indicados, bem como no Serviço de Instalações Fixas da Região Sul no Barreiro e no Serviço de Domínio e Exploração Agrícola em Santa Apolónia, onde poderão ser prestadas todas as informações complementares.

TOTOBOLA
jogue connosco

1	GIL VICENTE-LEIXOES	X	2
2	PAREDES-SALGUEIROS	X	2
3	RIOPELE-ESPINHO	1	2
4	P FERREIRA-RIO AVE	1	X
5	VIANENSE-PENAFIEL	1	2
6	AGUEDA-U. COIMBRA	X	2
7	CALDAS-U. SANTARÉM	X	2
8	TORRIENSE-PENICHE	1	2
9	U. LEIRIA-U LAMAS	X	2
10	U. TOMAR-ALBA	X	2
11	O ELVAS-FARENSE	X	2
12	ODIVELAS-ALMADA	1	2
13	SACAVENENSE-JUVENTUDE	1	X

O verdadeiro Vietnam!
Por ele viveram... morreram...
só desejando esquecê-lo...

Foram eles...

com STAN SHAW - ANDREW STEVENS - JAMES CANNING
real. SIDNEY J. FURIE Prod. exec. RAYMOND CHOW
Tecnicolor
dist.

2.ª semana no Roma

FUTEBOL

Selecção "A" defronta o Feyenoord em Roterdão

A selecção nacional A de futebol defronta hoje o Feyenoord de Roterdão, em Roterdão, e em jogo integrado no programa de preparação para a campanha portuguesa no Campeonato da Europa. Esta visita à Holanda será retribuída brevemente pelo Feyenoord, numa deslocação para um jogo em Lisboa.

Em vésperas, ou quase, do Noruega-Portugal, tender-se-á a pensar que o encontro de hoje pode fornecer indicações aproximadas das possibilidades da selecção nacional para o jogo de Oslo. Não é disso que se trata, evidentemente, e os responsáveis têm-no dito. O que é mais legítimo esperar que este confronto com a equipa do clube holandês proporcione é não muito mais do que um contacto com um tipo de futebol e de jogo diferente do que se pratica entre nós – e com o qual os jogadores portugueses têm tido poucos confrontos este ano. Julgamos contar bem, se dissermos que os contactos que houve este ano com a Europa foram os três jogos que a selecção já disputou, contra a Bélgica, a Áustria e a Escócia; antes houve a participação do Benfica e do Porto nas competições de clubes. Mas, aqui, a experiência não foi rica: o Porto jogou com os gregos da AEK e o Benfica contra os franceses do Nantes e o Borussia Moenchengladbach, da RFA. Porto e Benfica – são deles quase todos os seleccionados.

Já lemos que o Feyenoord é melhor equipa que a selecção da Noruega. Provavelmente não, De qualquer modo, se à selecção portuguesa se põe se não por outras, pelo menos por razões de prestígio, a questão de ganhar, ou, pelo menos, de não perder, é muito natural que a vitória, a conseguir, não seja nada fácil. Mas o que fundamentalmente se põe à selecção portuguesa é por certo a questão duma boa exibição: porque se trata do jogo-treino que é, e porque se torna sempre alguma coisa arriscado (designadamente para integridade física dos jogadores) um empenho excessivo em objectivos que não se justificam por nenhuma razão material.

Estão em Roterdão, além dos dirigentes Abílio Rodrigues e Carrilho do Rosário, do médico dr. Camacho Vieira, do massagista João Silva e do roupeiro Telmo Barreiro, os jogadores Bento, Silvino (outra chamada inesperada à selecção A, para o lugar de Botelho, (lesionado), Bastos Lopes, Murça, Eurico, Alhinho, Humberto Coelho, Alberto, Pietra, Oliveira, Sousa, Costa, Gomes, Nené e Vital. É possível que Artur, há alguns dias nos Estados Unidos, voe entretanto para a Europa e se junte à comitiva.

A comitiva chegou ontem ao fim da tarde a Roterdão, depois duma viagem de avião de Lisboa para Amesterdão, e de autocarro do aeroporto de Schipool para Roterdão. Pouco depois, os seleccionados foram experimentar o terreno onde logo à noite se disputará a partida. O apito inicial é às 20 e 30.

Notícias de Roterdão falam de dúvidas acerca da formação portuguesa pelo menos no tocante ao lugar que tanto pode ser de Alhinho como de Sousa. O mais provável é que Mário Wilson decida fazer alinhar Alhinho no princípio, fazendo-o depois substituir por Sousa. Estretante na selecção principal, Sousa – o técnico pode decidir que a sua inexperiência nestas altas andanças é garantia de segurança não tanta como a que oferece o experimentado jogador do Benfica.

A equipa portuguesa deve entrar no terreno apresentado, pois, a seguinte formação: Bento; Bastos Lopes, Humberto Coelho, Eurico e Alberto; Oliveira, Pietra, Alhinho e Costa, Nené e Gomes.

Dado que não há limites para o número de substituições, a menos que a evolução do jogo não aconselhe tais medidas, poderão entrar, a qualquer altura, os que ficam no banco.

A selecção partiu ontem para a Holanda. Um instantâneo no aeroporto, pouco antes da partida

COMPETIÇÕES DA UEFA

Questão de finalistas: decisão amanhã

O Colónia, da República Federal Alemã, e o Malmoe, da Suécia, são os grandes favoritos das meias-finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus de que se disputam amanhã os jogos da segunda-mão. O favoritismo de alemães e suecos ganhou proporções com os jogos da primeira-mão disputados há quinze dias e nos quais uma equipa e outra foram obter preciosos empates no terreno contrário, com realce especial para o Colónia, que fez 3-3 em Inglaterra contra o Nottingham Forest, enquanto o Malmoe não conseguiu mais do que um 0-0 em Viena, frente ao Áustria – nulo que, feito nas condições em que foi, é já evidentemente uma considerável vantagem para o segundo jogo, amanhã.

A lógica concorde com o desfecho do primeiro jogo, faz prever que o Nottingham Forest vai ser eliminado amanhã na Alemanha Federal. O Colónia nem sequer precisa de vencer a partida com os ingleses: basta-lhe empatar, a zero, por um, ou por dois.

Já o Malmoe não se encontra em posição idêntica e tem de vencer o Austria para assegurar a presença na final, o que pode muito bem alterar a situação desta eliminatória no tocante a favoritismo, se acaso, por exemplo, os austríacos lograrem o golo que não conseguiram em Viena.

Qualquer destes dois concorrentes, no entanto, deve ser inferior ao Colónia e ao Nottingham Forest. Os adeptos portugueses que já conhecem o futebol britânico e o futebol alemão o bastante para se tornar supérfulo estar a falar do seu superior nivel técnico, da sua espectacularidade, do rigor dos seus esquemas tácticos mais correntemente aplicados, da sua impetuosidade atacante, da sua por vezes parece que insuperável qualidade, mas, principalmente, da sua altíssima cotação competitiva. Pena que a televisão não dê o jogo de Colónia, que é capaz de ser muito mais interessante do que a final que vamos ver o mês que vem.

TAÇA DAS TAÇAS

Os jogos da Taça das Taças opõem o Beveren, da Bélgica, ao Barcelona, de Espanha, e o Banik Ostrava, da Checoslováquia, ao Fortuna Dusseldorf, da Alemanha Ocidental.

Nos jogos da primeira mão, o Barcelona venceu o Beveren por 1-0, e o golo foi obtido de grande penalidade (o primeiro que o guarda-redes Pfaff sofreu esta época na Taça das Taças). As indicações que se tem da equipa belga não são muito favoráveis à hipótese de o Barcelona passar esta eliminatória. A vantagem de um golo è extremamente escassa, quando se tem o segundo jogo fora. Além do mais, a defesa belga tem créditos de grande segurança. É certo que o Barcelona tem um dos mais perigosos rematadores da Europa (o austríaco Krankl), mas isso pode não ser bastante.

O Fortuna Dusseldorf vai a Ostrava com uma vantagem de 3-1. As crónicas do jogo de há quinze dias, no entanto, falavam dum resultado muito enganador. Parece que os checos (que começaram a sua carreira nesta competição eliminando o Sporting, de Portugal) fizeram uma excelente partida, mas foram traídos por contingências inesperadas do jogo. Uma diferença de dois golos tanto pode ser muito como coisa nenhuma.

TAÇA UEFA

Para a Taça UEFA jogam o Borússia Moenchengladbach contra o Duisburgo, uma e outra equipas da Alemanha Federal, e o Hertha de Berlim, também da RFA, contra o Estrela Vermelha, de Belgrado.

Na primeira mão, o Borússia (que eliminou o Benfica, lembra-se) foi empatar ao terreno do Duisburgo, o que parece dar-lhe favoritismo maior para este segundo jogo e para a eliminatória. E o Estrela Vermelha ganhou em Belgrado por 1-0, o que não é de modo nenhum um resultado tranquilizador.

Uma última nota para sublinhar a presença, tão numerosa, de turmas da RFA, nestas meias-finais: nada menos do que cinco, entre doze semi finalistas.

De certeza, um finalista europeu deste ano será da RFA: o Borussia de Moenchengladbach ou o Duisburgo na Taça UEFA. Mas têm fortes probabilidades de ir às finais, ainda, da RFA, mais uma equipa em cada uma das três provas.

São elas o Colonia, nos Campeões, o Fortuna Dusseldor, nas Taças, e ainda o Hertha de Berlim, na UEFA (onde pode acontecer uma final entre equipas oeste-alemãs).

Beveren-Barcelona em directo na TV

A RTP fará amanhã, a partir das 18 e 55, a transmissão da cobertura, em directo, do desafio Beveren-Barcelona, da segunda mão das meias-finais da Taça das Taças.

A transmissão, de que já se falava como muito provável, foi-nos confirmada esta manhã do Lumiar.

A transmissão é no 1.º Programa.

RAPIDAS

TAÇA DE PORTUGAL PENAFIEL-FAFE

Disputa-se amanhã em Penafiel o jogo de desempate entre o Penafiel e o Fafe, dos quartos-de-final da Taça de Portugal. O jogo de Fafe, no passado domingo, terminou, como se sabe, empatado 1-1.

ACADÉMICO DE VISEU

O Académico de Viseu realiza quinta-feira uma assembleia geral extraordinária para apresentação de contas e eleição de novos corpos gerentes.

TOTOBOLA

Foram apuradas 806 apostas com treze resultados certos, 8 das quais de Moçambique, no concurso de ontem do Totobola, cabendo a cada uma o prémio de 13.364 escudos e 90 centavos.

Com doze resultados certos foram escrutinadas 14.997 apostas, sendo 14.789 de Potugal e as restantes 208 de Moçambique. Corresponde a cada uma o prémio de 718 escudos e 20 centavos.

TARANTINI

O defesa internacional argentino Alberto Taranti assinou hoje um contrato para jogar pela equipa Argentina de futebol do Talleres de Cordoba.

O Birmingham, equipa na qual joga Tarantini, receberá 450.000 dólares (cerca de 22 mil contos) pela transferência do defesa esquerdo da selecção campeã do mundo.

Tarantini, de 22 anos, ingressou no Birmingham depois de se ter oferecido a vários clubes da Europa.

Os dirigentes do clube inglês assinalaram que estavam satisfeitos com os serviços do jogador, sublinhando que tinha sido este que alegou razões pessoais para abandonar a Grã-Bretanha.

GUINÉ-BISSAU

Resultados da 22.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da Guiné-Bissau disputados este fim-de-semana: Cantchungo-Benfica, 2-3; Bula-Tenis, 1-2; Buba-Tobali, 3-1; Udib-Farp, 2-3; Balantas-Farim, 4-2; Ajuda-Sporting, 0-2. O jogo Gabu-Bolama não se realizou, por falta de comparência do visitante. O Benfica continua no comando, seguido do Balantas, do Sporting e do Farim.

fp

Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul

ASSEMBLEIA GERAL
(Sessão Extraordinária)

CONVOCATÓRIA

A pedido da Direcção, e de harmonia com o deliberado com a Assembleia de Delegados quanto ao modo de funcionamento e ao abrigo do Art.º 37.º, a), dos Estatutos, **CONVOCO** todos os sócios no gozo dos seus direitos sindicais para a reunião de **ASSEMBLEIA GERAL** que, em sessão extraordinária, se realizará **no próximo dia 8 de Maio, pelas 20 horas, em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos** com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

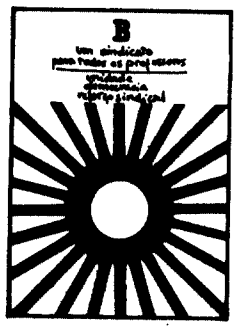
1 — Informações
2 — Alteração dos Estatutos do Sindicato

Lisboa, 11 de Abril de 1979

O PRESIDENTE DAMESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(Manuel Augusto Paulo Catarino)

NOTA — Os recebimentos de quotização no Sindicato encerram no dia 7 às 19.30 h, os restantes serviços encontram-se no dia 8 abertos até às 12 h, reabrindo no Pavilhão de Desportos, pelas s19.30 h. A entrada faz-se mediante a apresentação da quota de JANEIRO aposta no cartão.

ELEIÇÕES NO SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA



A LISTA B PROMOVE

SESSÕES DE CINEMA
com filmes sobre a INFÂNCIA e a ESCOLA, seguidos de debate — no cinema PARIS.

Dia 26, às 18.30 h.: «**O Menino Selvagem**», de François Truffaut.

Dia 27, ás 18.30 h.: «**Os Dois Indomáveis**», (Kes) de Kenneth Loach.

Diversas realizações preparam Conferência sobre a Integração de Portugal no Mercado Comum

Com o objectivo de promover um debate público sobre a controversa questão da entrada de Portugal no Mercado Comum, vai iniciar-se no próximo mês, uma série de realizações, nomeadamente debates, que culminarão com a realização da Conferência sobre a Integraçao de Portugal no Mercado Comum, que terá lugar no final deste ano.

O programa desta realização foi recentemente divulgado em Conferência de Imprensa, no decorrer da qual se procedeu ao nomear de diversas questões: «as repercusões que teria a adesão de Portugal à CEE na formação social portuguesa, na burguesia possuidora de pequena e média empresa; no campesinato e no pequeno e médio comércio.»

A entrada de Portugal na CEE que significado teria no modo de produzir e viver da classe operária e seus aliados, na sua força reivindicativa e no fortalecimento de ideologia e da luta por um modelo de sociedade alternativa? Foi ainda levantada a questõ: «que consequências decorreriam para o poder político, confrontado com a crescente dependência face aos interesses das multinacionais»?

No documento distribuído no encontro, pergunta-se: «assistiremos ao acentuar da bipolarização do mundo em dois blocos dominados pelos EUA e pela URSS, ou antes à multipolarização através do surgimento de novos blocos autónomos relativamente às grandes potências e cuja coesão seja o resultado de razões geopolíticas e de solidariedade assente na convergência de interesses económicos?»

Numa primeira fase deste processo tornado público agora, procedeu-se ao contacto com diversas individualidades de diversas tendências políticas. A iniciativa visa uma nova prática, quer na reflexão e na discussão, quer na elaboração teórica rigorosa e não dogmática e ainda o divulgar das conclusões deste processo no sentido de as transformar num instrumento para a prática política, «desbravando novos caminhos e desmistificando falsas soluções».

No programa das realizações previstas para a integração de Portugal no Mercado Comum, serão promovidos diversos debates, o primeiro dos quais se anuncia para o próximo dia 11 de Maio e que será o primeiro de uma série que deverá ser apresentada quinzenalmente.

Encontram-se desde já constituídas três mesas que debaterão temas relacionados com a política, institucionalização da integração, problemas socioeconómicos e ainda questões culturais. Foram ainda anunciados um conjunto de iniciativas editoriais destinadas a clarificar o debate destas sessões que gradualmente irão preparando a opinião pública para a questão.

Exposição de brinquedos

«Puzzles» com motivos portugueses, brinquedos antigos e jogos didácticos, constituem a exposição denominada «Brinquedos» de Raul e Kira, patente na galeria Audimagem, em Lisboa.

Depois de algum tempo de pesquisa, os dois artesãos criaram «puzzles» com motivos tipicamente portugueses, e jogos didácticos especialmente dirigidos à primeira idade, escolas e infantários.

Além destes brinquedos, os dois expõem vários tipos de teatro de marionetas, circos e casas para bonecas, sempre obedecendo a uma estética portuguesa. «Nós criamos alguma coisa brincando, no meio de tecidos, lãs, rendas, latas, pregos e outros materiais.

GTH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tr. S. Vicente 11 875626
IVONE SILVA
«FELIZ NATAL AVOZINHA»
DE GILBERT LÉAUTIER
ENCENAÇÃO DE CARLOS FERNANDO
Hoje espectáculo comemorativo do 25 Abril
Entrada gratuita
TODAS AS NOITES ÀS 22.00 H
MATINÉES AOS SÁBADOS ÀS 16.00 H
DOMINGOS SÓ ÀS 16.00 H
FOLGA ÀS 2.as-Feiras
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS
Amanhã há espectáculo

44545
centro S.O.S.
voz amiga

ROTEIRO CULTURAL

Celebra-se amanhã em todo o País o 5.º aniversário da queda do fascismo e o 3.º da entrada em vigor da Constituição da República. A liberdade adquirida e a liberdade conquistada merecem a nossa reflexão e a nossa luta. Nesse sentido **entendeu a Sociedade Portuguesa de Autores levar hoje a efeito, a partir das 18 horas,** no seu auditório uma sessão sobre o tema «A Constituição, a liberdade de expressão e o direito de autor». Usarão da palavra, além do presidente do Conselho Director da SPA, representantes dos partidos políticos com assento na Assembleia da República que aprovaram a Constituição.

Como acontecimento cultural relevante, é justo destacar a inauguração, hoje às 22 horas, na Galeria S. Mamede, duma exposição de óleos de Nadir Afonso.

Nadir Afonso tem um «curriculum» que vai a pena o leitor conhecer: nasceu em Chaves, diplomou-se em Arquitectura pela Escolha Superior de Belas-Artes do Porto, estudou pintura em Paris, onde foi bolseiro do Governo francês e colaborador de Le Corbusier em 1951.

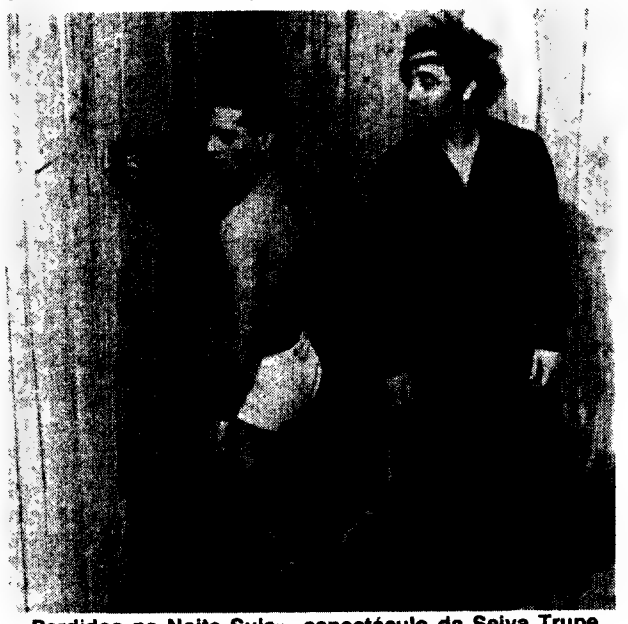
Entre 1952 e 1954, Nadir Afonso trabalhou no Brasil com o arquitecto Ne Niemeyer. Possui o Prémio Nacional de Pintura de 1967 e o Prémio Amadeo de Sousa Cardoso, que lhe foi atribuído em 1969.

Tem exposto colectiva e individualmente em Portugal e no estrangeiro. Ainda em matéria de pintura, uma visita até ao Sul, concretamente a Faro: termina hoje a exposição de pintura sobre seda da sueca Christina Von Rosen, no posto de Turismo desta cidade. Não garantimos a qualidade. Anuncia-se que há na sua pintura influências de técnica indonésia como reconheceu a autora, sueca no Algarve, o que seria uma vulgaridade, se não pintasse e expusesse.

Dia 25 é o Dia da Liberdade. Amanhã, portanto. Liberdade de se manifestar, liberdade de ir ao teatro, ao cinema, liberdade de ser livre. **Se opta pelo teatro (porque já tem o direito de optar), apanhe o metro e vá até à Comuna** onde a Seiva Trupe continua a apresentar «Perdidos Numa Noite Suja», sobre texto de Plínio Marcos com cenários de José Rodrigues e encenação de Júlio Cardoso.

No Porto, a Seiva Trupe continua a apresentar diariamente o espectáculo «Máquinas Assassinas», sobre texto de Miguel Barbosa, com cenários de Manuel Dias e coordenação artística de Estrela Novais.

«Os Saltitões» prosseguem. Escolhem comemorar o 25 de Abril, participando nele como sabem (fazendo teatro) fora das grandes cidades, em lugares onde as carências em matéria de cultura são bem maiores, onde o acesso ao teatro é bem mais difícil. «Os Saltitões» apresentam amanhã, pelas 21 e 30, na Casa do Povo de Ferreira do Alentejo, o «Pilhagalinhas» e também no mesmo dia, ainda que horas antes, às 16 mais concretamente, representam na Casa do Povo de Figueira do Cavaleiro, «A Gruta». Lembrar as crianças no 25 de Abril é a melhor homenagem que se pode prestar às crianças e ao 25 de Abril.



«Perdidos na Noite Suja», espectáculo da Seiva Trupe, continua na Comuna

Também em Santarém vai decorrer de amanhã a 1 de Maio «Palmo e Meio em Festa 79». O tema central é a criança, e cabe a sua organização à Oficina da Criança (Centro de Animação) com a colaboração da APTA/ARSTA (Associação de Teatro), Círculo Cultural Scalabitano e Cineclube.

«Palmo e Meio em Festa-79» movimentará milhares de crianças de todo o País e contará, entre outras actividades programadas, com exposições de discos e livros infantis, artesanato, espectáculos de circo, música, teatro, folclore, ballet, canto coral, bandas e cinema, actividades desportivas e ateliers de expressão plástica.

Em cinema subimos até Guimarães, ao cineclube da cidade onde vai passar hoje a média metragem «Gente do Norte» de Leonel Brito, com texto de Rogério Rodrigues (nosso camarada de redacção) e música de José Mário Branco.

rádio

1.º Programa

17.00: Trajectória, programa da juventude; **19.00**: Música portuguesa; **19.30**: Jornal da noite; **20.00**: Retrospectiva; **20.30**: Eternamente saber; **20.45**: 15 minutos com; **21.00**: 20.º episódio do folhetim «A Passagem», original de Judite Navarro; **23.00**: Poemas e poetas, por Hermínia Tojal; **24.00**: Último jornal; **00.10**: Vida na noite (RDP/Centro).

2.º Programa

17.30: Música sinfónica; **18.30**: Canções; **19.00**: Terra viva, planeta azul; **19.30**: Música portuguesa; **20.00**: Ciclo Haydn; **20.50**: Música de piano; **21.10**: Ópera; **22.30**: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.30**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.03: Contacto, **17.40**: Contacto com a música; **18.45**: O mundo da Fórmula 1; **19.45**: Teatro trágico; **20.00**: Quando o telefone toca; **20.33**: Cartaz; **21.00**: Novas de alegria; **21.33**: Quando o telefone toca, **22.33**: O tema é; **23.0p**: Projecção; **00.45**: Desportivamente.

Emissão Estereofónica

15.03: Rock em stock; **18.03**: Hora de ponta; **19.00**: Em órbita; **21.03**: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

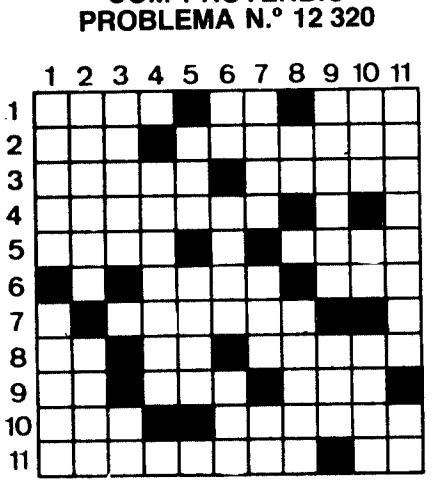
18.06: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço da Igreja de S. João de Brito; **19.00**: Programa da Liba dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.54**: Apelos; **21.05**: Espaço musical; **21.30**: Ao encontro da grande música; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.30**: Dicionário de economia; **23.55**: Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 320

HORIZONTAIS:

1 **Instrumento para atirar setas. Oferece. Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte de czarina Isabel.**
2 **Medida antiga da Índia. Cessasse de andar.**
3 **Nome de homem. Virgulas dobradas.**
4 **Voltas do avesso.**
5 **Garantia de pagamento de uma letra dada por terceiros. Eduque.**
6 **Cidade da Holanda. Rio da Suíça.**
7 **Recusara.**
8 **Pertences. Despido. Superfícies planas delimitadas.**
9 **O lado do vento. Três vogais iguais. Vazia.**
10 **Tempo do verbo haver. Município.**
11 **Dobra para cima. Ósmio (s.q.).**



VERTICAIS:

1 Ateia grande desejo em. Idosa.
2 Torna saliente. Ecoar.
3 Engasta. Sufixo que designa estado.
4 Fidalga portuguesa nascida em Lisboa em 1651 que foi camareira-mor da rainha D. Luísa de Gusmão.
5 Preposição. Líquido transparente, insípido e inodoro.
6 Oferece. Água. Fedor.
7 Lavras. Arara. Antes de Cristo.
8 Artigo definido. Perfume.
9 Demora. Romancista português autor de «Os Maias».
10 Sufixo que designa abundância. Seguia. Ilha do Pequeno Belt.
11 Nome de frutos. Carta de jogar.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8380

HORIZONTAIS:

1 Sovina (Prov. alent.).
2 Sacrifica. Relativo a sura (pantorrilha).
3 Enrubesce. Freguesia do concelho de Gouveia.
4 Artigo. Espaço de trinta dias. Suspiros.
5 Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Arre!
6 Grande ilha do Mediterrâneo, antiga Trinácria.
7 Tempo do verbo ir. Serra de Portugal. Nesse lugar.
8 Cantiga. Mamífero roedor
9 Interjeição designativa de pancada. Bigorna de ourives. Eia!
10 Arrostar. Caixões funerários.
11 Apelido. Guarnecera de asas.

VERTICAIS:

1 Fértil. Cidade da Rússia nas margens do Oca.
2 Habita. Lavrar.
3 Fortunas. Tira de fígado temperada e frita.
4 Fileira. Montão. Clima.
5 Gálio (s.q.). Cidade santa da Arábia. Prefixo que designa três.
6 Preposição. Mana.
7 Reis. Divisão de uma casa. Nome de planeta.
8 Álcool de melaço. Mais mal. Reis.
9 Arejara. Burra.
10 Combine. Tratar por tu.
11 Gavinhas. Lago da África Austral a O. de Moçambique.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 319

HORIZONTAIS:
1 OS. QUE. SE.
2 Pás Ranço.
3 Elara
4 Rolando At
5 Aí Moo. Pará.
6 Rabo Cardam
7 As. Suar Im
8 Cais Atas
9 Vãos Trava
10 Ai. Cravar
11 Oso. Moi. Amo

VERTICAIS:
1 Operara. VAO.
2 Saloias Ais.
3 Sal. Co
4 Ramosas
5 Urano Ui!
6 Ea. Docas. Co
7 NÃO Ar. Tri
8 SC. Pr Ara.
9 Eon. Aditava
10 Aramavam
11 VOLTAM. Saro

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8379

HORIZONTAIS:
1 Co. Sabor. AC
2 Arroz. Parra.
3 Saim. Uai!
4 Tira. Arcada
5 Rs Laçar. Ar.
6 Pi. Ária.
7 Ora. Biscar.
8 Cré. Maomé
9 Alga. Oral
10 Caas Im Tri
11 Ás Amariam.

VERTICAIS:
1 Castro. Caça
2 Orais. Orlas.
3 Rir. Prega.
4 Somália. Asa.
5 Az
6 Acabaria
7 Operário Mr.
8 Ra. Crismo.
9 Rua. Acerta.
10 Arada. Arm
11 Caiar Rolo

Provérbio: OS QUE SE VÃO NÃO VOLTAM

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado, o vento era fraco ou moderado de Noroeste e caiam aguaceiros em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	11º
BRAGANÇA	–
VILA REAL	8º
PORTO	10º
P. DOURADAS	0º
COIMBRA	10º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	11º
ÉVORA	10º
SINES	12º
BEJA	13º
SAGRES	–
FARO	15º
P. DELGADA	14º
FUNCHAL	15º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.10	4,0 m	7.03	0,8 m
13.40	4,0 m	19.23	0,9 m
Dia 25			
1.59	4,2 m	7.47	0,7 m
14.25	4,1 m	20.06	0,7 m
Dia 26			
2.45	4,3 m	8.27	0,7 m
15.08	4,2 m	20.47	0,7 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu muito nublado alternando com boas abertas, vento fraco ou moderado de Noroeste, aguaceiros fracos em especial a norte do Tejo durante o dia de hoje.

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.48
OCASO ÀS 20.23

DIA 26 DIA 4 DIA 12 DIA 18

DAR SANGUE
É DAR VIDA

farmácias

Lisboa
Permanente

ANUNCIADA, R. do Vigário, 72-74 (Alfama-Escolas Gerais); **ANTOLIN**, Av. Almirante Reis, 88-B-C (Anjos-Chile); **NOVA LUZ**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (Alto de S. João); **ALENTEJO**, Av. da Igreja, 28-B (Alvalade); **CARDOTE**, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (Av. da República); **FRAZÃO**, R. das Portas de St. Antão, 70-72 (Baixa-Coliseu); **GOMES, SUC.**, R. da Junqueira, 326-328 (Belém-Altinho); **URBANO DE FREITAS**, R. Silva Carvalho, 1-9 (Cemitério dos Ingleses); **S. TOMÉ**, E. do Desvio, lote 12-A (Lumiar); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C (Picheleira); **LARANJEIRAS**, R. Filipe da Mata, 160-162 (Rego); **BRITO**, R. do Colégio, lote 32-B (Brandoa); **CENTRAL ODIVELAS**, Al. Infante D. Henrique, 1 (Odivelas).

Reforço

VIEIRA ROSA, R. Prior do Crato, 72 (Alcântara); **VERA CRUZ**, P. Afrânio Peixoto, 2-B (Areeiro); **SANTA CRUZ**, Av. Gomes Pereira, 34-B (Benfica-Estação); **SANITAS**, P. Luís de Camões, 22-24 (Camões); **NOVA IORQUE**, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Campo Grande); **OLIVEIRA**, R. de Campolide, 54-A (Campolide); **ASCENSO**, P. do Norte, 11-A (Encarnação); **SALUTAR**, R. Conde Redondo, 9-B (Gomes Freire); **MONTE**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (Graça); **NOVAIS**, Av. Luís Bivar, 11-13 (S. Sebastião); **CONCEIÇÃO**, C. D. Gastão, 30-32 (Xabregas-Madre de Deus); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (Buraca); **NOVA**, R. Açores, 11-A (Olival Basto); **CÉSAR FERNANDES**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (Pontinha); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (Prior Velho).

PERMANENTE
(Amanhã)

DURÃO, R. Garrett, 92 (Baixa); **MARTINS, Lda.**, R. Fernão de Magalhães, 33 (Caminhos-de Ferro); **CONDESTÁVEL**, R. Coelho da Rocha, 119 (Campo de Ourique); **LUSITANA**, Av. de Roma, 18-A (Estados Unidos-P. de Londres); **ORIENTAL DE LISBOA**, R. Alves Torgo, 2-B (Igreja de Arroios); **PATULEIA**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (Lumiar); **SOUSA MARTINS**, R. Sousa Martins, 25 (Matadouro); **CENTRAL DOS OLIVAIS**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais Norte); **AGUIAR**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Palhavã); **CORREIA DE AZEVEDO**, R. Luís de Camões, 42-B (Santo Amaro); **JOLENI**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (Odivelas); **PONTINHA**, E. Santo Eloi, 4, lote SE (Pontinha).

Outra Banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565); **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356); **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 84 (T. 2490305); **COSTA DA CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A, Quinta de St. António; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035); **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **AMORA: Amorense**, Av. Marginal Silva Gomes, 80 (T. 2210042); **MONTIJO: Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Cascais

ALGÉS: Cabrita, Miraflores (T. 2101486); **ALCABIDECHE: Carvalho**. Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**. Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz, Ld.ª**. Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS: Central**. Até às 22 horas; **Vilar**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Saboia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE: Alair**, Av. Gago Coutinho, B. Caixas de Previdência (T. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116). Até às 21 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Até às 21 horas; **Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (T. 935518). Permanente; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461); **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950906); **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781); **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra**, P. N, Torre, 310. Até às 20.30; **MERCÊS: Claro Russo**. Até às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA: Gomes da Silva**, Portela. Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

ALVES DA SILVA – Av. da Boavista, 1016. Tel. 60342; **AZEVEDO** – Rua de Azevedo, 136. Tel. 52344; **GOMES FERREIRA** – Rua Faria Guimarães, 449. Tel. 4819077; **ANTAS** – Av. Fernão de Magalhães, 1076. Tel. 481158; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL** – Campo Mártires da Pátria, 122. Tel. 24262; **FALCÃO** – Rua de Santo Ildefonso, 61. Tel. 21566; **LOUSADA** – Largo do Campo Lindo, 62. Tel. 480353.

(De dia e toda a noite)

FERREIRA – Praça D. Afonso V, 55-B. Tel. 681975; **ORDEM DA TRINDADE** – Rua Heróis e Mártires de Angola. Tel. 27420; **CONFIANÇA** – Rua de Santa Catarina, 960. Tel. 22884; **NAU VITÓRIA** – Rua Nau Vitória, 723. Tel. 490427.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

MONTES CLAROS – Rua Dr. José de Almeida, 69. Tel. 25904; **CRUZ VIEGAS** – Rua do Brasil, 154. Tel. 74821.

centros de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A – 18 ANOS
14.30-16.30-18.30 21.30 e 23.45h
A INVASÃO DOS VIOLADORES
c/Donald Sutherland

SALA B
14.45-17-19-21.30 e 23.45h
UMA MULHER IMPLACÁVEL
c/ Jane Fonda – 13 anos

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Às 15.15, 18.15 e 21.30h
VAMOS A ISTO RAPAZES
Com Bud Spencer, Terence Hill
Int. men. 13 anos
4.ª semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Warren Beatty, Julie Christie e James Manson em
O CÉU PODE ESPERAR
Hoje e todos os dias às 23.30 h
Não acons. men. 13 anos
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
De Satnaley Kubrick

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
Entre o amor e o desespero para alcançar a liberdade!
A INOCÊNCIA E O CRIME
Com Rajesh Khanna e Mumtaz
2.ª Semana

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.30 h
Robert Powell, Anne Bancroft e Ernest Borgnine em
JESUS DE NAZARÉ
Primeira parte
Um filme de Franco Zeffirelli
Para todos – Colorido
4.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
A ILHA DO DR. MOREAU
um filme de Don Taylor
Não Aconselhável a Menores de 18 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30.

CASTIL 580194
Rua Castilho
15.30, 18.30 e 21.30 h
Juntos Conseguiram o Impossível
CASTELOS DE GELO
uma comovente história de amor de Donald Wrye
(não acons. men. 13 anos

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Int. men. 18 anos
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19, 21.30 h
A nova dimensão do romantismo na história íntima de uma mulher
«A HISTÓRIA DE JOANA»
Pornográfico
Às 24.00 horas
Não acons. men. 13 anos
CUIDADO COM A VOVÓ

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
Sessões às 14.15, 16.30, e 21.30h
«NEGÓCIOS À ITALIANA»
Um filme de Sérgio Corbucci
com Ugo Tognazi
Int. men. 13 anos

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19, 21.30
Um filme sensacional!
«OS DESERTORES»
com Russ Thacher - Brad Sullivan
Int. men. 18 anos

Às 23.45h
A AMEAÇA DE ANDRÓMEDA

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. m. 13 anos
OS COMANDOS DA MORTE
c/ Gregory Peck, Laurence Olivier
James Manson
3.ª Semana

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
às 15.30, 18 e 21.30 h
JESUS DA NAZARÉ
Para todos

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
Hoje às 21.15h
Amanhã às 16 e 21.15h.
CHAMAM-ME DÓLARES
com: Terence Hill – Comédia

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Às 13.30, 16.15, 19 e 21.30
Com Robert Powell, Anne Bancroft, Erneste Borgnine em
«JESUS DE NAZARÉ»
PRIMEIRA PARTE
um filme de Franco Zeffirelli

ESTÚDIO 555134/5
Av. Afonso Henriques, 35 Hoje, às 21.30 h
ão acons. men. 13 anos
O GENERAL IDI AMIN DADA
era... o maior chefe de estado do Mundo (1,96m e 110 kg)
Às 15.30 18.30h.
Últimas de «REFLEXOS DO PASSADO»

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
As 15.30, 18.30, 21.30 h.
um homem não pode reconstruir o mundo sozinho
Juiz Fayard
«O XERIFE»
Interdito a men. 13 anos

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
Às 21.30h
(Int. Men. 13 anos)
Eles aí estão de novo!
...VAMOS A ISTO RAPAZES
Bud Spencer – Terence Hill
às 15.15 – Última
CONVOY
(O Comboio dos Duros)
Não acons. men. 13 anos
Amanhã às 18.15h
em «CINEMA À QUARTA-FEIRA»
(Não acons. men. 13 anos)
«A GRANDE COMPETIÇÃO»
com Paul New e Robert Wagner
5.ª feira às 18.15h
em «QUINTA-FEIRA À TARDE»
(Não acons. men. 13 anos)
«COMO ROUBAR UM MILHÃO»

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15 18.30, 21.30
Não conc. men. 13 anos
O mais espectacular acontecimento da história do cinema – Marlon Brando Gene Hackman e Christopher Reeve
SUPERMAN
Um filme de Richard Donner

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
Int. men. 13 anos
O melhor retrato de mulher do cinema americano
com Jill Calyburgh, Alan Bates e Michael Murphy
UMA MULHER SÓ
9.ª semana

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Atenção ao horário especial para este programa
3 sessões – Às 15.15, 18.15, 21.45 h.
Não acons. men. 18 anos
«OS COMANDOS DA MORTE»
3.ª semana
Gregory Peck, Laurence Olivier e James Mason

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30 h.
«CALIFORNIA SUITE»
(Um apartamento na Califórnia)
A mais fabulosa comédia do ano!
com Allan Alda, Michael Caine, Maggie Smith, Jane Fonda
Não acos. men. 13 anos
4.ª semana

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
AS HORAS DE MARIA
Um filme de António de Macedo

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
Hoje e amanhã às 15.15 e 21.30h
Um filme indiano terno e encantador
AMIZADE INDESTRUTÍVEL
com Ashok Kumar e Rajish Khanna
Não acons. a men. de 13 anos

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
AMANTE MUITO LOUCA
Um filme brasileiro com os ídolos da TV Teresa Rachel, Setpan Nercessian e Jô Soares
3.ª Semana

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Não acons. men. 18 anos
Perseguição assassina ao homem que sabia demais
«A TESTEMUNHA INVISÍVEL»
Com Bo Svenson – Robert Culp

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
Ursula Andress em
A MONTANHA DO DEUS CANIBAL
(na esteira do famoso «Último Mundo Canibal»)
3.ª semana

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16
SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Não acons men. 18 anos)
SEGUNDA DIMENSÃO
Real.: Rainer Wermer Fassbinder
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Interdito men. 13 anos)
O XERIFE
Real.: Yves Boisset
SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15, e 23.30
(Não acons. men. 18 anos)
CAVALEIROS DO ASFALTO
SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Não acons men. 13 anos)
NOITE DE CHUVA

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
As 15.30 e 21.30 horas
Interd. men 13 anos
Em 3.ª SEMANA – Uma aventura espectacular
ASSALTO FINAL
Mico Minardos – Nina Van Pallandt

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons. m/18 anos
Uma aventura explosiva!
OS RAPAZES DA COMPANHIA C
O verdadeiro Vietname!

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
Uma bestial máquina de porrada!
O QUEBRA OSSOS
com Bud Spencer – colorido
Não acons men. 13 anos
4.ª semana

SÃO JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.30 e 21.30 h.
Donald Sutherland, Brooke Adams, Leonard Nimoy
«A INVASÃO DOS VIOLADORES»
(Invasion of the Body Snatchers)
Uma obra-prima de ficção científica!
Não acons. men. de 18 anos

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Hoje e Amanhã 4 sessões: 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Maiores 18 anos
Um filme de Jean Renoir
A REGRA DO JOGO
Marcel Dario Nora Grégor, Roland Toutain

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45
Não acons. men 13 anos
a melhor comédia do ano!
A GRANDE CARRAPATA
15.ª semana
co Pierre Richard

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.
O espantoso Louis de Funés no seu melhor filme de sempre!
«O GENDARME E OS EXTRATERRESTES»
com Louis de Funés, Michel Galabru, Maurice Risch
Não acons. men. 13 anos
4.ª semana

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Burt Lancaster, Michael York, Barbara Carrera em
A ILHA DO DR. MOREAU
Um filme de Don Taylor
Colorido
Não aconselhável a Menores de 18 anos

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
14.15, 16.30, 19 e 21.45
Louis de Funés no seu melhor filme!
O GENDARME E OS EXTRATERRESTRES
Não acons. men. 13 anos

ZODÍACO Tel. 681117
Av. Pedro Álvares Cabral, 37
SESSÕES: 13, 15, 17, 19 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
GRAÇAS A DEUS É SEXTA FEIRA
com Donna Summer Os Commodores
8.ª semana

teatros

Lisboa

PALACIO GALVEIAS — «Tragedia Infantil», às 21 45 (13 anos)
ABC — «Direita volver», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
VARIEDADES — «Felizardo e C.ª Modas e Confeções» ś 21.30
ÁDOQUE — «1926 — Noves Fora Nada», às 21.45
MARIA VITÓRIA — «E tudo S. Bento levou» às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO DA GRAÇA – «Feliz Natal Avozinha», às 22.00 (13 anos)
MARIA MATOS – «A Família», às 21.30 (13 anos)
COMUNA – «Perdidos Numa Noite Suja», às 21.45 (13 anos)
D. MARIA II – «As Alegres Comadres de Windsor» (13 anos)
MONUMENTAL – «Um Zero à Esquerda», às 21.15 (13 anos)

Outros Espectáculos
Lisboa

CINEARTE — «Os mais selvagens do Oeste» às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Sexo na Ribalta» 19, 21 e 23 (18 anos)
OLÍMPIA – «Prazeres Raros», sessões permanentes (18 anos)
PROMOTORA – «Ladrão que Rouba Ladrão», às 21.15 (13 anos)
LUMIAR – «Harry, o Implacável», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «S.O.S. Submarino Nuclear», às 21.30 (13 anos)
PARIS – «Piranha», às 21.30 (13 anos)

outros cinemas

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Duas Almas, Dois Destinos», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «A Grande Ameaça», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Superman», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Superman», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Superman», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Os 39 Degraus», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Ashanti», às 21.15 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «As Mulheres de Prazer dos Campos Nazis», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «A Agressão», às 21.15 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «A Música é Outra, Maestro», às 21.15 (13 anos)

Outra Banda

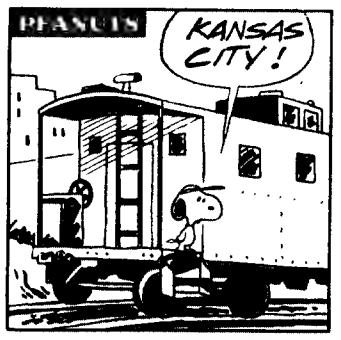
ALMADA – Incrível – «Providence», às 21.15 (18 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «Veredicto», às 21.15 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Sou Tímido mas Ando a Tratar-me», às 21.15 (6 anos)

POVOA DE ST. ADRIÃO – S. José – «Hooper, o Maior Duplo do Cinema», às 21.30 (13 anos)

Porto

CHAPLIN – «Inserts», às 21.30 (18 anos)
BATALHA — «Os executores» às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA — «Alô Lisboa, daqui Porto» às 20.30 e 23 h. (13 anos)
TRINDADE – «California Suite» 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS — «Funeral Assassino» às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO — «Terramoto», as 21.30 (18 anos)
LUMIERE — «O Expresso da Meia-Noite», às 21.45 (18 anos)
LUMIERE — Sala A «A grande carrapata» às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO – «A Ilha do dr. Moreau» 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «A Bomba nas Manobras», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «SHARAHT Retrato de uma Jovem Alcoólica», as 21.30 (13 anos)
Coliseu – «Jesus de Nazaré» 1.ª parte 21.30 (Todos).
Estúdio – «A Verdadeira História de Bruce Lee», às 21.45 (13 anos)
FOCO – «Jesus de Nazaré» (2.ª parte) 21.30 (13 anos).
OLIMPIA — «Orgias Loucas», às 21.30 (13 anos)
Passos Manuel – «Jesus deNazare» (2.ª parte) 18.15, 21.30 (13 anos).
CARLOS ALBERTO – «Os Olhos de Laura Mars» 21.45 (18 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente



DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

- ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO, 165-1.º TELEFONES 68681/2/3
- REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TECNICOS

RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5 320271/2/3 320220 372/81/2
PUBLICIDADE 366749

- SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21)

PORTEIRO 321154
MENSAGENS GRAVADAS 320275

- ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIÁRIO LISBOA TELEX 12363 LISBOA PORTUGAL
- DELEGAÇÃO DO PORTO RUA DO ALMADA 38 2.º TELEFONES 29054/5

EM LEIXÕES

Estivador vítima de queda mortal

PORTO, 24 – Vítima de uma queda a bordo do vapor «Uganda», que se encontra atracado ao porto de Leixões, o estivador Sebastião António Mateus, de 59 anos, casado, natural de Matosinhos, chegou já sem vida ao Hospital de Santo António.

Assalto a hotel de Ofir

PORTO, 24 – Dois indivíduos armados, um de G-3 e outro de pistola, que se faziam transportar num automóvel de cor clara, assaltaram cerca das 2 h 30 m da madrugada de ontem, a recepção do Hotel de Ofir.

Em pouco mais de 4 minutos os assaltantes rebuscaram todas as gavetas, de onde apenas lograram retirar cerca de 1500$00, dinheiro proveniente de chamadas telefónicas.

Posteriormente, a GNR de Esposende esteve no local e participou o caso à PJ, que iniciou já as investigações.

Parlamento infantil criado na Turquia

Foi ontem fundado em Ankara o primeiro Parlamento Infantil, em que participam crianças de vários países, incluindo socialistas e do Terceiro Mundo.

O Parlamento Infantil, que nasceu naquela cidade da Turquia por convite do Governo turco, pediu na sua primeira declaração a paz e a unidade do Mundo.

O acontecimento constituiu o ponto culminante da Festa Nacional da Criança, integrada nas comemorações do Ano Internacional da Criança e da libertação da Turquia, há 59 anos.

Menor desaparecida

Ausentou-se de casa de seus pais Cristina Maria de Oliveira Ferreira, de 14 anos. O desaparecimento verificou-se no passado dia 17 da Rua da Esperança 146 – porta 4 Convento das Madres, Madragoa, Lisboa. Qualquer informação poderá ser dada aos postos da GNR e PSP de todos os pontos do País e à Polícia Judiciária de Lisboa, Porto e Coimbra.

FROTA PORTUGUESA DO ALTO

Vinte e dois arrastões vão para os bancos da Mauritânia

A frota pesqueira portuguesa que vai operar nos bancos da Mauritânia deverá iniciar a sua partida para os mares daquele país nos próximos dias (entre quinta-feira e o dia 4 de Maio), por forma a começar a sua faina antes de meados do próximo mês. Para o efeito procede-se presentemente ao apetrechamento dos navios (17 das empresas nacionalizadas, CPP e SNAPA, e 5 do sector privado, particularmente das áreas de Lisboa e de Aveiro) e às diligências necessárias com vista ao pagamento à República Islâmica da Mauritânia das importâncias relativas à liquidação das licenças e dos encargos assumidos em relação à COMAPOPE (Sociedade Mista Mauritana-Portuguesa).

Enquanto o Banco Central daquele país não receber a confirmação do pagamento das licenças os 22 arrastões (com 594 homens) portugueses não poderão actuar no mar do Cabo Branco. Entretanto, o acordo agora negociado prevê uma redução em quatro barcos relativamente ao anterior (1976), e vigorará até fins de 1980. Continuará assim aquele, que caducou em Junho deixando a frota do arrasto da Mauritânia paralisada a partir de 15 daquele mês do ano findo. A arqueação bruta dos arrastões inscritos para esta nova etapa é de 10 mil toneladas.

Segundo os termos do acordo, assinado em Nouakchott em 21 de Março último, Portugal compromete-se a suportar o saneamento económico, financeiro e técnico da COMAPOPE, medida que tem como objectivo tornar rentável aquela empresa mista mauritano-portuguesa. Implica tal que o Governo de Mota Pinto terá de colocar ao dispor da empresa mais de 25 mil contos, para além de ter de pagar uma multa de cerca de 55 mil contos pelo não cumprimento do acordo de 1976.

Os barcos nacionais, aos quais serão concedidas licenças de pesca por um ano para as águas territoriais da Mauritânia, terão de desembolsar 200 dólares por tonelada de arqueação. Por outro lado, serão concedidas dez licenças para embarcações de redes de emalhar contra o pagamento de 140 dólares por tonelada de arqueação bruta e por ano.

PARA A POLÍCIA JUDICIÁRIA

Regadas "é segredo de justiça"

Um «assunto em segredo de justiça», foi como a Direcção-Geral da Polícia Judiciária classificou, esta manhã aos jornalistas, o caso de Júlio Regadas, sobretudo no que se refere à busca que teria sido passada à sua residência, em Ermesinde, na última sexta-feira, e ainda ao seu possível envolvimento em quadrilhas internacionais, dedicadas à prática de crimes de direito comum, já que até agora, como se sabe, aquele agente da PJ é um dos réus no caso da rede bombista.

Entretanto, Júlio Regadas, que a princípio se julgou ter fugido para o estrangeiro, após a anulação da sentença do julgamento da rede bombista pelo Supremo Tribunal Militar, na última sexta-feira, esteva ontem na Redacção do «Jornal de Notícias» no Porto onde teve oportunidade de confirmar a busca à sua residência, onde lhe teriam sido apreendidos, entre outros documentos, um postal de boas-festas de Angelo do Nascimento, mais conhecido nos meios do contrabando e das forças de direita por «Angelo da Peixeira» ou «Angelo de Trancoso». A respeito do seu presumível envolvimento nas quadrilhas internacionais, Regadas afirmou ter-se limitado a arranjar uma pessoa que lhe guardasse dois automóveis em Tui (Espanha) um dos quais passado ilegalmente para Espanha por um seu amigo detido em Lisboa.

Sobre a reacção que teria experimentado após a realização da busca, Regadas limitou-se a afirmar não ter ficado impressionado, já que «não tem nada a esconder».

Sectarismo de alguns dirigentes critiado pela UDP

Num comunicado da Comissão Permanente do Conselho Nacional da UDP, são criticados dirigentes daquela organização pelo seu «envolvimento público» no caso do jornal «Voz do Povo», onde «assumiram posições sectárias que abusivamente desviam o jornal do seu justo carácter independente e progressista».

O comunicado sublinha que os acontecimentos vindos a público, «que dão uma imagem errada do que se passa na UDP, dizem apenas respeito ao PCP(R)». O documento explica que aquela organização não é um partido comunista mas sim «uma organização muito mais ampla, onde têm lugar pessoas com diversas opiniões e ideologias unidas por um projecto revolucionário comum».

Apesar de reconhecer que «as divergências e posições políticas diferentes, desde que discutidas dentro do espírito e dos métodos de uma organização ampla e revolucionária, nunca foram nem devem ser motivo para divisões, expulsões ou cisões», a Comissão Permanente sublinha no entanto que «não poderão ser admitidas no seio da organização a existência de práticas ou posições que visem a própria liquidação da UDP. Da mesma forma não serão permitidas as violações da disciplina interna ou a instauração de uma prática burguesa de guerra de tendências, sem respeito pelos princípios revolucionários de manter no interior da organização».

Entretanto, segundo os trabalhadores do jornal, a «Voz do Povo», cujas instalações foram ocupadas por militantes do PCP(R) continuará a sair regularmente. Em conferência de Imprensa, João Carlos Espada, director daquele semanário, disse que este não pertence ao PCP(R), mas a uma cooperativa de jornalistas.

19 horas para recolocar perna "presa por um fio"

Demorou 19 horas a recolocar a perna de um jovem de 18 anos, vítima de um acidente de viação que quase o amputou. A perna, fracturada pelo meio, ficou ligada apenas por uma pequena película de pele. A melindrosa operação foi realizada ontem por uma equipa médica dos Hospitais da Universidade de Coimbra, onde, há cerca de dois anos, estão a ser praticadas com êxito técnicas avançadas de microcirurgia.

O jovem atropelado, Ezequiel Fernandes Furtado, residente em Pinhal Novo, recebeu os primeiros tratamentos no Hospital de Setúbal, sendo depois transferido para Coimbra num helicóptero da FAP e com a perna metida numa caixa de gelo.

De referir, entretanto, que o dr. João Patrício é diplomado com o grau de «maitre de conférence agregé» da Universidade de Paris, mas tem sido negada, em Portugal, a equiparação ao doutoramento.

Três detenções e diamantes apreendidos

A Polícia Judiciária apreendeu durante a semana passada grandes quantidades de diamantes e cheques no valor superior a 4 milhões de escudos, tendo detido, durante aquele período, três pessoas «envolvidas no mercado negro de divisas», cuja identidade não revelou.

Em comunicado ontem difundido, a PJ revela que actuou contra alguns escritórios na zona da Baixa de Lisboa, «criados só para o mercado negro de dinheiro estrangeiro» e que fez algumas intervenções em plena rua.

Morreu Maurice Clavel

Vítima de crise cardíaca, morreu ontem na sua casa de Asquins (sudeste de Paris), o escritor francês Maurice Clavel, que contava 59 anos.

Diplomado pela Escola Normal Superior, Clavel foi professor de Filosofia em Paris, iniciando-se na actividade jornalística a partir de 1944. De 1955 a 1960 foi editorialista do jornal «Combat» e colaborou regularmente no «Nouvelle Observateur» desde 1964.

Foi autor de várias peças de teatro, entre elas, «La Terrasse du Midi (1947) e de numerosos romances como «Une Fille pour L'Été» (1957), «Le jardin de Djemilla» (1958), «Le Temps de Chartres» (1960) «La prupre de Judée» (1967), «La perte et le fracas» (1971), «Le tiers des étoiles» (1972 – prémio Medicis) e «Combat, de la Resitance a la revolution (1973).

Escreveu ainda vários ensaios: «Combat de franc-tireur pour une liberation» (1969), «Les paroissiens de Palente» (1974) e «Deux siécles chez Lucifer».

LISBOA, VERBO AMAR

Destino para um corpo

Se estiveres com um regressado de Angola, já sabes: não passará um minuto sem que a palavra Angola venha ao de cima. Podem falar do clima, das flores, da matemática, da saúde dos filhos, das dificuldades no trânsito, podem falar não importa de quê: toda a falta de pretexto serve de pretexto para se falar de Angola, para alimentar o bichinho da saudade que dói, dói, e que, doendo, consola. Angola.

– Um dia vou voltar – diz este amigo, recente, mas de coração tão forte, que veio a transformar-se em qualquer coisa como um amigo de infância. Sendo certo que a nossa infância dia após dia se reorganiza.

Um dia vai voltar. Ver os amigos que ficaram, tomar o contacto com os seus livros, as coisas que revestiu, ao longo dos anos, com a sua pele. Um dia vai respirar livremente, vai colaborar na construção do futuro angolano.

Tem lá a sua casa. A casa onde mora o seu passado com todas as sombras, todas as angústias e também com a presença viva de felicidade. E um dia, quando chegar a hora final...

– Bem – diz com um sorriso – o meu pai mandou lá fazer um jazigo. Coisa monumental, caramba! Isto, mais ou menos.

E com o braço ocupou a sala toda. Atirou uma cigarrada nervosa para longe, como se espantasse um bando de pássaros incómodos.

– Que para mim, isso não tem a mínima importância. Se eu ainda fosse capaz de pedir alguma coisa, só pedia que atirassem o meu corpo à baía de Luanda.

Não. As cartas de amor não são ridículas. Se o fossem, não seriam cartas de amor. Nem as cartas, nem as palavras de amor. Quer se dirijam a um homem, a uma mulher, a uma baía.

MÁRIO CASTRIM

CI condena deliberação da CP sobre distribuição da Imprensa

O Conselho de Imprensa, ao tomar conhecimento de uma deliberação unilateral dos Caminhos-de-Ferro Portugueses (CP) junto dos diversos órgãos de comunicação social escrita, conclui que o esquema proposto «altera substancialmente as condições de distribuição em vigor, criando às empresas dificuldades de ordem económica e administrativa, que, na prática, inviabilizam parte importante da distribuição das publicações através da CP».

O CI entende que tal situação, a concretizar-se, «configura uma preocupante limitação da liberdade de circulação da Imprensa, quer em virtude das elevadas tarifas previstas (mesmo para os menores volumes a despachar), quer pela burocracia exigida para o efeito».

Aliás, tendo sido apresentada oportunamente na Assembleia da República uma proposta de lei sobre as diversas modalidades e medidas de apoio à Imprensa (entre as quais uma sobre o transporte de publicações pela CP), o Conselho de Imprensa considera aquela deliberação extemporânea, entendendo «de toda a conveniência que não seja alterada a situação actual até à publicação da legislação aplicável, prevista naquela proposta».

Presidente do Município de Pombal ameaça vendedores ambulantes com procedimento colonial

«Hei-de fazer a vocês o que se fazia aos pretos em Moçambique» – assim se expressou o presidente da Câmara de Pombal perante vendedores, apoiados por populares, que foram afastados do mercado municipal ao longo dos últimos meses, e que lhe solicitavam solução para o problema, ontem de manhã, às 8 horas.

O Município pretende impedir a actividade de cerca de 30 vendedores que não possuem banca fixa no mercado. Acentue-se que esses trabalhadores são os mais antigos a trabalhar em Pombal, onde já vendem há mais de trinta anos: começaram por ser obrigados a sair da praça velha, tendo vindo a montar pequenos postos móveis de venda. A partir de certa altura, no entanto, surgiram as multas e a interdição de venda.

Tal foi o apoio dos populares aos vendedores que o presidente do Município, retornado das ex-colónias, teve de ser evacuado por um destacamento da GNR. A indignação era grande, uma vez que o presidente da Câmara e um vereador que lhe é afecto têm vindo a executar uma política de protecção a comerciantes bem instalados e que não suportam a concorrência dos vendedores acima referidos. Segundo a GNR, com quem esta manhã contactá-mos, o próximo mercado efectua-se na quinta-feira. «Aguarda-se – disse-nos um elemento da corporação – que a Assembleia Municipal se pronuncie sobre a situação dos vendedores lesados».

EM MATOSINHOS

Meia tonelada de porco imprópria para consumo

PORTO, 24 – Carne de 12 porcos com 468 quilogramas de peso, armazenada em frigoríficos há cerca de 10 meses, não foi distribuída pelos talhos de Matosinhos pelo facto de as autoridades sanitárias a terem considerado imprópria para consumo, ordenando a sua queima.

Estas carcassas de porco fazem parte de um lote de 13 toneladas (mais de 300 carcassas) pertencentes a um comerciante de Mangualde. Segundo parece, as reses estragaram-se, ou porque não eram muito saudáveis quando abatidas ou porque foram mal embaladas ou mal congeladas. Resta acrescentar que as restantes carcassas vão ser também sujeitas a exame e tudo indica que estejam igualmente deterioradas.

Isto acontece numa altura em que as magras economias das donas de casa não chegam para comprar um simples pé de porco.

(Hoje 32 páginas)

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO

Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 17/79
Terça-feira, 24 de Abril de 1979

As dificuldades com o abastecimento de papel, que nos obrigam a uma severa austeridade, e o relevo que quisemos dar neste número do «Diário de Lisboa» à passagem do 5.º aniversário do 25 de Abril forçaram-nos a publicar este «Exclusivo» apenas com quatro páginas, pelo que solicitamos a compreensão dos nossos leitores.

UGANDA

Os delírios de um humilhado

■ **Jean-Claude Pomonti**

□ **Le Monde**

Sua excelência o «field-marshal» Al-Hadji Idi Amim Dada, presidente da Segunda República do Uganda, doutor **honoris causa** da Universidade de Ma[illegible]re, de que era chanceler, fez-se durante muito tempo, mesmo quando nos «enviava uma image[illegible] ormada de nós próprios», como o disse Barbet-Schroeder, produtor de um famoso «auto-retrato» filmado do «maior chefe do Estado do mundo». O antigo sargento dos **King's African Riffles** foi promovido a «rei negro» em consequência de uma descolonização britânica falhada. É de crer que as elites

Idi Amin

africanas se adaptaram a ele durante longo tempo, visto que aquele que afirmava que «nunca se chega tão depressa como uma bala de espingarda» foi eleito em 1975 para a presidência da Organização da Unidade Africana. «Um assassino, um opressor, um fascista negro e um admirador confesso do fascismo», protestara então o presidente tanzaniano Julius Nyerere. Em vão.

Os britânicos não pensavam muito mal de Amin quando no dia 25 de Janeiro de 1971, durante uma ausência do presidente Milton Obote, o então chefe do Estado Maior-General tomou o poder em Kampala. Unanimidade quase total da imprensa inglesa: o antigo boxeur seria decerto mais «manejável» do que o seu predecessor. No dia 5 de Fevereiro seguinte Londres reconhece oficialmente o seu regime. A burguesia autóctone e os comerciantes indo-paquistaneses julgam poder respirar: a «volta à esquerda» anunciada por Obote termina em derrapagem: as nacionalizações já não irão realizar-se.

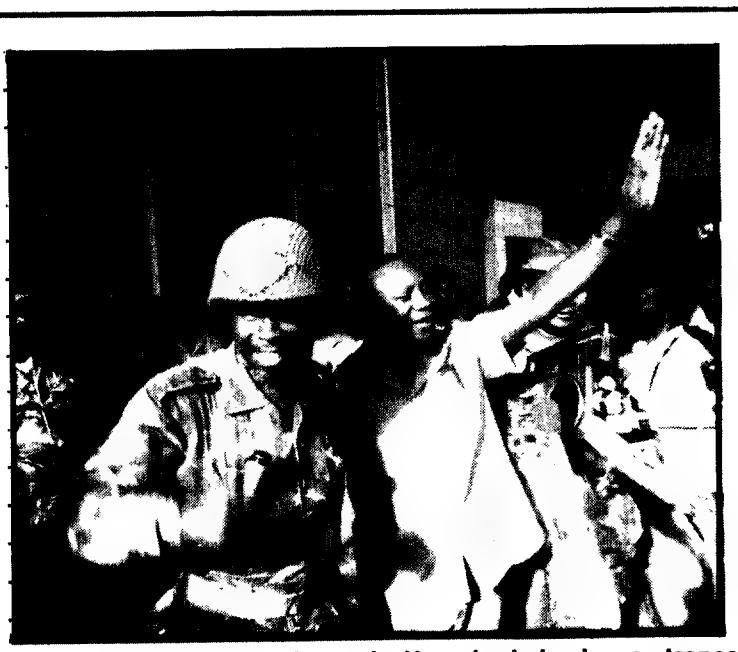
Na altura é o próprio Amin que conduz o seu jeep nas ruas de Campala: «Não sou um político mas um soldado profissional. Sou um homem de poucas palavras e sempre fui breve durante a minha carreira profissional», confessa com ar bonacheirão ao tomar o poder. «Desde então nunca mais se calou», diria o seu primeiro e severo biógrafo, David Martin. Entretanto, os massacres começaram.

Na foto podem vêr-se os corpos de diversas vítimas das brutalidades de Amin.

Uma política do terror

No fim de 1971 quinhentas e cinquenta e cinco pessoas são assassinadas na prisão de Mutukula: o primeiro grande morticínio. Um ajuste de contas? Os telegramas e as declarações de «Big Daddy» fazem as delícias da imprensa ocidental. O terror que se instala no Uganda torna-se mais discreto. Cadáveres que flutuam no Nilo, políticos brutalmente eliminados, valas cheias de cadáveres, algumas execuções públicas: estará Amin a vingar-se? É cada vez menos certo. Com o auxílio da União Soviética equipa o seu ex-

▶2



Yussef Lule, novo presidente do Uganda, ladeado por tropas tanzanianas, é saudado pela multidão nas ruas da capital de Kampala

A política do Uganda será de não-alinhamento

A revista «Afrique-Asie» publica no seu número de 16 de Abril uma entrevista de Yusuf Lule. O presidente do FNLO declara entre outras coisas:

«Os países progressistas africanos principalmente a Tanzânia e os outros países da «primeira linha», apoiaram-nos e continuam a dar-nos uma ajuda preciosa que de boa vontade aceitamos porque ela se inscreve no quadro da luta comum que os povos africanos devem efectuar contra o imperialismo e todos os ditadores sanguinários que ele apoia e que ele arma.

Mas, ao contrário do que uma certa imprensa pretende, não é o exército tanzaniano que está a libertar o Uganda: quem está a libertá-lo são as forças ugandesas livres, são os nossos soldados, é o nosso povo (...).

Tenta-se transformar essa libertação do Uganda numa «guerra de religião». Isto é falso e é estúpido. Toda a gente sabe que os muçulmanos representam entre 5 a 10 % da população ugandesa e que há muitos muçulmanos entre os generais e os coronéis que se juntaram a nós.

De resto, consideramos o regime de Idi Amin Dada anti-muçulmano. Com efeito, como o disse o próprio presidente Kadhafi, o islão nunca defendeu nem autorizou os massacres, a repressão, a arbitrariedade ou a tortura (...).

O islão nunca foi tão terrivelmente caricaturado como por Idi Amin Dada, que acabará no caixote do lixo da história...

– Qual será a política do regime que o FNLO vai instalar em Kampala?

– Será um regime que respeitará os direitos dos povos e dos homens. Um regime que vai adoptar uma política de não alinhamento, que militará pelos direitos dos colonizados, oprimidos e explorados, quer se trate de palestinianos, ou de naturais do Zimbabwe ou da Namíbia, de sul-africanos ou de saraouis». ●

Bastaram cerca de oito minutos para Begin e Sadat assinarem, sob o olhar protector de Carter, um Tratado de Paz que põe formalmente fim às hostilidades entre Israel e o Egipto.

Mas as vivas críticas dos palestianos e as retaliações dos países arábes reunidos em Bagdad, em relação ao Cairo mostram que este acordo separado sairá caro ao presidente egípcio, que através dele rompeu a frente de solidariedade árabe.

"PAX AMERICANA" NO MÉDIO ORIEN

Os subterrâ

■ **Alice Nicolau**

□ **Especial «DL»**

Um dia, quando a maior parte de nós já não existir e quando os raros sobreviventes tiverem perdido de todo a memória útil dos acontecimentos de agora, as chancelarias tornarão públicos os documentos secretos do nosso tempo. Conhecer-se-ão na altura os subterrâneos do tratado de Camp David, as razões por que Sadate do Egipto e Carter dos EUA embarcaram com Begin de Israel num acordo tão aparenetemente pantanoso como este que foi assinado numa tarde primaveril nos jardins da Casa Branca, no ano da graça de 1979. Mas quando tudo isso vier a lume, quem estará cá para reconstituir o «puzzle» e ficar com a verdade pura nas mãos? A tarefa incumbirá aos historiadores, mas esses, é sabido, tratam dos acontecimentos com a frieza dum médico legista. Aquilo que eles revelarem perdeu em definitivo a possibilidade de actuar nos acontecimentos. Quando as verdades de hoje forem descobertas, não poderão já mudar o rumo da história: serão elas a história.

Apesar de tudo, se estivermos atentos aos pequenos pormenores e se compulsarmos jornais de há alguns anos, poderemos penetrar nos redutos da verdade. Folheando, por exemplo, edições do jornal «Le Monde» de Outubro de 1973, descobriremos como o presidente egípcio já nessa altura em plena guerra tinha traçado o rascunho dos acordos agora assinados.

Como muitos se recordarão, os EUA e a URSS convocaram, durante o conflito uma reunião do Conselho de Segurança da ONU, da qual saiu a resolução 338 de 22 de Outubro de 1973, onde se fixavam os princípios a que devia obedecer o cessar-fogo e que orientariam as posteriores negociações entre as partes beligerantes (Israel, por um lado, Síria e Egipto, por outro).

A resposta síria a esta resolução foi muito breve, mas muito clara. Dizia em suma, que Damasco aceitaria as negociações de paz, nos termos da resolução em causa, desde que esta implicasse a retirada total das forças israelitas dos territórios árabes ocupados em Junho de 1967 e ulteriormente e desse garantias quanto aos direitos nacionais legítimos do povo palestiniano, em conformidade com a ONU. Significa isto que a Síria deixou bem clara a sua interpretação da resolução 338.

Em contraste com esta clareza o Egipto, numa declaração retórica, escusa-se a fornecer qualquer interpretação do texto limitando-se a aceitar o cessar-fogo. É certo que na sua resposta o Cairo afirma que a retirada israelita de todos os territórios árabes seria «base indiscutível de toda a acção política», mas isto é deixado muito no vago e era o mínimo exigível pelas circunstâncias de então. No restante, o texto da resposta egípcia é particularmente significativo: louvando embora «a acção heróica das FFAA árabes», o Egipto assinala como verdadeira lição do conflito o ter ele «quebrado o impasse em que se encontrava a situação no Médio Oriente» e ter «modificado o mapa político da região», adiantando que se entrava assim «numa primeira fase de nova época decisiva da luta árabe e egípcia».

UGANDA

1 ➧

ército, e duplica-lhe os efectivos em menos de quatro anos. Promoções e liquidações em série permitem-lhe controlar razoavelmente bem os oficiais. A **State Research Unit** transforma-se numa verdadeira polícia paralela do regime, à imagem dos «tontons macoutes» de Duvalier. O Uganda mergulha no terror e no caos.

Há muito que Amin brinca com o fogo. Em 1962 evitou à justa o tribunal marcial. Um «raid» dos **King's African Riffles** numa pequena aldeia da região dos Tukanas, permitiu que algumas armas fossem recuperadas. Mas a unidade encarregada da operação – comandada pelo tenente Amin – deixou vestígios sangrentos: foi descoberta uma vala com cadáveres e testemunhas falaram de torturas. Os seus superiores britânicos querem um processo.

O primeiro-ministro Milton Obote recomenda «uma severa reprimenda».

O jovem oficial já tinha reputação de brutalidade durante a repressão dos Mau-Mau no Quénia e durante o desarmamento dos guerreiros Karamajong, no Uganda. Mais tarde será suspeito (devido a documentos apreendidos ao mercenário Rolf Steiner) de cumplicidade no levantamento dos Anyanyas, no Sul do Sudão, onde esteve por duas vezes na companhia de oficiais israelitas. Quando em 1969 o presidente Obote foi gravemente ferido num atentado,

Amin desaparece durante algumas horas. O general Okoya, amigo de Obote, que acusou Amin de ter fugido, será assassinado duas semanas depois, com sua mulher.

Todos subestimaram este grande diabo que começou a sua carreira em 1946 como ajudante de cozinheiro. «Um bom tipo mas fraco no que diz respeito a matéria cinzenta», diriam mais tarde os seus oficiais britânicos. «Tinha um carácter simples e firme. Veio ao palácio e vi-o jogar o boxe com eficácia», escreveu antes de morrer no exílio o antigo kababa (rei) dos Bagandas, cujo palácio foi saqueado em Fevereiro de 1968 pelos soldados do coronel Amin. Quando os presumíveis assassinos do general Okoya acabaram por confessar que tinham sido pagos por um oficial da força aérea enviado pelo general Amin, Obote não deixa de comparecer, como estava previsto, à conferência de Commonwealth. A 10 de Janeiro de 1971, na véspera da partida, convoca Amin para lhe dizer que, no seu regresso, o general deverá explicar o fim que levaram certos fundos do exército – a bagatela de 2.500.000 libras, – e por que razão as armas dos arsenais militares tinham caído nas mãos dos Kondos, esses ladrões do Uganda. O presidente nunca teria oportunidade de obter uma resposta. Sem que Obote se desse conta, o general Amin, ao sentir-se ameaçado, decidiu tomar o poder.

Sempre alerta

Gigante de ar bonacheirão mas sempre alerta, Amin é um marginal no choque entre dois mundos que se excluem um ao outro. É ao mesmo tempo a sua sorte e a sua fraqueza. Pertencente a uma pequena tribo núbia e à minoria muçulmana do seu país – uns 5% da população – anda primeiro atrás da mãe, que, por sua vez, segue as guarnições e passa por feiticeira. Só em 1958 Amin encontra pela primeira vez o pai. Vende bolinhos nos mercados enquanto não entra para ajudante de cozinha num quartel e não se torna conhecido no boxe (será nove vezes campeão do Uganda, na categoria de pesados). No exército aprende o swa-hili, um pouco de inglês e qualquer coisa de árabe. Desconfiará sempre dos intelectuais, dos burgueses, dos aristocratas. Mandará prender a jovem e bonita princesa Elizabeth Bagaya de Toro que lhe serviu de ministro dos Negócios Estrangeiros acusando-a de «ter tido relações sexuais com um estrangeiro desconhecido nos «toilettes» do aeroporto de Orly».

Cidadão de terceira classe por ser Knakwa e muçulmano, Amin tornar-se-á uma espécie de herói nos meios africanos e mesmo entre os negros da América: concorrem para isso a sua virilidade, a sua estatura imponente, as suas cinco mulheres, o seu prestígio de guerreiro. O humilhado troça abertamente do branco. Depois expulsa do Uganda a comunidade asiática – de resto pouco popular –, dá conselhos ao presidente Nixon sobre o caso Watergate e explica aos árabes como poderão ganhar a guerra de Kippur, ao mesmo tempo que se diz disposto a invadir a África do Sul. No Uganda, o seu pequeno exército de guardas – formado na sua maioria por sudaneses do Sul – aterroriza a população. De resto, na África negra, as massas populares apreciam o caminho percorrido pelo homem que podia ter continuado a ser o criado inculto e submisso dos bwanas, os «patrões brancos».

Os atentados multiplicam-se e Idi Amin tem reflexos de pânico. Em meados de 1976 sofreu duas humilhações sucessivas e muito graves. Durante um atentado à granada, no centro de Campala, Idi Amin não é ferido, mas, desta vez, não consegue abafar o caso. Um mês depois os israelitas fazem o seu **raid** ao aeroporto de Entebe. Idi Amin é ridicularizado.

Este fracasso dá origem á novas repressões. Primeiro na universidade, depois contra os emigrantes quenianos. Idi Amin também se volta contra a polícia, contra os militares, contra a igreja anglicana, os Acholis e os Langis. Em toda a parte julga ver a subversão. E e sempre o primeiro a atacar. Quer obedeça ou não às ordens do seu posto de comando, a polícia secreta do regime estende-se pelos campos. Depois de no dia 25 de Julho de 1976 terem rompido as suas relações diplomáticas com o Uganda, os britânicos impedem o marechal de assistir à conferência da Commonwealth que um ano mais tarde se reúne em Londres. Entretanto eram assassinados um arcebispo anglicano e dois ministros. Estes assassinatos indignam a opinião pública, mesmo em África, onde a conferência das Igrejas lança uma campanha contra o marechal Amin. Segundo Amnist International foram mortas mais d cem mil pessoas desde o início d regime de Amin. Em Londres, o países da Commonwealth denun ciam o regime ugandês devido « «violação em massa dos direito do homem». Doze Estados africa nos assinam este documento. E Outubro de 1978 o marechal, cú mulo da inconsciência, declar guerra à Tanzânia, cujo territóri invade, violando assim a regra d intangibilidade das fronteiras s guida por todos os chefes de Es tado africanos. Um tal erro seria sua perda.

O marechal ter-se-ia tornado in cómodo? Por que continuavam o soviéticos a armá-lo? Que faziam junto dele alguns «génios maus» ingleses? Amin, que já não sabia para onde se voltar, que ia de humilhação em humilhação, ter-se-ia tornado um fantoche nas suas mãos? Se os seus parceiros africanos se voltaram contra ele, fizeram-no porque ele prejudicava, cada vez com maior evidência, a imagem de uma África que durante algum tempo o considerara um «herói».

A tomada do aeroporto internacional de Entebbe foi um golpe decisivo na resistência dos partidários de Amin perante a força atacante formada por exilados ugandeses e tanzanianos. Na foto podem vêr-se os estragos provocados nas instalações do aeroporto pelos bombardeamentos.

TE

àneos da traição

Esta declaração, interpretada à luz dos acontecimentos posteriores, revela a justeza da opinião daqueles que sempre suspeitaram do ardor belicista de Sadate e das suas proclamações de fé na nação árabe. O que hoje se pode concluir sem margem para dúvidas é que o Cairo, em Outubro de 1973, fez uma guerra, cujos objectivos eram radicalmente diferentes dos que a restante nação árabe se propunha, e que, para isso, se serviu abusivamente da solidariedade dos Estados irmãos. Desde que Sadate subiu ao poder, foi visível que, para ele, a chave da situação no Médio Oriente se encontrava nas mãos de Washington, e toda a sua acção (incluindo a guerra) foi orientada por essa «luz». Recorde-se, aliás, que Sadate aceitou o plano Rogers, tendo previamente esmagado o chamado clã pró-soviético, encabeçado por Ali Sabri, que ele prendeu pouco depois da morte de Nasser.

Para a revista «Afrique-Asie», a guerra desencadeada pelo Egipto, em Outubro de 1973, foi apenas um meio de pressão de que o Cairo se serviu para precipitar as negociações directas com Israel.

Estes propósitos foram, aliás, detectáveis no próprio decurso da operação. Foi a acção síria que fez prolongar a guerra. E foi devido ao Egipto que os árabes acabaram por ficar semiderrotados nessa guerra, iniciada por um ataque fulgurante aparententemente votado a uma vitória clamorosa sobre Israel. Eis o que a este respeito se diz em «Le Journal de L'Année 1974» (Larousse): «Curiosamente, o exército egípcio não tenta, entretanto, tirar proveito de uma situação que lhe é particularmente favorável. Em vez de prosseguir a sua ofensiva através do Sinai (onde as defesas israelitas continuavam a ser vulneráveis) a fim de ocupar Mitla e Giddi, ou mesmo a cidade de El-Arish, (as forças egípcias) marcam passo, depois, de terem estabelecido o seu controlo sobre uma faixa de território de 10 a 20 quilómetros de extensão na margem oriental do Canal do Suez».

O rascunho do tratado

Mais sintomáticas, porém, do que tudo quanto até agora enunciámos foram as declarações proferidas na altura pelo então ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Zayyat, à TV norte-americana. Estas declarações coincidem no tempo com a resposta do Cairo à resolução do CS da ONU e funcionam como um claro complemento da posição cairota. O leitor comum, envolvido na máquina trituradora dos noticiários do dia, poderá tê-las esquecido. Mas as chancelarias do mundo interessado no conflito tomaram-nas certamente em devida nota. Na sua entrevista Zayyat explica que a única coisa que interessa ao Egipto é «reencontrar as suas fronteiras, tais como elas eram na época do mandato palestiniano» (esta frase è **ipsis verbis** a que está no texto do tratado assinado com Israel em 26 de Março deste ano). Nessas fronteiras inclui-se o Sinai e Charm-El-Cheik, mas deixa-se de fora a faixa de Gaza. Por outro lado, foi notado que Zayyat não fez qualquer menção nem à Cisjordânia, nem a Jerusalém, nem aos Montes Golan. Tal como nenhuma alusão fez aos palestinianos. Mas não afastpu uma eventual desmilitarização do Sinai, tendo declarado expressamente que o Egipto se dispõe a conceder a Israel o reconhecimento jurídico e tudo quanto este Estado «queria antes da guerra de 1967».

Em suma: no dia 22 de Outubro de 1973, Zayyat apresentava perante as câmaras da TV norte-americana o rascunho do tratado que Sadate viria a assinar em Washington em Março de 1979.

Tudo o que depois veio a acontecer, deve ser visto sob esta luz. Após a guerra de 1973, era evidente para os analistas internacionais que a situação no Médio Oriente tinha sofrido uma alteração qualitativa. Pela primeira vez, o conflito era debatido numa conferência internacional, patrocinada pelos EUA e pela URSS, no quadro da ONU. Mas mais importante ainda era o facto de a solidariedade do mundo árabe ter passado do mero verbalismo para acções concretas (nomeadamente o recurso à arma do petróleo). A crise de energia, provocada por esse motivo, suscitava uma alteração do equilíbrio de forças entre os dois campos. Israel ficava mais isolado que nunca, e a solidariedade do bloco ocidental sofria uma grave ruptura. A ameaça de ficar sem petróleo exercia sobre certos países ocidentais, dependentes do ouro negro para sobreviverem, uma pressão que os levava a dissociarem-se da política pró-israelita dos EUA.

Passados seis anos, em que ponto nos encontramos?

Lementavelmente, muitas dessas alterações positivas se desvaneceram. A guerra do Líbano e a situação caótica em que o país continua deram a Israel um trunfo valioso. A divisão do mundo árabe foi um dos objectivos visados com essa guerra pelo sionismo e pelos EUA, aliados às forças cristãs libanesas, plano que acabou por ter uma certa margem de êxito. A unidade árabe, reencontrada na sequência dos acordos de Camp David e aparentemente reforçada agora em Damasco, além de precária, é totalmente diversa do panarabismo de 73. Hoje não se exerce em torno do Egipto e da Síria, nhecidos no plano internacional, ganhando um novo amigo de grande monta na área (o Irão) pelas **contra** o egipto, país-chave da guerra anti-Israel. Quanto à arma do petróleo, se ela surte ainda efeitos dissuasores sobre certos países ocidentais não voltará a exercer-se tão cedo com a eficácia destruidora de há seis anos, o que é manifesto por cada reunião da OPEP que agora se realiza. Se o isolamento de Israel é um facto, ele é hoje muito menos grave que há seis anos, porque agora os israelitas ganharam (por enquanto, pelo menos) uma fronteira segura, exactamente aquela que mais ameaçadora foi sempre para a sua sobrevivência Os palestinianos, crescentemente reco-

A assinatura do Tratado de Paz entre o Egipto e Israel provocou manifestações árabes de protesto um pouco por todo o mundo. Na foto pode ver-se uma dessas demonstrações realizada em frente da embaixada do Egipto em Madrid, onde se destaca um cartaz no qual Sadate se chama a si próprio traidor.

deram, no entanto, a barreira do Líbano, o apoio do Egipto, e estão aemaçadoa directamente pelo tratado.

Hoje e amanhã

Afirmar que a causa árabe vencerá, que a paz americana no Médio Oriente é precária e frágil, que os perigos de guerra são hoje talvez maiores que antes do dia 26 de Março, que o imperialismo e o sionismo serão vencidos são verdades indesmentíveis. Mas que só funcionarão a longo prazo e nada nos ensinarão sobre o que realmente se está a passar neste momento.

Por mais que isso nos desagrade, o que efectivamente acontece hoje no Médio Oriente é uma vitória de Israel e dos americanos. Vitória essa absolutamente necessária depois do colapso do regime iraniano. Vitória essa que por algum tempo (quanto?) contrabalança a derrota sofrida no Golfo Pérsico.

Numa importante declaração sobre política internacional, proferida nos fins do ano passado, o secretário norte-americano de Estado, Zbignew Bzerzinski, referia um «arco de crises» que exigia «pronta resposta» norte-americana. Esse «arco» vai da Turquia até Aden, passando por Israel, Egipto e Irão.

O tratado de paz egípcio-israelita é um dos pontos fulcrais da táctica americana para organizar a conspiração imperialista contra os povos abrangidos por esse «arco». A troco de promessas de um «plano Marshall» para o Egipto, os americanos firmam uma aliança militar israelo-egípcia, acompanhada de um pacto de defesa israelo-americano, e garantem, para si, o papel de gendarmes do Médio Oriente.

Os EUA negam veementemente que o tratado separado israelo-egípcio e o pacto que assinaram com Israel, prevejam a presença militar americana directa na região. Ora, segundo o texto do memorando israelo-americano publicado no jornal «Le Monde» de 30 de Março, basta a «ameaça de violação do tratado de paz» para que os EUA «tomem as medidas que julgarem apropriadas» e que poderão incluir disposições «militares», tais como «o reforço da presença americana na região». Mas isto é o que se dá a conhecer a público. Para além destas pontas visíveis do iceberg, existem sempre os acordos secretos, os tais que as chancelarias muitos anos mais tarde tornam públicos, quando eles em nada alteram já os dados da situação.

Mas há que interpretar o verdadeiro sentido dado no memorando israelo-americano à expressão «reforço da presença americana na região». É que muito antes da assinatura desse protocolo, Washington já reforçou substancialmente a sua presença. Assim, e, segundo informações da revista «Afrique-Asie», os americanos dispõem de mais duas bases: uma, no estreito de Ormuz, fornecida pelo sultanato de Omã, outra que vai passar para as suas mãos, a base de Etzion, no golfo de Akaba, cedida por Israel e pelo Egipto. Ao mesmo tempo, está a ser activamente preparada uma V Esquadra que substituirá a Armada iraniana no Golfo e que agirá em conjugação com a VI Esquadra, tendo como ponto de ligação o porto de Haifa. Os territórios árabes ocupados por Israel passarão parcialmente sob controlo americano e o sinai constituirá uma óptima base de desdobramento para um formidável «guarda-chuva» aéreo até ao Irão, a leste, à Turquia, a norte, à Líbia, a oeste, e aos dois lémens, a sul. Não contentes com isto, os EUA fornecem cada vez mais armamento e armamento cada vez mais sofisticado ao lémen do Norte e ao Sudão (fornecimentos esses pagos por Riad). Os sauditas, por seu lado, já receberam dois AWCS, acompanhados de 200 técnicos americanos. Se quiserem, a Casa Branca proporciona-lhes 18 caças F-15.

Aliás os próprios altos funcionários da Administração Carter se encarregam de revelar sem rodeios as intenções intervencionistas do seu país. Recorde-se que tanto o secretário da Defesa, Harold Brown, como o da Energia, James Schlesinger, afirmaram claramente que os EUA estão dispostos a tomar sob seu controlo a situação no Golfo junto dos campos de petróleo e que encaram mesmo a hipótese de uma intervenção armada.

É evidente que a «intervenção armada» é um sonho mais ou menos irrealizável. Mas pode ser concretizado, por aplicação local da célebre doutrina Nixon: os peões americanos no Médio Oriente sujarão as mãos fazendo a guerra contra os seus irmãos.

Temos assim que, poucos meses depois da queda do xá, os EUA marcam pontos no Médio Oriente. Criando uma situação nova? Não. Obrigando Sadate a tornar públicas as linhas com que se cose desde os primórdios do seu mandato. Tornando patente aos olhos árabes, de modo inequívoco e inquestionável, publicitando para todo o mundo, a traição que todos conheciam, mas tentavam fingir desconhecer.

A resposta árabe

Os americanos pareciam contar com a aprovação do tratado pela Jordânia e pela Arábia Saudita. Contavam que essa «dinâmica da paz» levaria posteriormente a Síria a aderir a negociações e ao processo de pacificação sionisto-americana. Temos de reconhecer que, apesar de todos os clamores suscitados por Camp David, a reacção árabe foi na altura menos violenta que depois de 26 de Março. Nessa ocasião, chegou mesmo a parecer que alguns dirigentes da OLP não veriam com muito maus olhos esse processo, onde a Roménia e a Jugoslávia tinham tido o seu papel (ao que parece, importante).

Mas entretanto surgiu um novo dado: o Irão. Para os americanos, a mudança de regime em Teerão acelerou a necessidade de conseguir, a todo o custo, o tratado separado israelo-egípcio. Para os árabes radicais, o regime islâmico surgiu como um reforço. Para os «moderados», como um motivo de inquietas reflexões. Daí que uma precária unidade tenha sido possível em Bagdad e que importantes medidas antiegípcias tenham recebido o necessário consenso.

Mas do que não há dúvida nenhuma é que os países árabes mais intransigentes e os palestinianos saíram semiderrotados dessa reunião. Não conseguiram fazer prevalecer a tese de que não bastaria lesar os interesses egípcios («cauda da serpente», segundo a imagem de Yasser Arafat) mas urgia também atingir directamente os EUA («cabeça» da mesma serpente). Também não conseguiram fixar em termos rigorosos o exacto conteúdo das sanções, deixando a cada país uma larga margem de arbítrio para as decidiram individualmente. **Last, but not least:** quem garante que os clamores anti-Sadat de certos Estados árabes e as atitudes hostis publicamente assumidas, os cortes, as rupturas, não serão anulados por actos subterrâneos?

Estas dúvidas foram claramente expressas pelos palestinianos que puseram em causa a sinceridade saudita.

Qual será realmente, a atitude de Riade?

A esse respeito, parece-nos esclarecedora uma análise que a revista britânica «The Economist» faz da política saudita à qual atribui três objectivos principais: 1) fazer regressar os Lugares Santos Islâmicos de Jerusalém à soberania árabe; 2) manter o mundo árabe, mais ou menos unido, sob a sua liderança; 3) garantir a própria so-

4

PELO MUNDO

JUVENTUDE DA GUINÉ-BISSAU

Terminou na capital da Guiné-Bissau a primeira Conferência Nacional da Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC) que, aprovou o relatório de actividades do Secretariado Nacional Provisório da Organização e adoptou a carta e os regulamentos respeitantes às organizações de base da juventude.

No decurso da conferência, foi ainda eleita a Comissão Nacional da JAAC que ficou composta por 37 membros efectivos e 5 suplentes.

NORUEGA NÃO VENDERÁ PETRÓLEO A ISRAEL

Walter Mondale, vice-presidente dos EUA esteve na semana passada na Noruega.

Durante as conversações com as autoridades norueguesas, foi abordado o eventual fornecimento de petróleo daquele país nórdico a Israel, devido à recusa do Irão em o fazer, depois do derrube do regime do xá.

Nos últimos tempos, com efeito, Washington tem pressionado a Noruega e outros países que extraem petróleo do Mar do Norte para que o vendam a Israel. No entanto, segundo a Imprensa, o primeiro-ministro norueguês declarou, a Mondale que o seu país não tinha possibilidade de exportar petróleo, agora ou no futuro, para Israel.

CONGRESSO DO PARTIDO SOCIALISTA FRANCÊS

Discurso de Michel Rocard durante o Congresso do Partido Socialista Francês. Em segundo plano está François Mitterrand que seria o grande vencedor do Congresso, vendo as suas teses aprovadas por uma confotável maioria, os seus adeptos eleitos para postos-chave e o seu cargo de secretário-geral confirmado pela direcção nele eleita.

NOVA VACINA

Cientistas suíços descobriram uma nova e eficaz vacina contra a febre tifóide, após dez anos de pesquisas no Instituto de Vacinas de Berna. A equipa de cientistas foi dirigida por René Germanier que podemos ver na foto.

POLÍTICA BRITÂNICA

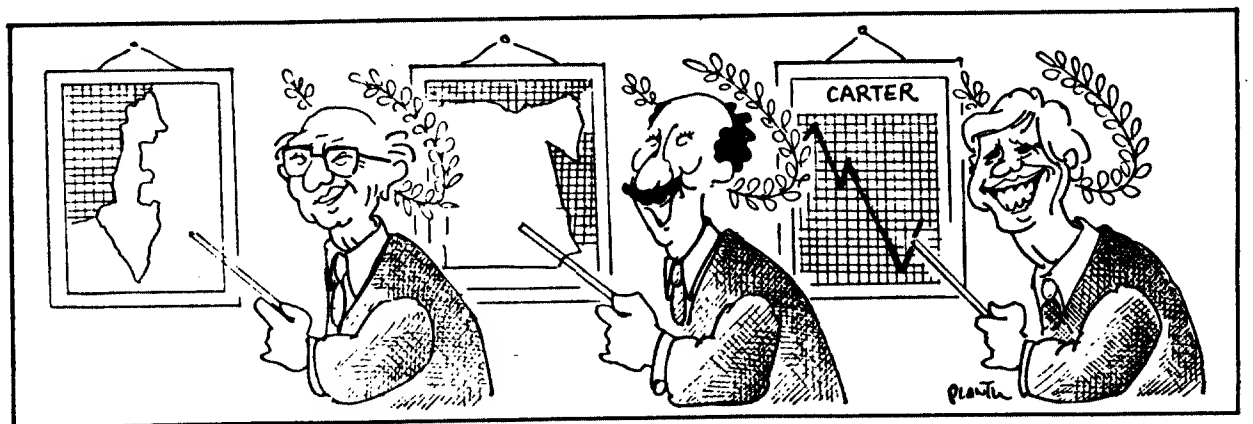
Na foto pode ver-se a dirigente conservadora britânica, Margaret Thatcher com o bispo de Reading, Eric Wild, na Igreja de Santa Maria, durante os funerais do deputado conservador Airey Neave assassinado no edifício da Câmara dos Comuns pelo IRA.

"Pax americana" no Médio Oriente

3

brevivência do regime. Se todos estes objectivos pudessem realizar-se harmonicamente, a Arábia Saudita constituiria um apoio de peso para os «rejeicionistas». Mas infelizmente há grandes contradições entre estes três objectivos, e um único denominador comum para eles: o apoio de e ao regime egípcio. O primeiro objectivo pode ser conseguido, ou por negociações ou pela guerra. Mas a guerra é impossível se o Egipto se recusar a ela (pois os egípcios, só por si, têm efectivos maiores que as forças combinadas sauditas, iraquianas, jordanas e libanesas). A via das negociações carece também do apoio egípcio. Quanto ao objectivo número 2, os sauditas, se entram decididamente pela via do boicote ao Cairo, garantem a liderança de grande parte do mundo árabe, mas isolam-se do mundo islâmico mais próximo deles ideologicamente: Sudão, Omã, Iémen do Norte, entre outros.

Por outro lado, este «revolucionarismo» saudita poderia ameaçar directamente a sobrevivência do regime. Como? Se, em certa medida o boicote ao Egipto, acalmaria os países hostis ao regime saudita («pacificados» por essa aliança de circunstância) faria perder a Riade a importante solidariedade ocidental. E, se o boicote acabasse por derrubar Sadate, a instauração dum novo regime no Cairo poderia virar-se contra a própria Arábia Saudita.



Ora, como atrás vimos, Riade é uma peça fundamental do plano americano de domínio no Médio Oriente, plano esse que tem no tratado israelo-egípcio a sua chave-mestra. Como acreditar que a Arábia Saudita financie e apoie uma parte do plano, rejeitando a sua matriz? Como não admitir a hipótese de os sauditas estarem a desempenhar um papel duplo? Como não ter as mesmas suspeitas a respeito de outros regimes árabes, umbilicalmente ligados aos EUA e francamente atemorizados com os ventos revolucionários que sopram na região?

O pântano e os riscos

Ao patrocinar este tratado, ao envolver-se até ao pescoço em todo este processo, o presidente dos EUA jogou uma cartada arriscada. Mas ninguém pode ser tão ingénuo que acredite na explicação, segundo a qual o presidente dos EUA visou fundamentalmente fins eleitoralistas para «yankees» verem. É evidente que Carter sabe o atoleiro em que se meteu, que Carter não acredita na paz «miraculosamente» surgida dos relvados da Casa Branca. Que Carter tomou em conta toda a série de actos de violência e todo o clamor que estes acordos iriam suscitar.

Mas cada qual põe os pés nos terrenos que pode pisar. E os EUA estão cada vez mais obrigados aos terrenos pantanosos. A questão não está já em garantir o futuro **ad aeternum.** A questão está em garantir, durante o maior número de anos possível, a sobrevivência do **statu quo.** Foi esta a aposta de Carter. E esta aposta, por agora, está ganha.

Até quando?

Se a dinâmica pan-árabe de 1973 tivesse continuado a exercer-se, este tratado nunca poderia ter sido assinado. O facto de o ter sido, prova, por si só, que o mundo árabe não tem, neste momento, condições visíveis para o derrotar.

E decerto em algumas capitais árabes existem condições invisíveis para o apoiar.

Por agora só uma mudança no regime egípcio parece susceptível de alterar os dados da questão. Esse acontecimento teria evidentemente consequências incalculáveis no Médio Oriente, e poderia arrastar, como já se disse, a queda do próprio regime saudita, que muitos observadores consideram, aliás, maduro para certas alterações.

Segundo o comentarista soviético Alexandre Bovine, do **Izvestia,** o Egipto «apresenta os bem conhecidos sintomas iranianos: a instabilidade crescente do regime, a corrupção da burocracia governamental, o luxo dos novos ricos ante o pano de fundo da miséria das massas populares, a pressão dos gastos militares». Estes «sintomas iranianos» decerto se acentuarão com o tempo, quando a prometida ajuda dos EUA se revelar, ou menos vultuosa do que se espera, ou, por mais abundante que seja, tão ineficaz como é costume. Na verdade, uma característica inerente às «ajudas» do capitalismo aos países subdesenvolvidos é a sua total incapacidade para resolver os problemas reais das populações e a sua infernal dinâmica de corrupção, degradação social, e destruição das estruturas básicas desses «protegidos».

A verdade, porém, é que os «sintomas iranianos» passaram desapercebidos para muitos no... Irão. Por isso, talvez a melhor previsão a fazer para o futuro imediato no Médio Oriente seja a de que alguns, num qualquer país da zona, estejam germinando as sementes para afundar o pântano americano-sionista-egípcio. E para anular todos os efeitos maléficos dos documentos secretos que hoje repousam nas chancelarias.

EXCLUSIVO
N.º 17/79

ANO 19.º DOMINGO, 3 DE DEZEMBRO DE 1939 N.º 6118

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor—JOAO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇAO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

A GUERRA NA EUROPA

Combate-se na orla da floresta de Warndt

onde os alemães conseguiram ocupar uma posição francesa, que pouco depois tiveram de abandonar

PARIS, 3—Num combate aereo travado ao anoitecer sobre o territorio alemão, em Ottweiler, foi derrubado um caça alemão e dois outros tiveram de aterrar violentamente, em consequencia de terem sido sériamente atingidos pelo fogo das metralhadoras dos aparelhos franceses.

Na orla da floresta de Warndt, os alemães num assalto de surpresa conseguiram apoderar-se de um posto avançado francês que, segundo parece, foi mais tarde retomado pelos soldados de Gamelin.

Nos «raids» de reconhecimento efectuados ao entardecer pelos pilotos britanicos, estes verificaram que os alemães estão novamente a concentrar importantes efectivos militares na fronteira germano-belga e que a actividade belica ali é intensa, especialmente na região de Aix-la-Chappele.—(United Press).

Comunicado francês

PARIS, 3.—Comunicado de 3 de dezembro, de manhã: «Nada de importante a registar. Apenas algumas acções de artilharia».—(Havas).

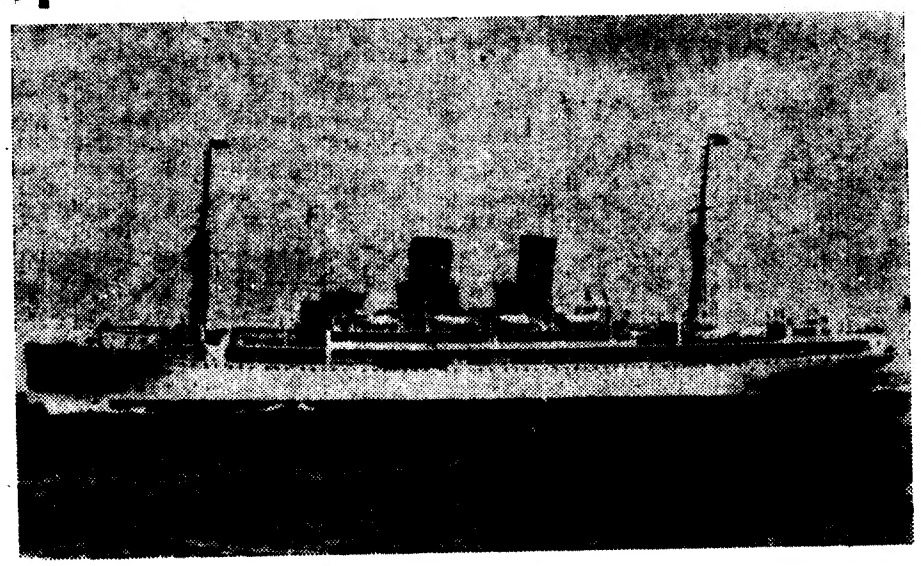
Alarmes aereos

PARIS, 3. — A's 10 e 5 houve alarme aereo no norte da França, o qual durou 20 minutos. Não houve incidentes a registar. — (Havas).

BRUXELAS, 3. — Três aviões estrangeiros sobrevoaram Verviers ontem á tarde a grande altura. Na região de Namur assinalou-se, tambem, a passagem de aviões de nacionalidade estrangeira. — (Havas).

Mais 150 aviões ingleses para França

LONDRES, 3. — Sir Kingley Wood, ministro do Ar britanico, declarou que até o fim do mês corrente serão enviados para França mais 150 aviões de bombardeamento e de combate, que vão reforçar as fôrças aereas britanicas já ali existentes. — (U. P.).



O paquete alemão «Watussi», que saira ha dias de Lourenço Marques e que foi ontem afundado pela sua tripulação ao largo do cabo da Boa Esperança, momentos depois de ser descoberto por aviões da União Sul Africana

Holandesa de Navegação «Rotterdamscher Lloyd» comunica que, devido ao perigo existente para a navegação, o transatlantico «Baloeran» que faz o serviço para o Extremo Oriente e que devia sair para as Indias holandesas em 11 de dezembro, não fará a dita viagem. — (D. N. B.).

Prisão de um informador dos submarinos alemães

HALIFAX, 3. — A Policia prendeu Allan Findlay, professor universitario, por ter dado ao inimigo informações sobre movimentos de navios. Parece que comunicava com o inimigo por intermedio da Dinamarca. Havia já tempo, de resto, que a Policia procurava o autor de informações que os submarinos alemães tinham para os seus ataques contra diversos cargueiros.—(Havas).

O protesto sueco

ESTOCOLMO, 3.—O governo sueco apresentou em Londres e em Paris um protesto contra o sequestro das mercadorias de exportação alemãs a bordo dos navios neutrais. — (United Press).

O Reich não pode

satisfazer certos compromissos

BUENOS AIRES, 3 — A Alemanha comunicou, oficialmente, á Argentina que, em consequencia da guerra, não está em condições de satisfazer os compromissos tomados quanto ao intercambio de material ferroviario alemão e de produtos argentinos.—(U. P.)

A posição da Italia

perante a guerra

ROMA, 3.—(Do correspondente especial da United Press, Reynold Packard).—Os circulos autorizados fascistas interpretam o anuncio do governo italiano acêrca do numero de homens que se encontram nas fileiras como a indicação definitiva do Duce de que a Italia continuará neutral.

Tudo parece tambem indicar que a Italia se aproxima mais da França, a avaliar pela forma calorosa como alguns jornais italianos defendem a posição francesa perante a actual guerra europeia.

O orgão de Mussolini «Popolo di Italia», em editorial, acusa a Inglaterra de dominar o bloco dos países aliados e de olhar uniea e exclusivamente para os seus interesses, esquecendo-se da França e da importante posição que ela representa nesta guerra.

Aquele jornal acrescenta: «A Grã-Bretanha toma as deliberações que julga convenientes e de maneira a assegurar os seus proprios interesses e, como recompensa á França, concede-lhe apenas a honra de combater. Não resta a menor duvida de que, ao lado dos aliados, é a Inglaterra quem dá ordens e quem toma iniciativas desde o começo da guerra».

São bastante significativos os violentos e continuos ataques que desde ha algum tempo a esta parte se vêm registando na Imprensa italiana contra a Russia, os quais redobraram agora de intensidade com a invasão da Finlandia.—(United Press).

A SUECIA

sondada pelo Reich?

LONDRES, 3—Segundo o corresponte diplomatico do «Sunday Dispatch», a Alemanha propôs á Suecia a conclusão dum pacto de não-agressão, pedindo em troca que a maior parte da corrente comercial com a Inglaterra passasse a ser dirigida para a Alemanha. O articulista acrescenta que, em vista do exemplo da Finlandia, a Suecia pode ser levada a ceder. — (Exchange Telegraph).

FRONTERA ALEMÃ, 3. — A respeito das medidas militares da Suecia, o serviço de Imprensa alemão destinado ao estrangeiro distribuiu uma noticia de Estocolmo confirmando que o governo sueco ordenou que se reforçassem consideravelmente as medidas de defesa. Os novos soldados chamados são principalmente dirigidos para as provincias de Nordland e Gotland, bem como para as fortificações do litoral. —(Havas).

O REI DOS BELGAS

visita as tropas

BRUXELAS, 2.—O rei Leopoldo realizou a sua 25.ª viagem de inspecção desde o principio da guerra. O soberano visitou especialmente as regiões inundadas e conversou com muitos oficiais, exprimindo a opinião de que as suas visitas lhe fortaleceram a impressão de que as fortificações belgas se encontram em excelentes condições. — (D. N. B.).

A guerra no mar

Base alemã no cabo Horn?

BUENOS AIRES, 3. — De fonte autorizada sabe-se que o governo do Chile pediu a ajuda da Argentina para localizar a base secreta alemã, que se diz estar instalada nas proximidades do cabo Horn. — (United Press).

Vapores alemães que se fazem ao mar

MEXICO, 3—Tudo leva a supôr que dois vapores alemães refugiados em Vera Cruz se aprestam a sair para o mar. Trata-se do «Arauca» e do «Columbus». O primeiro já tomou combustivel e o segundo está a tomá-lo. Este ultimo carrega em Anton Lizardo 20.000 barricas de mazute, vindas de Manatitlan, pelo petroleiro mexicano «Cauthemoc». Desconhecem-se os destinos dos dois vapores mas segundo o comandante do «Arauca», éste barco demandará um porto dos Estados Unidos.—(Havas).

Os holandeses não querem arriscar o «Baloeran»

AMSTERDÃO, 3. — A Companhia

Soldados escoceses dirigem-se para as linhas, onde vão cavar novas trincheiras

INICIATIVA DE QUE NÃO VOLTOU A FALAR-SE

LISBOA E' A CIDADE MAIS BARULHENTA DO MUNDO

mas a comissão contra os ruidos não pode fazer nada pela simples razão de ter deixado de existir...

Lisboa não é uma das maiores cidades do mundo, mas é, certamente, uma das mais ruidosas. E, se é certo que isso representa, de algum modo, um indice da civilização dum povo, não é caso para nos felicitarmos...

Os homens de ciencia que lá fora e em Portugal têm estudado o problema chegaram a conclusões que cada um que não seja completamente bronco compreenderá facilmente: o ruido prejudica os doentes e torna por vezes doentes os sãos; uma das enfermidades que eles provocam com mais frequencia é a surdez; deminuem, e por vezes chegam a anular completamente o rendimento do trabalho intelectual; exercem uma acção terrivel sôbre o sistema nervoso, alterando a pressão arterial e produzindo desequilibrios por vezes fatais; e têm sobretudo uma influencia nefasta no desenvolvimento das crianças. Sendo assim, por que não se trata *a valer* de eliminar, ou de atenuar a acção dêsses inimigos publicos?

Constantemente se ouvem e se lêem remoques acêrca da comissão impropriamente chamada por muitos de *Ruidos*, e que pela Camara Municipal foi «incumbida de estudar a possibilidade de reduzir e eliminar os ruidos provenientes da actividade da cidade de Lisboa», por proposta aprovada em novembro de 1932. E a circunstancia de não serem justos esses ataques leva-nos a rememorar, embora resumidamente, o que se passou:

Em primeiro lugar, não foram os clamores contra os ruidos que provocaram a nomeação da comissão; foi, pelo contrario, a acção desta que provocou a intensa campanha que então se fez contra a barulheira infernalque reinava—e cada vez é maior—na capital.

Dados os inconvenientes da continuação dos ruidos que afligiam a população, e ponderadas tambem as numerosas reclamações existentes, a Junta Urbana de Higiene—de que era presidente nato, na sua qualidade de presidente do Municipio, o sr. general Vicente de Freitas—lembrou a conveniencia de se estudar o problema e de lhe ser dada solução adequada. E aquele oficial propôs em sessão da Camara de 3 de novembro de 1932, a nomeação da referida comissão, composta dos srs. major Salvação Barreto, então vereador do pelouro do Matadouro, dr. José Silva Passos—que havia muitos anos se dedicava com entusiasmo ao estudo da questão—e engenheiro Antonio Lameira Bueri, chefe da Secção de Transportes Gerais da Camara.

A comissão «Mata o barulho», como o povo lhe chamou, imediatamente lançou mãos á obra, convocando todas as entidades interessadas no caso e pedindo-lhes alvitres. O *Diario de Lisboa* esteve representado nessas reuniões, e estamos, assim, habilitados a afirmar que se trabalhou intensamente, com metodo e com vontade de chegar a resultados práticos. A referida comissão pediu aos jornais que mostrassem ao publico os inconvenientes dos ruidos e a necessidade de os atenuar ou anular. E, como pediu a toda a gente que tivesse ideias sôbre o assunto que lhas comunicasse, recebeu e teve de abrir, lêr, catalogar, «aproveitar», enfim, muitos milhares de cartas. E, ouvidas as entidades cujo parecer era de ter em consideração escolhidos os alvitres que continham qualquer conclusão prática, depois de alguns meses de aturado trabalho, apresentou, em 23 de março de 1933, á comissão administrativa do Municipio, um relatorio com as soluções que julgou mais convenientes para o problema. E, «ipso facto», dissolveu-se. Não têm, pois, razão os que criticam, por esta simples razão: porque ela não existe, já ha meia duzia de anos...

A barulheira continua! E no entanto...

Reparada esta injustiça, que tantas vezes se tem repetido, vejamos quais as principais conclusões a que a referida comissão de estudo chegou e que bem mereciam ser aproveitadas, para bem da população de Lisboa:

A finalidade mais interessante—segundo o relatorio— consistiria na determinação das zonas mais ruidosas da cidade, a fim de as sanear o melhor possivel, sem prejuizo do transito e sem pretendermos emmudecer o burgo, como exageradamente se poderia julgar.

Mas...

Mas a falta de numerario impediu a realização dêsse esfôrço utilissimo para a causa, visto que os instrumentos de precisão, destinados ás investigações necessarias, além de serem caros, não são de facil aquisição.

Dêste modo, apenas lhe restou o recurso de se embrenhar um pouco nos estudos efectuados por entidades de incontestavel categoria cientifica, compulsando livros e revistas, para atingir dois propositos: pôr em relêvo um assunto ignorado entre nós, porque nada conseguiria apurar sôbre a existencia de quaisquer estudos em tal sentido, realizados por medicos, fisicos ou engenheiros; apresentar ás entidades superiores um parecer sôbre a forma de atenuar e eliminar alguns ruidos provenientes da actividade da população da capital, que, pela sua natureza, perturbem o sossêgo dos seus habitantes, embora se reconheça que o êxito depende, em grande parte, de uma inteligente regulamentação de transito de peões, conjugadamente com o estabelecimento de uma prática e compreensivel sinalização.

Os ruidos foram assim classificados:

Ruidos industriais: localizados e permanentes, devidos ao funcionamento de diversas industrias ou de trabalhos industriais transitorios executados na via publica; ruidos dispersos, ocasionados pelo transito de veículos mecanicos e hipomoveis.

Ruidos dispersos provenientes da actividade geral da cidade.

Ruidos especiais: resultantes da actividade militar, dentro da cidade; provenientes do toque de sinos; produzidos por cães.

Na impossibilidade de transcrever na integra as recomendações feitas a proposito de cada um dos casos, limitar-nos-emos a uma referencia curta aos mais importantes:

Foi proposta a proibição, dentro da cidade, de tudo isto: avisos sonoros, destinados a regular o movimento de pessoal em estabelecimentos industriais e comerciais por meio de apitos, sirenes electricas ou a vapor (que devem ser substituidos por sinos, sinetas e campainhas electricas, cujo som não tenha uma duração superior a 15 segundos); novas instalações industriais cujos maquinismos produzam ruidos que possam perturbar o sossêgo dos habitantes, sem prévia indicação tecnica sôbre isolamentos; o funcionamento de maquinismos particularmente ruidosos e os trabalhos de bate-chapas das 21 horas ás 8; trabalhos ruidosos na via publica perto de habitações, das 19 ás 8 (exceptuando-se, claro, os trabalhos urgentes e inadiaveis das companhias sujeitas a contratos com a Camara, mas mesmo assim com o menor ruido possivel); que as actuais instalações fabris continuem em plena laboração, sem a inspecção tecnica para reduzir os seus ruidos; reparar ruidosamente na via publica automoveis e motocicletas; travões mal afinados; escape livre ou silenciosos deficientes; conservar os motores em marcha acelerada durante o estacionamento; a aceleração ruidosa sem justificação tecnica; abusar de sinais avisadores sonoros, sobretudo do *klaxon*, estridente ou de sons multiplos; o uso do aparelho avisador sonoro entre as 0 e 30 e as 6 horas; passar junto de hospitais e casas de saude com velocidade superior a 15 quilometros para autos ligeiros, salvo em caso de transporte de feridos, e a 10 para veículos de carga, e usar durante essa passagem avisador sonoro; as experiencias de avisadores sonoros, a afinação de motores com o escape livre e acelerações ruidosas, realizadas em garagens instaladas em propriedades habitadas por pessoas estranhas ás mesmas, entre as 22 e as 8 horas; sinalizar ruidosamente sem justificação; que o avisador sonoro seja empregado com um fim diverso que não seja apenas o de avisar os peões; o transito de camiões e camionetas com *bandages* maciças (sendo, todavia, permitidas as *bandages* semi-pneumaticas); a circulação de camiões e camionetas com velocidade superior a 20 quilometros; descarregar ruidosamente na via publica materiais que, pela sua natureza, dêem lugar a ruidos que possam perturbar o repouso dos habitantes; a circulação de veículos hipomoveis com rodados guarnecidos de aros metalicos, com andamento superior ao passo (só sendo permitido o andamento a trote se os rodados fôrem guarnecidos com *bandages*); o abuso do avisador sonoro dos carros electricos; o transito de zorras sem *bandages* nos rodados; e o uso abusivo dos silvos das locomotivas, sobretudo na passagem de nivel junto ao hospital do Rego e nas gares urbanas, não devendo cada silvo prolongar-se mais de 3 segundos, a não ser em caso de absoluta necessidade.

Isto quanto á primeira classe de ruidos. Quanto á segunda, propôs-se a proibição de: pregões clamorosos, devendo as ofertas de qualsquer mercadorias ser vocalizadas e não cantadas; musicos e cantores ambulantes; aparelhos de T. S. F. ou grafonolas regulados de modo a incomodar a vizinhança; bater tapetes, carpetes ou passadeiras; possuir animais que prejudiquem o sossego da vizinhança, desde que esta reclame; ensaios de filarmonicas (instrumentos de sôpro e de corda) e estudos individuais com os mesmos instrumentos, depois das 22 horas; bailes campestres e outros, realizados em sociedades de recreio, depois da meia noite (exceptuando-se, é claro, as festas nacionais e os folguedos de caracter tradicional).

Quanto aos ruidos especiais—isso é outra historia:

Enumerando as principais queixas, referentes aos ruidos resultantes da actividade militar (entre os quais as dos hospitais da Estefania e do Rego, que dizem que «estes ruidos são a causa do aumento das contracções nos doentes ali internados, portadores de meningites e tétanos»), pede-se ao sr. ministro da Guerra que transfira os quarteis para fora da cidade, ou procure remediar o que está acontecendo, da melhor forma possivel.

Quanto aos toques dos sinos, a comissão consultou o sr. Cardial Patriarca, que disse que os referidos toques são mais uteis na aldeia do que propriamente nas cidades, porque, sobretudo, têm o fim de chamar os crentes de longe á missa; que nas cidades não podem ser totalmente suprimidos, por fazerem parte da liturgica; mas que é, entretanto, possivel reduzir o seu uso, sem prejuizo do culto.

Outro assunto não menos dificil de solucionar — diz o relatorio—é o da existencia de cães dentro da cidade, a viverem em franca promiscuidade com o homem, muitas vezes em precarias condições higienicas. Além do exposto, o latir, o uivar, enfim, todas as manifestações proprias da raça canina, manifestações que irritam, que perturbam o repouso de quem dele carece e a ele tem direito, impõem medidas que urge pôr em prática sem subterfugios. A comissão resolveu, pura e simplesmente, perfilhar a proposta apresentada pelos representantes do «Club dos Caçadores Portugueses», do «Livro Português de Origens para as Raças Caninas» e do jornal «O Caçador», pedindo: que sejam aplicadas multas aos possuidores de cães que se prove que sem motivo perturbam o sossêgo habitual da cidade durante as horas da noite; que não sejam passadas nóvas licenças para possuir animais de raça canina em casas sem quintal, quando a isso se oponham os vizinhos, moradores dos andares laterais ou imediatamente superiores ou inferiores, que deverão justificar a sua oposição por escrito; aos impetrantes das licenças nas condições atrás referidas, cabe o recurso, fundamentado para a Junta Urbana de Higiene, que resolverá em ultimo caso.

Como se vê, ideias não faltam. O pior é que os ruidos—ainda são mais...

Neste «Caderno Especial», damos dois momentos do dramático desenvolvimento da Segunda Grande Guerra Mundial. Na quarta paágina noticiamos: «O desaparecimento da nação Checo-Eslovaca». As tropas da Alemanha nazi tinham ocupado a cidade de Praga. Na bela capital checa, o general hitleriano Hepner ditava a vontade do Fueherer e para os povos checo e eslovaco a vontade do ocupante fascista seria, durante anos, a lei.

No final do ano, combatia-se nas fronteiras da Bélgica e da França. Na nossa primeira página, a fotografia do paquete alemão «Watussis» que, tendo saído de Lourenço Marques e tendo sido descoberto por avições da África do Sul, fora afundado pela tripulação ao largo do Cabo da Boa Esperança.

Em 1939, como hoje, já os lisboetas se queixavam de Lisboa ser «a cidade mais barulhenta do Mundo». A «Comissão contra os ruídos...» deixara de existir sem, pela inoperância, deixar saudades.

Anunciava o «Diário de Lisboa»: um grande triunfo do cinema português. Depois de ter «arrebatado o Porto» — calcule-se! — a «Aldeia de Roupa Branca» de Chianca de Garcia — colaborador e amigo do «DL» — ia correr mundo com Beatriz Costa. Os diálogos tinham sido escritos pelo Dr. Ramada Curto. O «Diário de Lisboa» arquivava as opiniões dos jornais do Porto sobre o filme que arrebatara a segunda cidade do País.

No Casino do Estoril — veja-se o anúncio — os preços eram «módicos» e «especiais».

E o «Sempre Fixe» saía, remando contra a Censura.

CASINO ESTORIL

Preço: Esc. 20$00
Preco: 12$50
Aos sabados: Jantar a Americana
Nos restantes dias: Jantar dançante

Bilhetes especiais:

Todos os dias, excepto sabados e domingos **Combolo,** (2.ª cl ida e volta) e **Jantar ou Ceia, Esc. 16$,** incluindo Taxas, serviço, autocarro da Estação ao Casino e entrada. **TODOS OS DIAS: combolo,** (2. cl, ida e volta) **autocarro** da Estação ao Casino, **entrada** e um **vale** de Esc. 2$50 para consumo no Restaurante e Bars do Casino **Esc. 12$50.**

A' venda nas bilheteiras do Cais do Sodré

Aos sabados: Concerto ás 16 e 30 horas pelo **QUINTETO PAULO MANSO**
Todos os dias; de tarde cha dansanta excepto sabados e a noite baile e cineme **Orquestra Portugal.**

Sena Sugar Estates, L.da
Avenida da India—LISBOA

Leiam o

sempre fixe

UM GRANDE TRIUNFO DO CINEMA PORTUGUÊS

Os saloios da «Aldeia da Roupa Branca»

depois de terem arrebatado o Porto

vão correr mundo

BEATRIZ COSTA

a grande interprete do filme

Nem sempre o Porto tem a mesma opinião de Lisboa—em materia teatral e cinematografica. Não é uma rivalidade, é uma competencia critica que, parecendo dividir as duas cidades, a-final, as completa, no mesmo resultado total: bom teatro e bom cinema, com as particularidades proprias, especificas, do seu ambiente, do tipo da vida de cada uma e do seu consenso artistico. Desta vez, porém, deram-se as mãos. O triunfo que obteve em Lisboa, «A Aldeia da Roupa Branca», de Chianca de Garcia, repetiu-se no Porto noutro triunfo caloroso, entusiastico, que desencadeou um movimento unanime da critica, e uma tempestade de aplausos do publico na noite de estreia, cujo eco se tem plolongado. O caso é singular merece, de facto, relêvo destacante. Mas não é coincidencia, nem acaso, antes uma vitoria logica, obtida sem qualquer esforço, que, largamente, compensa o trabalho do realizador e das suas «équipes» artistica e tecnica.

«Aldeia da Roupa Branca» tem por si uma grande verdade: o ser humana. Daí o seu exito franco e absoluto. Quem afirmou já que só os «casos» nitidamente locais se podem universalizar? Se Portugal, dentro das suas coordenadas geograficas, tem de ser português, lá fora, na Europa, ou nas Americas, o que interessa é que ele se apresente com a sua fisionomia caractristica, isto é, com o seu barrete saloio, se o usa, ou com os seus grossos safões de peles, e ainda os veste. Tudo quanto não seja isto, é copiar, é imitar, mais ainda, desfigurar.

Não admira, pois, que o Brasil, que, ultimamente, parecia querer, quanto á chamada produção de lingua portuguesa, limitar-se á sua, tenha feito já propostas formais para a aquisição da «Aldeia», em optimas condições. Escusado é encarecer a importancia desta noticia, que não se deve, apenas, encarar sob o aspecto material, mas tambem sob o aspecto artistico—que é, talvez, mais valioso. O mais curioso, porém, é que exibidores franceses e ingleses tambem se interessam pela compra do filme. Veremos um dia a linda obra de Chianca de Garcia em Paris e Londres?

E' possivel! Se ha vitorias totais—a da «Aldeia» é uma delas. Os saloios da Malveira vão ver mundo! Quem diria?

CHIANCA DE GARCIA

O brilhante realizador da «Aldeia»

O «Comercio do Porto», numa critica decisiva, diz:

O cinema português — já tão fertil em produções que, adentro das nossas possibilidades cinematograficas, marcam, indubitavelmente, um esfôrço notavel e uma obra magnifica — conta com mais um filme que vem vincar ainda mais todo o poder dessas nossas possibilidades.

O novo filme nacional Aldeia da Roupa Branca *— ontem estreado, com manifesto agrado perante numeroso publico, no* Rivoli *— é, diga-se afoitamente, uma produção que, prestigiando sobremaneira todos aqueles que, com inteligencia, a ela meteram ombros, vem valorizar, grandemente, e isto sem favoritismo nem simpatia, o panorama do cinema português.*

E' mais um passo, é mesmo um grande avanço na produção nacional, já que Aldeia da Roupa Branca *tem passagens — muitas mesmo! — que se podem comparar ao que de melhor se tem feito lá fora.*

Não é o patriotismo que assim nos faz falar — é, apenas e simplesmente, o veemente desejo de render culto á verdade e de, desassombradamnte, enaltecer aquilo que é nosso e que muito vale — que muito mérito tem pelas suas proprias qualidades de triunfo, pelos seus proprios aspectos de valor e pela preciosa e pujante sôma de trabalho e esforços que custou e que tão nobilissimamente foi dispendida e guiada no simpatico e louvabilissimo desejo de criar, com exito e brilho, com luminoso vulto e segurança absoluta, novos e grandiosos aspectos ao cinema lusitano.

Chianca de Garcia afirmou-se em toda a linha — impôs-se completamente. E' certo que criou maiores e mais pesadas responsabilidades — já que esta sua notavel obra nos dá o direito de esperarmos da sua inteligencia, da sua arte e da sua proficiencia trabalhos de maior vulto cinematografico ainda.

Aldeia da Roupa Branca *é, por assim dizer, uma anecdota côr de rosa, amavel, risonha, ingenua e simples que serve de aliciante pretexto, de sugestivo fio condutor a uma realização primorosa, exuberante de valores cinematograficos, como essas formidaveis cenas da corrida vertiginosa das duas galeras e da pancadaria das duas filarmonicas. A cena em que uma das carroças se despenha, com passageiros, cavalos, condutor e carregamento, por um precipicio é deveras empolgante. E' cinema do mais puro e do melhor.*

Chianca de Garcia, com uma nitida visão e uma segura mão de mestre, conduziu todo o filme, desde a primeira até á ultima manivela, com talento — resultando de al uma obra a que o publico assiste com interesse crescente e que o entusiasma e encanta.

Ramada Curto e Chianca de Garcia fizeram o argumento, dialogo e letra com observação e flagrancia — localizando o filme num meio-ambiente cheio de côr e caracter, e dum sabôr tão adoravêlmente português, em que a salutar graça lusitana vibra triunfalmente.

E Chianca, como realizador, deu forma e vulto notaveis a esse trabalho, aproveitando — para os valorizar — todos os detalhes, todos os pormenores.

Valoriza, grandemente, o filme a sua excelente fotografia e a sua adoravel musica. Raul Portela e Raul Ferrão musicaram, bela e inspiradamente, o filme, sendo verdadeiramente encantadoras as canções e os fados. Dentro de pouco tempo essas musicas andarão por aí popularizadas, tendo já Valentim de Carvalho, de Lisboa, divulgado algumas dessas canções. Aquilino Mendes deu ao filme uma fotografia excelente, preciosa, admiravel, em que se sente toda a luminosidade do nosso sol, e que tanto faz destacar a beleza dos exteriores. Magnifico tambem o som.

Excelentes a interpretação e a colaboração das grandes massas de comparsaria — e que tão lindos córos cantam.

Beatriz Costa apenas com o senão dumas sobrancelhas manifestamente á moda — tem uma notavel criação.

O «Jornal de Noticias» é tambem expressivamente eloquente. J. R., depois de aludir a uma opinião de Mandelstamm, escreve:

Este depoimento, seguro e justo, aplica-se como uma luva á Aldeia da Roupa Branca, *o admiravel filme de Chianca de Garcia que, por gentilissima deferencia da Empresa do Teatro Rivoli, vimos ontem em sessão privativa destinada á Imprensa.*

O cinema Português marca nova baliza. Não estaciona. Vence e supera todas as deficiencias tecnicas pelo factor humano, pelo espirito critico e construtivo. Devem aperceber-se disto, honradamente, todos os que louvam os filmes estrangeiros, ainda os mais inconsistentes e frivolos, A Tobis *não reproduz nem pode reproduzir entre nós os studios famosos de Hollywood; mas, com a prata da casa, mercê de realizadores como Chianca de Garcia, é possivel realizar filmes que, como este, longe de nos dignificar, nos ennobrecem.*

Tenhamos a coragem das nossas opiniões — não regateando a Cesar o que é de Cesar. Chama-se á Aldeia da Roupa Branca *— «a cronica pitoresca duma aldeia de lavadeiras». O termo, longe de amesquinhar a obra, engrandece-a. Chianca de Garcia conta-nos sem esfôrço, por imagens singelissimas, por vezes empolgantes, a historia duma rapariga do campo — Gracinda — tomada de grande amor pelo filho do seu padrinho. E a historia flue em graça, ora sorridente, ora emotiva, sem violencias tragicas, ao acaso daqueles corações ainda virgens de ambições criminosas. Ha duas familias que se detestam cordialmente. Duas familias que, como é corrente em muitas aldeias e vilas portuguesas, procuram chegar a brasa para a sua sardinha. Essas desinteligenciass sustentam a acção, dão-lhe corpo, mais, dão-lhe alma. Justificam racionalmente a cena da romaria — duas filarmonicas em guerra para a conquista dum corêto — tão português, tão humano, tão dos nossos usos e costumes. Dão ainda motivo a essa dramatica e empolgante corrida das galeras, dum dinamismo arrebatador, unica, até agora, no cinema nacional.*

Cronica, sim, pitoresca, bizarra, portuguesissima, colorida cronica, de fôrça centripeta, cronica que todos nós havemos de «lêr» e «relêr» — tanto ela nos fala á alma, tanto ela nos diz ao coração.

Dum tema singelissimo, que, a principio, parece querer extinguir-se por inconsistente — Chianca de Garcia tirou o maximo partido. Ha pormenores, bem marcados em decisivos primeiros planos, que documentam e certificam a nobreza do espirito do realizador — auxiliado por um grupo potente de artistas. E não é apenas nos famosos «clous», já citados, que a visão artistica — internacional — de Chianca de Garcia se exerce com superior criterio e superior inteligencia. Repare-se, de entrada, nas cenas junto á ribeira, na aparição, tão natural e fresca, de Gracinda (Beatriz Costa). Depois, sem uma transição brusca, sem o mais ligeiro hiato, em todas as cenas em casa do pai do Chico e da tia Miquelina, dadas com um ambiente exactissimo, trescalando a campo, a gado e a feno — numa aldeia construida num «studio»! Lisboa, a cidade, é, neste filme, apenas um vago motivo de atracção — a explicar a aparente deserção de Chico. O realizador, para criar solidamente a sua obra, não precisou de afastar-se da alma simples e lirica das suas personagens. E de Lisboa mandou á terra saloia o fado, como tentação demoniaca, tentação que prende — mas não basta para explicar uma fuga. Em boa hora o fez! Pudemos, assim, ouvir Herminia Silva com uma voz diferente — mais perto da nossa alma, mais molhada de lagrimas.

DR. RAMADA CURTO

que escreveu os dialogos da «Aldeia»

E «O Primeiro de Janeiro» numa lucida critica, assinada por «M.», sintetizou, admiravelmente, os elementos de êxito da «Aldeia»:

«Podem não aparecer com a frequencia desejada os concursos financeiros para sucessivas produções. Podem até os recursos de material tecnico serem, por vezes, insuficientes. Mas é inegavel que dispomos de realizadores com perfeito sentido da profissão a que se dedicaram e de um nucleo de colaboradores muito apreciaveis, na parte que diz respeito á interpretação artistica.

«A aldeia da roupa branca» é uma clara demonstração dessas possibilidades. Sem recorrer a obras romanticas de sucesso conquistado, Chianca de Garcia pensou num assunto bem português, uma anecdota nova, cuja acção decorre, no maior numero das cenas em que se divide, numa aldeia dos arredores de Lisboa. E produziu uma obra movimentada, plena de interesse. O argumento tem, por vezes, pouca consistência. Mas é tratado com vivacidade. De quando em quando uma impressão fugitiva de lirismo. O aspecto pitoresco alarga-se em manchas caracteristicas, em pinceladas fortes. Um profundo sentido de humanidade envolve todo o filme. A comédia harmoniza-se á farsa, em transições suaves e de surpreendente efeito. Os personagens são fotografados sem retoque. Não aparecem como figuras artificiais. Encontramo-los facilmente ao longo da estrada da vida.

A historia das duas familias, que se degladiam num jogo de interêsses, é conduzida com habilidade e prepara-nos um desfecho de imprevisto, absolutamente teatral.

Para impôr aos exigentes «A aldeia da roupa branca», quando outros factores de merecimento não reunisse o filme, bastariam as duas dinamicas cenas, a corrida das galeras a caminho de Lisboa e a desordem em pleno arraial, para documentar bom cinema.

A primeira dessas passagens movimentadas assinala um momento de intensa emoção. A segunda, mantendo no espectador o mesmo palpitante interêsse, fornece-nos um quadro de estupenda realidade, bem português, com imprevistas notas comicas.

O filme, que Chianca de Garcia realizou com inteligencia, teve bons colaboradores.

Beatriz Costa—«vedeta» do teatro ligeiro e do cinema—está perfeitamente dentro do seu emprêgo. Juntou mais um excelente trabalho á sua galeria de interpretações. Compôs a figura a caracter. E deu-lhe vivacidade, sentimento e saudavel alegria. Beatriz Costa fez a saloia com relêvo pitoresco.

Manuel dos Santos Carvalho desempenhou-se do seu personagem com propriedade. Como é um actor, não encontrou dificuldades nêste seu trabalho para o cinema. E' perfeito de naturalidade.»

ANO 48.º QUARTA-FEIRA, 15 DE MARÇO DE 1939 N.º 5858

IV

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOAO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

O DESAPARECIMENTO DA NAÇÃO CHECO-ESLOVACA

As tropas do Reich ocuparam esta manhã a cidade de Praga

Na antiga capital checa as ordens são dadas pelo general alemão Hepner

O Fuehrer seguiu, em comboio especial, com destino ao territorio da Boemia

Quem vem lá?

Não ha duvida — a Alemanha cresce formidolosamente, por um sistema que consiste em poupar a polvora e afirmar as suas boas intenções. A Checo-Eslovaquia desaparece como os letreiros que vão perdendo as vogais e as consoantes, sem que deles fique mais que uma vaga lembrança. A ida a Berlim do presidente Hascha, com o seu fiel ministro dos Estrangeiros, significa que Hitler segue uma politica de exitos matematicos em que todas as curvas se transformam em rectas — no sentido de Berlim.

Quem pensará em contrapor-se-lhe?

Como é que a Inglaterra e a França hão de intervir, se agora são as proprias nacionalidades que, para se garantirem, invocam a protecção de Hitler?

Segundo Virgilio, o poeta de Roma e do Imperio, no local em que fôra a soberba cidade de Troia, nada se encontrava de pé, depois da conquista, a não ser ruinas, ruinas, muitas ruinas. O Epico exclama:

— *Hic fuit Troia!*

A Checo-Eslovaquia, depois de feita em pedaços, oferece ao mundo uma reedição do mesmo percalço.

Chamberlain ainda ontem no parlamento declarou que as fronteiras estabelecidas e sancionadas pelos acordos de Munich seriam inalteraveis, até contra quem ousasse transpô las Vinte e quatro horas depois, as tropas alemães apoderam-se da Boemia e da Moravia e as hungaras penetram na Rutenia.

Os acontecimentos desenham-se nitidos em seus contornos, não permitindo ilusões nem quimeras: o ocidente hesita e vacila e o oriente oferece-se ás ambições como um rico fruto no muro dum pomar. Os russos, na previsão cautelosa do futuro, começam a retirar da Ucrania tudo que um invasor absorvente e impetuoso pode necessitar para alimentar os seus exercitos e iniciar uma ocupação fecunda e demorada. E'-lhes, porém, impossivel transportar o solo e o sub-solo, com as suas enormes riquesas, que os modernissimos metodos de exploração agronomica e mineira prontamente convertem em fontes de bem estar.

Estamos na hora do materialismo: falecem as utopias e triuntam os apetites. Era de prever que, após um deboche de sonho inspirado no desejo de construir a Cidade do Sol, brotasse das raizes do nosso ser o intuito de a destruir.

Hitler e Mussolini estão fora dos calculos optimistas em que se comprazem os criadores de luas: possuem essa cousa temivel que se chama a vontade de vencer e dominar. Lloyd George não se enganou a tal respeito. A guerra vem-se preparando como qualquer cousa de inevitavel e funesta, mas não nos esqueçamos de que ela é uma filha dilecta da indecisão e da oratoria que se espanejam e volatizam como o fumo.

Que enorme castelo de cartas a voar pelos ares!

Hitler, calmamente, com a firme confiança de cumprir uma missão divina, espera que o principio de que os povos teem direito a dispor de si se mostre fecundo em bençãos. Checos, eslovacos e ucranios todos se inclinam para ele, rogando-lhe que os ajude a conservar a sua liberdade. Se houvesse qualquer duvida acêrca do seu genio politico, o momento consagra-o na sua plenitude.

Enquanto os outros, vitimas de inhibições, de respeitos humanos, de discussões interminas e confusas atacados da melancolica incertesa sobre o valor da guerra como expansão do orgulho, caminham lentamente Hitler cotoca-os perante os factos consumados e diz-lhes ainda por cima:

—Seria criminoso da vossa parte que lançasseis a Europa num temeroso conflito, quando é certo que nós alemães não fazemos mais que satisfazer as aspirações legitimas de quantos apelam para o nosso auxilio.

BERLIM, 15—A ocupação da Checo-Eslovaquia pelas tropas alemãs começou a noite passada. Hoje, de manhã, a maior parte dos edificios publicos, em muitas cidades, encontrava-se já nas mãos dos elementos motorizados do exercito alemão.

A capital de Praga será ocupada por 8 batalhões de paraquedistas, que descerão dos aviões. As tropas checas receberam ordem para se concentrarem em diversas zonas designadas pelo exercito alemão. Os oficiais e sargentos checos só podem sair á rua vestidos civilmente.

Sabe-se que está interrompido todo o trafego de passageiros por caminho de ferro com a Boemia e a Moravia.—(Havas).

Um comunicado do comando supremo das tropas do Reich

BERLIM, 15—A Radio alemã deu ás 8 e 55 um comunicado do comando supremo do exercito alemão, dizendo que as tropas alemãs atravessaram a fronteira germano-checa na Boemia e na Moravia e que as unidades de aviação alemã sobrevoaram a fronteira germano-checa.

— A Imprensa desta manhã publica edições especiais sobre os acontecimentos. Em titulos enormes—«O povo checo sob a protecção do Reich» e em grandes caracteres os jornais reproduzem o comunicado oficial relativo ás conversações de Hacha com Hitler, a proclamação do Fuehrer e a sua ordem do dia ao exercito alemão.—(Havas)

A ocupação de Brno e de Praga

BERLIM, 15.—As tropas alemãs entraram esta manhã em Brno, na Moravia.—(Havas).

BERLIM, 15.—As tropas alemãs de infantaria comandadas pelo general Blaikowitz atingiram Praga ás 9 da manhã. Todas as linhas telegraficas com Praga estão ocupadas para uso dos militares.—(Havas).

O general alemão Hepner dará hoje as suas ordens em Praga

PRAGA, 15.—A Ceteka comunica que, na impossibilidade de se organizar a devida cerimonia, foi no Castelo desta cidade que o general alemão Hepner foi acolhido esta manhã, á sua chegada, pelo representante dos alemães na municipalidade de Praga e pelo presidente da mesma municipalidade. O general anunciou que daria as suas ordens, no decorrer do dia.—(Havas).

Hitler partiu para a Boemia

BERLIM, 15.—Hitler partiu para a Boemia. O embarque foi ás 8 e 30, na estação de Aubalter. O comboio especial em que seguia o Fuehrer era precedido por um outro comboio em que tomaram lugar os elementos da sua guarda pessoal e um batalhão do exercito, armado com metralhadoras e canhões anti-aereos.

Depois da partida foi anunciado oficiosamente que Hitler se vai juntar ás tropas que começaram a entrar esta manhã na Boemia e na Moravia.—(Havas e United Press).

Como se fez a entrada das tropas germanicas na capital checa

PRAGA, 15. — As tropas alemãs vão fazer a sua entrada em Praga, onde são esperadas.

Quatro auto-carros carregados de «schupos» já chegaram á entrada da cidade. Aqueles soldados procederam imediatamente á ocupação do edificio onde está instalado o comando da Policia.

Esta manhã, ás sete horas, instalaram-se altos-falantes nas encruzilhadas da cidade, os quais dão conta dos acontecimentos. A multidão aglomera-se em frente de um deles, que diz: «As noticias que anunciam a entrada das tropas alemãs em Praga e a ocupação da Boemia pelo exercito do Reich correspondem inteiramente á verdade». Os presentes consideram os acontecimentos inacreditaveis.

O alto-falante recomeça: «Nêste momento grave que estamos vivendo, dizemo-vos: estai serenos, conservai o vosso sangue frio e a dignidade como o fizesteis até ao presente».

As pessoas presentes estão hirtas e mudas, parecendo estatuas. O alto falante prossegue: «Os alemães resolveram festejar a entrada das tropas do Reich em Praga. Para isso, hastearam a bandeira da cruz suastica. Não provoqueis incidentes. Sêde dignos do passado do povo checo».

Os ouvintes não fazem o menor comentario. Algumas mulheres soluçam. Volta a fazer-se ouvir o alto-falante: «Estejam serenos. Não falem. Ide para as vossas ocupações habituais». Os carros electricos estão parados em filas interminas.

No centro das cidades os automoveis bloqueiam toda a circulação. As tropas alemãs entrarão em Praga no meio do maior silencio. Os jornais publicam, na primeira pagina, um apêlo á serenidade da população. Em frente dos Bancos

(Vêr continuação na pagina central)